



DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO COM REDAÇÃO FINAL

TRANSCRIÇÃO *IPSIS VERBIS*

CPI - TRÁFICO DE ARMAS

EVENTO: Audiência Pública e Reunião Ordinária	Nº: 0634/05	DATA: 19/5/2005
INÍCIO: 10h44min	TÉRMINO: 15h27min	DURAÇÃO: 04h43min
TEMPO DE GRAVAÇÃO: 04h42min	PÁGINAS: 143	QUARTOS: 57

DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO

ALESSANDRO SITON - Acusado de contrabando de armamento de uso restrito das Forças Armadas.
NELSON SITON JÚNIOR - Acusado de contrabando de armamento de uso restrito das Forças Armadas.
FERNANDO FRANCISCHINI - Delegado da Polícia Federal. Coordenador da Operação Março Branco, da Superintendência Regional da Polícia Federal do Paraná.

SUMÁRIO: Tomada de depoimentos. Deliberação de requerimentos.

OBSERVAÇÕES

Há intervenções inaudíveis.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Dentro de 2 minutos vamos iniciar a sessão. (Pausa.) Havendo *quorum* regimental para a oitiva dos depoimentos, dou início à 20ª reunião da Comissão Parlamentar de Inquérito destinada a investigar organizações criminosas do tráfico de armas. Esta reunião foi convocada para a realização de audiência pública com a presença dos Srs. Fernando Francischini, Delegado de Polícia Federal, Nelson Siton Júnior e Alessandro Siton, e ainda para deliberação de requerimentos. Convidamos o Sr. Alessandro Siton para vir à Mesa para iniciar o seu depoimento. (Pausa.) Essa é uma oitiva de testemunha. Então, eu gostaria de saber do Sr. Alessandro Siton se ele gostaria de prestar juramento de dizer a verdade.

O SR. ALESSANDRO SITON - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) Então, por favor, leia este texto.

O SR. ALESSANDRO SITON - *“Faço, sob a palavra de honra, a promessa de dizer a verdade do que souber e me for perguntado”.*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Em conformidade com o art. 210 do Código de Processo Penal, advirto o depoente das medidas culminadas ao crime de falso testemunho, assim descrito no Código Penal: *“Art. 342. Fazer afirmação falsa, ou negar ou calar a verdade como testemunha, perito, tradutor ou intérprete em processo judicial, ou administrativo, inquérito policial, ou em juízo arbitral”*. Sr. Alessandro, o senhor teve, eu acho que foi em 2003, um incidente com o senhor, em que foi pego um caminhão que o senhor estava dirigindo, e vários milhares de munição e algumas granadas também. Esta é uma CPI que apura o tráfico de armas. Então, o que o senhor teria a dizer para nos auxiliar nesse trabalho de combate ao tráfico de armas e, ao mesmo tempo, dar a sua versão pública do que lhe aconteceu também? Pois não. Tem a palavra.

O SR. ALESSANDRO SITON - Em 2003... Eu trabalho com transporte. Eu sou "transportista" autônomo. Em 2003, eu peguei um frete para a cidade do Rio de Janeiro, certo, de sacolas plásticas, para o supermercado Carrefour. Eu carreguei em São Paulo esse caminhão. Esse caminhão ficou na transportadora 3 dias carregando. E eu fui ao Rio de Janeiro com o intuito de ajudar um dinheiro para mim pagar a prestação do caminhão, porque esse caminhão é financiado. Chegando no Rio de Janeiro, eu fui abordado por policiais, e disseram que eu estava carregando



armamentos. Eu não tinha conhecimento desse armamento, mesmo porque o meu negócio era só ir lá descarregar sacola plástica e voltar para trás. Em razão dessa situação, eu fui preso. Fiquei 2 anos de reclusão, puxei 2 anos. E estou aqui para colaborar com vocês no que eu puder. Não tinha conhecimento desse armamento, não tinha conhecimento de pessoas que foram arroladas juntas na situação, e foi isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Deixa eu lhe falar algumas coisas. Quanto à questão do seu armamento, o senhor sabe que não pode mais ser julgado pelo mesmo crime.

O SR. ALESSANDRO SITON - Entendi.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então isso é bobagem. Dá para a gente falar tranquilamente sobre isso, sem problema e sem dano nenhum, porque inclusive o senhor já cumpriu parte da prisão, já deve ter saído e tal e tudo o mais. O que eu vejo aqui nos autos que nos foram entregues é que o senhor inclusive não atrapalhou o trabalho da Polícia, inclusive mostrou onde tinha o fundo falso na hora em que foi preso. Eu acho que em razão disso é que o senhor já está em liberdade. A CPI existe para a gente ver várias coisas, entre elas para vermos a sinceridade da pessoa que está falando. O senhor foi extremamente colaborativo quando foi feita a sua prisão, inclusive informando onde o Nelson estaria com o Oswaldo, no apartamento dele e tal, aquele negócio todo. Então eu gostaria de... Porque nós temos todos esses autos na mão. Então a gente viu tudo direitinho. Então eu gostaria de saber onde foi carregado aquilo no fundo falso.

O SR. ALESSANDRO SITON - Excelência, eu não tinha conhecimento desse fundo falso. Eu não indiquei onde estava fundo falso, eu não indiquei onde estava Nelson, e muito menos Oswaldo, mesmo porque eu não conheço, não conhecia esse Oswaldo Ferreira de Oliveira.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Aí é outra coisa que não bate, Alessandro, porque, na verdade, o Oswaldo esteve aqui e disse que te conhecia, conhecia a tua família, já esteve lá com os teus pais, inclusive. Quer dizer, aí não está batendo.

O SR. ALESSANDRO SITON - Não. Eu não tinha contato com essa pessoa. Ele conhecia o meu irmão. A mim, não.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ele disse que esteve lá na tua casa, inclusive. Qual é a cidade de que vocês são, lá na fronteira com o Paraguai?

O SR. ALESSANDRO SITON - Guaíra.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Guaíra, isso. Ele prestou depoimento aqui, disse que esteve em Guaíra, que te conheceu... Tinha maior relacionamento com o teu irmão, mas que te conhecia, conhecia até teus pais lá.

O SR. ALESSANDRO SITON - Excelência, conhecer e saber quem é diferente. Eu sabia quem era o Oswaldo, mas eu nunca tive contato com o Oswaldo, mesmo porque eu nem sabia onde ele morava no Rio de Janeiro. Eu não indiquei a nenhum policial onde que ele estava, onde que ele não estava, se ele estava com o meu irmão. Eu não indiquei nada disso. Foi o depoimento que eu prestei em juízo. (Pausa.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Está no relatório do Ministério Público que nos foi entregue. (Pausa.) Quanto ao réu Alessandro: *“Que após realizarem a vistoria do caminhão, e questionarem o seu condutor da existência de munição e material explosivo, o mesmo acabou por apontar o fundo falso da caixa de ferramentas do caminhão onde encontravam-se ocultados munições e explosivos; que no início o acusado Alessandro, condutor do caminhão, negou a existência de qualquer material em seu caminhão que não a carga de material plástico, aceitando posteriormente a apontar o fundo falso da caixa de ferramentas, fundo falso este que inclusive afirmou ter participado de sua confecção,...; que o acusado Alessandro, quando a munição ficou à mostra, demonstrou-se bastante nervoso; que melhor esclarecendo, o mesmo desde o momento da abordagem apresentou encontrar-se muito nervoso; que, no entanto, a reação do mesmo não foi de surpresa, já que foi o próprio quem apontou a munição”.*

O SR. ALESSANDRO SITON - V.Exa., eu fiquei surpreso, mas eu não apontei, porque eu não tinha conhecimento de fundo de falso. A primeira abordagem que eles fizeram para mim, me pararam na Avenida Brasil e me levaram para a Superintendência. Chegando lá, uma PF me levou no fundo da Superintendência e me disse: *“Olha, eu sei que você está carregado com arma, entendeu, e eu vou vistoriar o caminhão”*. O que eu fiz foi colaborar: *“Esteja à vontade, descarregue o*



caminhão, faça o que você quiser". Entendeu? Eu não tinha conhecimento de fundo falso. E eu fiquei surpreso sim. Poxa, estou indo no Rio de Janeiro, estou trabalhando, ao mesmo tempo a Polícia Federal me prende, entendeu, acontece um monte de coisa. De repente, a turma começa a fuçar para lá e para cá e acha aquilo ali, entendeu? Eu não tinha conhecimento de fundo falso. Não tinha conhecimento. Não apontei fundo falso, certo? Isso foi descoberto por eles. E eu confesso, eu fiquei surpreso e fiquei assustado com aquilo que foi achado dentro do meu caminhão, mesmo porque o meu caminhão ficou 3 dias carregando na transportadora. Eu entreguei meu caminhão na sexta-feira e peguei na segunda-feira. Deixei meu caminhão com chaves, com documentos e com tudo. O portão ficou trancado esses 3 dias, e eu peguei esse caminhão na segunda-feira, já carregado, com nota fiscal na mão, tudo amarradinho, as notas tudo certinho. Me disseram assim: "O destino é Rio de Janeiro". O que eu fiz foi vir para o Rio de Janeiro. Tanto é que eu parei na beira da estrada, eu peguei uma pessoa que descarrega caminhões, que a gente conhece como "chapas"... Eu peguei um chapa para mim no Carrefour, entendeu? Ao mesmo tempo, eu andei 2 quilômetros, eu fui abordado pela Polícia Federal, não reagi de forma alguma, mesmo porque eu não tinha conhecimento do que estava acontecendo, entendeu? Mas eu não apontei, em momento algum, fundo falso. Eu não apontei nada sobre Oswaldo...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tu foste condenado em que artigo?

O SR. ALESSANDRO SITON - Fui condenado no art. 334 e no art. 10. O 288 foi desqualificado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O 288 é o quê?

O SR. ALESSANDRO SITON - É formação de quadrilha.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Formação de quadrilha foi desqualificado.

O SR. ALESSANDRO SITON - Foi desqualificado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ficou o 334.

O SR. ALESSANDRO SITON - O 334, contrabando, descaminho; e o art. 10, porte ilegal de armas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então, se tu não sabias de nada, não fazias nada, tu foste condenado por quê?



O SR. ALESSANDRO SITON - Fui condenado porque acharam aquela munição dentro do meu caminhão. Quer dizer, tinha que ter um responsável por aquilo ali, não é mesmo?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E quem era? Era o teu irmão, então?

O SR. ALESSANDRO SITON - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Porque veja que ninguém chega num caminhão com munição inclusive falando assim: *“Olha, chegamos no caminhão e tal...”* Não acontece isso. *“No teu caminhão tem munição e tem explosivo”*. Nós estamos falando aqui... Foram o quê? Foram dezenas de milhares de cartuchos, o que não é pouco, e 50 granadas. Quer dizer, não é um negócio... Se tu dizes que não sabia de nada, quem é que armou para ti?

O SR. ALESSANDRO SITON - Excelência, eu tenho para mim que foi o pessoal da transportadora que introduziu aquilo lá, porque, ao mesmo tempo que eles me arrumaram o frete que eu precisava, eles fizeram questão de eu deixar o caminhão 3 dias carregando: *“Olha, a gente não pode carregar hoje, a gente só pode carregar... terminar... completar a carga durante a semana, durante o final de semana, e você só vai pegar esse caminhão na segunda-feira”*.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tu acusaste no processo o pessoal da transportadora?

O SR. ALESSANDRO SITON - Eu acusei o pessoal... Eu não acusei, eu falei em juízo que eu deixei o caminhão carregando 3 dias, e tudo leva a crer que aquele local era o local que me introduziram essa situação, porque o caminhão ficou 3 dias com chave, com documento, chave da caixa de ferramenta e tudo o mais. Quando eu fui pegar o caminhão, eles me arrumaram uma rota e me disseram assim: *“Você quer... você precisa... você tem interesse em ir para o Rio de Janeiro? O frete é bom. Você pode ir e voltar com sal para gente”*.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Agora, tu não achas muita coincidência a Polícia já estar investigando o teu irmão nesse problema do tráfico de armas?

O SR. ALESSANDRO SITON - Mas eu não tinha conhecimento que o meu irmão... disso...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eu estou só colocando.



O SR. ALESSANDRO SITON - Entendi. Perdão.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Porque, quando a gente tem uma versão, a gente tem que cuidar, porque ela entra em choque com outras coisas.

O SR. ALESSANDRO SITON - Entendi.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Teu irmão foi filmado em Foz do Iguaçu, teu irmão foi filmado fazendo contatos com pessoal. O Oswaldo era um intermediário com o Terceiro Comando. Teu irmão, coincidentemente, era muito amigo do Oswaldo. E no teu caminhão, que é irmão dele, é que vêm as armas que a operação mostrou. Quer dizer, veja que é um negócio meio sem sentido tu dizeres que é um terceiro que fez isso, quando toda a operação... Só foi descoberto o teu caminhão porque estavam monitorando o teu irmão. Então é simples.

O SR. ALESSANDRO SITON - Olha, excelência, pela...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tu passou pela... Esse caminhão fez que trajeto?

O SR. ALESSANDRO SITON - Eu saí de Cascavel, no Paraná, com uma carga de ferro-velho. Fui a São Paulo e carreguei sacolas plásticas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Antes de Cascavel, tu tinhas ido aonde?

O SR. ALESSANDRO SITON - Eu estava viajando, não tinha ido a lugar nenhum, porque já fazia 2 meses que eu não ia na minha casa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E tu estavas onde antes de Cascavel?

O SR. ALESSANDRO SITON - Eu fui ao Nordeste.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tu foste ao Nordeste antes de Cascavel.

O SR. ALESSANDRO SITON - Fui ao Nordeste. Voltei com frutas, descarreguei em Cascavel, na CEASA, arrumei uma carga de ferro-velho, entendeu, e dali eu fui a São Paulo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Aí tu deixaste essa carga de ferro-velho onde em São Paulo?

O SR. ALESSANDRO SITON - Em Curitiba.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Deixou em Curitiba.



O SR. ALESSANDRO SITON - Na empresa Gerdau.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Na Gerdau tu deixaste a carga de ferro-velho.

O SR. ALESSANDRO SITON - Exato.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Aí, de Curitiba tu vieste para onde?

O SR. ALESSANDRO SITON - Tudo começou assim, Excelência. Eu carreguei ferro-velho, em Cascavel. O pessoal falou assim: “*Você tem interesse em pegar um frete bom? Vai no Rio de Janeiro e a gente tem um retorno direto para cá*”. Eu falei: “*Dependendo do preço, eu tenho sim*”. Esse caminhão ficou carregando 3 dias nessa transportadora, que é junto com o ferro-velho. Me fizeram o mapeamento da estrada que eu devia fazer. Passei em Curitiba, descarreguei o ferro-velho. “*Você vai no posto da transportadora...*” — até me esqueci o nome — “*lá na transportadora você vai pegar um dinheiro referente à entrada do frete que você vai levar no Rio de Janeiro*”. Um adiantamento, que a gente chama. Dali eu fui a São Paulo. Em São Paulo eu carreguei e vim ao Rio.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Me diga uma coisa: quanto que foi pego de munição no teu caminhão?

O SR. ALESSANDRO SITON - Segundo o relatório da Polícia Federal, foram 20 mil cartuxos e as 50 granadas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Cinqüenta granadas.

O SR. ALESSANDRO SITON - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E 20 mil cartuxos.

O SR. ALESSANDRO SITON - Vinte mil cartuxos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - De diversas naturezas? (Pausa.) Eu vou deixar os Deputados perguntarem um pouco. Deputado Luiz Couto, tem a palavra V.Exa.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sr. Presidente, Srs. Deputados, o caminhão Scania placa AGC 8549 é da sua propriedade?

O SR. ALESSANDRO SITON - Da propriedade do meu pai.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Do seu pai. E você trabalha nele há quanto tempo?

O SR. ALESSANDRO SITON - Perdão, Excelência?



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Trabalha nele... Você diz que faz serviço de carga. Há quanto tempo o senhor trabalha nesse caminhão?

O SR. ALESSANDRO SITON - Esse caminhão fazia 60 dias que eu estava trabalhando com ele, que eu havia acabado de comprar ele.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E você já trabalhava em outros caminhões?

O SR. ALESSANDRO SITON - Sempre trabalhei com caminhões.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E que outros caminhões você teve, e que cargas você fazia, e para que região?

O SR. ALESSANDRO SITON - A gente mora numa região de agricultura. A minha família é agricultura, planta soja e mexe com gado. Entre o período de entressafra, que a gente não tem o que fazer, a gente sai para a estrada para viajar, para arrecadar um dinheiro para pagar a prestação. Quando a gente está em período de safra, a gente só puxa grãos.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Só grãos.

O SR. ALESSANDRO SITON - Só grãos: soja, milho, trigo...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O fato é que a Polícia Federal, ela apreendeu o seu caminhão, esse caminhão que você dirigia, na Avenida Brasil, por volta das 9h, na saída do Trevo das Margaridas, e a Polícia Federal conseguiu identificar que o senhor transportava, sem autorização, munições e granadas adquiridas clandestinamente no Paraguai, escondidas em um compartimento do veículo. Quer dizer... O senhor continua dizendo que não tinha conhecimento dessas armas e granadas?

O SR. ALESSANDRO SITON - Não tinha conhecimento. Eu nunca entrei com esse caminhão dentro do Paraguai. Nos autos do processo o senhor pode reparar que o pessoal fala que o meu caminhão foi localizado no Paraguai. O meu caminhão jamais entrou no Paraguai. Todo caminhão que entra dentro do Paraguai tem um registro, chamado ANTT, que você tem que ter esse registro para entrar dentro do Paraguai. Se o senhor puxar o meu registro ANTT, não existe nenhum registro com essa placa AGC 8549, porque toda entrada e saída do Paraguai é registrada pela ANTT. Eu nunca entrei com esse caminhão no Paraguai, como eu fui acusado de ter entrado no Paraguai e ter carregado essas munições dentro do Paraguai.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E quem é que... Você disse que estava carregando saco plástico.

O SR. ALESSANDRO SITON - Eu carreguei ferro-velho, depois eu carreguei saco plástico.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não, nessa...

O SR. ALESSANDRO SITON - Ah, sim! Correto. Sacolas plásticas.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sacolas plásticas que ia entregar ao Carrefour, no Rio de Janeiro.

O SR. ALESSANDRO SITON - Correto: 3 entregas no Carrefour.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Esse caminhão... ficou alguém carregando essa carga? Quem foram as pessoas responsáveis pelo carregamento?

O SR. ALESSANDRO SITON - Foi o pessoal da transportadora mesmo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E Nelson? Nelson é seu irmão?

O SR. ALESSANDRO SITON - Correto.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Nelson teve alguma coisa a ver com o carregamento desse carro?

O SR. ALESSANDRO SITON - Não, muito pelo contrário. Fazia muito tempo que eu não via meu irmão, que eu não tinha contato com ele, porque eu vivo viajando.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas é o seguinte: no seu caminhão foram encontradas armas e granadas. O senhor disse que não tinha conhecimento. Alguém carregou. Ou seja, de quem é a responsabilidade pelo carregamento? A Polícia estava lá. Naquele carregamento, ou seja, que você trazia, como você disse, de sacolas plásticas tinham outras coisas que não eram sacolas plásticas. Ou seja... O motorista do caminhão, ele acompanha o carregamento, para saber se o carregamento está de acordo com aquilo. Ou o senhor entregava para alguém? Quem era o responsável pelo carregamento? O senhor só fazia dirigir?

O SR. ALESSANDRO SITON - Como eu havia dito aqui no começo, esse caminhão, quando ele foi carregar... (*Pausa.*)

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Diga.

O SR. ALESSANDRO SITON - Como eu havia dito aqui a V.Exa., a carga não estava completa. Eu deixei o caminhão na transportadora 3 dias para carregar. Deixei com chave, com documento, chave de ferramenta...



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Que transportadora?

O SR. ALESSANDRO SITON - Em São Paulo. Não lembro o nome.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não lembra o nome?

O SR. ALESSANDRO SITON - Não lembro o nome.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor deixa um caminhão com chave e tudo numa transportadora. Ou seja, o senhor só deixa chave quando o senhor tem confiança. Ou seja, na realidade, o senhor não sabe o nome da transportadora. Mas quem era o dono da transportadora?

O SR. ALESSANDRO SITON - Eu não lembro. O senhor sabe o que acontece, Excelência? Isso é um trabalho que é feito por todos os motoristas, não é só por mim, você chegar e deixar seu caminhão para carregar.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mesmo... Quer dizer, a responsabilidade por qualquer coisa que acontecer no caminhão, ou seja, durante...

O SR. ALESSANDRO SITON - Eu deixei a chave do caminhão porque eles precisam manobrar o caminhão lá dentro e tal. Você tem que deixar a chave. Isso é um trabalho normal.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. Mas o senhor já tinha ido outras vezes nessa transportadora?

O SR. ALESSANDRO SITON - Não, não. Primeira vez.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Primeira vez.

O SR. ALESSANDRO SITON - Primeira vez.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - É, eu acho estranho que uma pessoa chegue sem conhecer, não saber o nome, deixar durante 2 dias um caminhão, que depois, nesse caminhão, que, segundo você, traria saco plástico, ou seja, a Polícia encontrou munições e granadas e armas, ou seja, adquiridas no Paraguai e escondidas no compartimento do veículo... Mas é também dito de que você tinha conhecimento disso e que você carregava essa carga que vinha, de munições e granadas, que era para abastecer os traficantes do Rio de Janeiro ligados à facção Terceiro Comando. O senhor teve alguma relação com alguém do Terceiro Comando do Rio de Janeiro?

O SR. ALESSANDRO SITON - Eu vou lhe ser bem sincero. Eu só vim a saber que existia essa situação chamada facção quando eu fui preso naquele lugar. Eu nunca tive contato com traficante, com bandido, com nada disso. Eu sou do Sul,



não tenho conhecimento de Rio de Janeiro. Vim conhecer isso quando eu estava preso no Rio de Janeiro, que no Rio de Janeiro tem facções, que o senhor sabe muito bem. São diversas facções que tem naquele lugar. Nunca tive contato com ninguém. Vim a observar essa situação quando eu estive preso lá.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Só uma pergunta: qual é o presídio em que estava preso?

O SR. ALESSANDRO SITON - Presídio Ary Franco.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E qual é a facção que cuida desse presídio?

O SR. ALESSANDRO SITON - Esse presídio, ele é um presídio que acumula dentro dele todas as facções: Comando Vermelho, Terceiro Comando e os chamados ADA.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - No caso de... ADA é "Amigo dos Amigos", é outra facção. Mas veja o seguinte. O senhor estava nessa prisão. Era a mesma prisão em que estava o Oswaldo e o Nelson?

O SR. ALESSANDRO SITON - O Oswaldo foi para lá no começo, que a gente ficou na ala da Polícia Federal, que é uma ala que não tem facção, uma ala separada dentro do presídio. E de lá o Oswaldo foi transferido para o Presídio Bangu II. E eu permaneci no presídio. Logo então veio a condenação. Eu fui convidado pelo diretor a trabalhar juntamente com o pessoal lá em cima.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor disse que não conhecia o Oswaldo.

O SR. ALESSANDRO SITON - Eu nunca tive... Assim, não conhecia como o meu irmão. Eu só sabia quem era Oswaldo, mas eu não conhecia ele.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas o Oswaldo disse aqui que tinha relações muito próximas com a sua família. Inclusive, como ele não tinha advogado, quer dizer, foi a sua família que pagou o advogado dele.

O SR. ALESSANDRO SITON - Eu não tinha conhecimento nem amizade com Oswaldo Ferreira de Oliveira. Nunca tive. Vim conhecer Oswaldo Ferreira de Oliveira a fundo dentro da cadeia, que eu fiquei preso na mesma cela que ele.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pelas investigações da Polícia, seu irmão Nelson e o Oswaldo, eles foram investigados em outros inquéritos policiais. Eles eram acusados de fornecerem armas, munições e artefatos de guerra provenientes



da Argentina e Paraguai aos traficantes do Rio de Janeiro, bem como de tráfico ilícito de entorpecente. Você tinha conhecimento dessa situação?

O SR. ALESSANDRO SITON - Eu nunca tive conhecimento de tráfico de armas, muito menos de facções, muito menos do meu irmão mexer com isso.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Você morava em Guaíra, né?

O SR. ALESSANDRO SITON - Eu morava em Guaíra.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Em Guaíra. Sua família tem propriedade lá?

O SR. ALESSANDRO SITON - Sim, senhor.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E era, segundo levantamento feito através de muito tempo, ou seja, de que de lá não saía só gado e soja, saía também, ou seja, armas, que viriam tanto da Argentina quanto do Paraguai. Você continua dizendo que não teve conhecimento e também dizendo que seu irmão não tinha envolvimento com isso. É isso mesmo o que você afirma?

O SR. ALESSANDRO SITON - Eu não tenho conhecimento disso, Excelência.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não tem. E você também disse que seu irmão também não tinha nenhum envolvimento?

O SR. ALESSANDRO SITON - De forma alguma. A gente sempre trabalhou na lavoura, sempre ajudando o pai e a mãe da gente.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas veja o seguinte. O senhor nunca esteve no Morro da Pedreira, no Rio de Janeiro?

O SR. ALESSANDRO SITON - Nunca ouvi falar nisso.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E não teve nenhuma relação, assim, com um traficante de nome Bravo?

O SR. ALESSANDRO SITON - Não conheço.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não ouviu falar?

O SR. ALESSANDRO SITON - Não ouvi falar.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E Linho?

O SR. ALESSANDRO SITON - Também não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Uma outra coisa, Sr. Alessandro. O senhor disse que esteve... Durante o período em que a fazenda não produz, o senhor faz, ou seja, usa o caminhão para fazer o serviço de cargas, né? De cargas.



O senhor falou que nessa carga uma vez levou ferro-velho para uma empresa...
Onde é essa empresa que o senhor levou?

O SR. ALESSANDRO SITON - Curitiba.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor saiu de onde para...

O SR. ALESSANDRO SITON - Cascavel.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Cascavel. De Cascavel. E de lá o senhor disse que pegou uma outra carga.

O SR. ALESSANDRO SITON - Eu peguei uma outra carga indicada pelo pessoal que eu havia carregado ferro-velho, que foi em Cascavel mesmo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Essa mesma empresa que o senhor deixou 2 dias?

O SR. ALESSANDRO SITON - Correto.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Dois dias. Aí eles indicaram para o senhor que tinha uma outra carga? Que carga era?

O SR. ALESSANDRO SITON - Sacola plástica.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Plástica. Para...

O SR. ALESSANDRO SITON - Para o Rio.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O Rio de Janeiro. Essa foi, quer dizer, a viagem que o senhor foi preso.

O SR. ALESSANDRO SITON - Isso. O interesse era vir no Rio de Janeiro, descer num lugar chamado Cabo Frio e carregar sal de volta para a minha região.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. Mas o senhor disse também que esteve no Nordeste.

O SR. ALESSANDRO SITON - Sim, eu vim no Nordeste e fui a Cascavel, porque eu carreguei fruta no Nordeste.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Ah, o senhor veio lá de Guaíra, foi para Cascavel...

O SR. ALESSANDRO SITON - Não, eu estava no Rio Grande do Norte.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim.

O SR. ALESSANDRO SITON - Carreguei coco. Fazia 2 meses que eu estava viajando.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, carregou coco.



O SR. ALESSANDRO SITON - Carreguei coco, voltei para Cascavel, descarreguei o coco...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Coco? Para onde foi esse coco?

O SR. ALESSANDRO SITON - Para Cascavel.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Cascavel.

O SR. ALESSANDRO SITON - Cheguei em Cascavel, arrumei o frete de ferro-velho, e o pessoal me indicou bem assim: “*Você quer fazer um frete bom para você ir lá e voltar? Você vai carregar ferro-velho aqui, vai descarregar em Curitiba, de Curitiba você vai a São Paulo, carrega sacola plástica, e de lá você descarrega e carrega sal para nós de volta*”.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Eu gostaria que o senhor dissesse aqui: durante o período em que o senhor dirigiu esse caminhão, ou outros caminhões, por onde é que o senhor andou? O senhor esteve em Rio Grande do Norte, esteve em São Paulo... Em que outros locais o senhor esteve, fazendo o serviço de cargas?

O SR. ALESSANDRO SITON - Parte do Nordeste.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - No Nordeste, em que Estado o senhor esteve, além do Rio Grande do Norte?

O SR. ALESSANDRO SITON - Sergipe, Alagoas, Pernambuco...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pernambuco? Paraíba também?

O SR. ALESSANDRO SITON - Paraíba...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Na Paraíba o senhor carregou... Que carga o senhor levou ou trouxe da Paraíba?

O SR. ALESSANDRO SITON - Ali a gente puxa açúcar, né? Tem muita açucareira por ali. A gente fica ali puxando açúcar dali para o Recife, do Recife para Fortaleza, dali volta para trás...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E como é que o senhor teve esse contato com esses locais? O senhor morava lá no Paraná, né? Só no tempo que o senhor não tinha produção ou o negócio não estava bom, aí é que o senhor saía para fazer esse serviço de carga. Não era algo, como o senhor disse, de forma permanente. Era num espaço onde a propriedade de vocês, ou seja, estava numa situação, quer dizer, não dava para a produção, e vocês agora aproveitavam para fazer isso aqui. Então, como é que vocês conseguiram fazer esse contato com tantos Estados aí?



O SR. ALESSANDRO SITON - Veja bem, Excelência, é muito simples, porque a única carga que sai da gente, sem ser o soja lá, é farinha de mandioca.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim.

O SR. ALESSANDRO SITON - Na minha região tem muita fábrica de farinha de mandioca. E essas farinhas de mandioca vão muito para o Nordeste. Então é um frete excelente você subir para o Nordeste, pode ser João Pessoa, pode ser Recife, pode ser Fortaleza. Você chega lá em cima, nesse lugar, não tem retorno para você voltar. Então o que eu faço? Você fica andando para lá e para cá, vai 200 quilômetros, volta 300. Fica entregando açúcar, fica fazendo entreguinha para ajuntar um dinheiro para não voltar com a mão vazia. Então é daí que a gente tem o conhecimento. A gente pára num posto, tem milhares de agências em todo... Você pára, você contrata o frete e trabalha.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Você, alguma vez, nessa carga que você levava para o Nordeste, alguma vez você levou alguma carga de cravo-da-índia para o Nordeste?

O SR. ALESSANDRO SITON - Perdão?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Cravo-da-índia.

O SR. ALESSANDRO SITON - Não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não?

O SR. ALESSANDRO SITON - Não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Porque no Nordeste tem às vezes o cravo-da-índia e, por debaixo do cravo-da-índia, nós investigamos no Nordeste que tinha armas, através de fundo falso. Mas eu pergunto para você: para o Norte, o senhor esteve alguma vez no Norte do Brasil?

O SR. ALESSANDRO SITON - Norte do Brasil?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - É, no Pará...

O SR. ALESSANDRO SITON - Não, não conheço o Pará, não conheço Maranhão...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Tocantins.

O SR. ALESSANDRO SITON - Não, não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mato Grosso. Esteve lá em Mato Grosso?



O SR. ALESSANDRO SITON - Mato Grosso eu fui só até Dourados, ali, Eldorado, que é perto da minha cidade. Nunca me aprofundei para dentro do Mato Grosso.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Rio Grande do Sul, já esteve?

O SR. ALESSANDRO SITON - O Rio Grande do Sul eu conheço.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas também carregando...

O SR. ALESSANDRO SITON - Fui até Santa Catarina.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Santa Catarina.

O SR. ALESSANDRO SITON - É.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Em São Paulo também esteve? Rio de Janeiro?

O SR. ALESSANDRO SITON - O Rio de Janeiro, era a primeira vez que eu ia no Rio de Janeiro de caminhão. Nunca fui no Rio de Janeiro de caminhão.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Nunca esteve. Só aquela vez.

O SR. ALESSANDRO SITON - Só aquela vez.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Tá bom. Agora, o senhor nunca esteve na favela Vila de São João, no Conjunto Esperança, no Complexo da Maré?

O SR. ALESSANDRO SITON - Nunca estive em favela nenhuma do Rio de Janeiro.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Hum-hum. E...

O SR. ALESSANDRO SITON - Mesmo porque era a primeira viagem minha.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pois é. Mas a acusação é gravíssima no caso, dizendo que você e Nelson, Oswaldo e Nelson negociavam com os compradores de artefatos contrabandeados e faziam entrega de produtos dos crimes. E, para você e Nelson, vocês tinham uma função: era ocultar e guardar armas e munições e introduzi-las de forma ardilosa no território brasileiro, preparando o seu transporte. O que o senhor diz disso?

O SR. ALESSANDRO SITON - Essa é a dedução da Polícia Federal, né? Eu desconheço essa dedução, não concordo com isso. Paguei por uma coisa que eu não devia. Perdi 2 anos da minha vida dentro de uma cadeia, sofrendo que nem um louco. Perdi meu pai dentro da cadeia. Certo? Não tenho conhecimento de arma, não tenho, nunca tive contato com traficante, sequer com negócio com traficante.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor, pela acusação... Não é, por exemplo, que ele deduziu. A Polícia Federal fez todo um trabalho de inteligência, através de escutas e tudo o mais, autorizadas. Tudo isso era resultado de uma série de elementos que trouxeram para a Polícia, e aquela operação que foi feita já era investigada durante muito tempo. Mas diz depois a investigação que o senhor era o encarregado do transporte e o Lilico era encarregado de descarregar o caminhão. Quem é Lilico?

O SR. ALESSANDRO SITON - Lilico foi o chapa que eu peguei na beira da estrada para ajudar a descarregar a sacola plástica, tanto é que ele foi liberado em seguida.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Foi aquela vez que o senhor pegou uma pessoa lá no caminhão e disse: "Vem descarregar".

O SR. ALESSANDRO SITON - Foi pego...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Era comum isso fazer o senhor, pegar chapa?

O SR. ALESSANDRO SITON - Nossa, a coisa mais comum do mundo que tem é um caminhoneiro pegar um chapa na beira da estrada para descarregar o caminhão.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sei. Não tinha nenhum conhecimento de Lilico?

O SR. ALESSANDRO SITON - De forma alguma. Tanto é que essa pessoa que foi presa junto comigo, que era o chapa, chegou na Polícia Federal, o agente tirou...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas esse Lilico, o senhor pegou esse Lilico onde?

O SR. ALESSANDRO SITON - Na Rodovia Presidente Dutra, entrando no Rio de Janeiro.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. Aí o senhor...

O SR. ALESSANDRO SITON - Na beira de um posto. Tem milhares ...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Estava Lilico lá no posto de gasolina...

O SR. ALESSANDRO SITON - Isso. E só falou bem assim: "Não, eu te acompanho". Você pega um valor para a pessoa te acompanhar.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Quanto é que o senhor pagou para ele?



O SR. ALESSANDRO SITON - Trinta e cinco reais.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Trinta e cinco reais? E isso o senhor fazia em todas as cargas que o senhor fazia.

O SR. ALESSANDRO SITON - Em qualquer lugar que eu chego e que o caminhão não é descarregado de forma... por máquinas, tipo empilhadeiras, você tem que descarregar manualmente, você é obrigado a pegar um chapa.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor continua dizendo que o seu irmão Nelson não tinha nenhuma vinculação com o tráfico de armas, mas as investigações da Polícia dizem que Nelson servia de contato com os comparsas no estrangeiro que forneciam as armas e munições. E que quem tinha a direção de toda a empreitada criminosa era a pessoa que o senhor diz que não tem muito conhecimento, que é o Oswaldo. Oswaldo, ele diz que a relação de conhecimento com a família de vocês é de muito tempo, e não é possível que uma pessoa que diz que não tinha advogado dizendo que era a sua família quem pagou o advogado que fez a sua defesa. Mas eu gostaria ainda de perguntar ao senhor. O senhor é acusado de transportar armamento e de que, a partir desse transporte, o senhor recebia uma comissão. Quer dizer, o senhor nega de que tenha feito qualquer tipo de transporte de munição ou de armamento e que a sua atividade era uma atividade lícita. É isso mesmo?

O SR. ALESSANDRO SITON - Perdão, Excelência. O senhor...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor nega que tenha feito qualquer tipo de atividade ilegal e que todas as ações que o senhor fez no caminhão eram cargas legais, com nota e tudo o mais.

O SR. ALESSANDRO SITON - Teoricamente, à minha vista, tudo certo. Eu não tinha conhecimento de munição alguma, sequer comissão disso ou daquilo. Meu negócio é puxar frete fora da safra.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo.

O SR. ALESSANDRO SITON - Não tinha conhecimento de armamento, de traficante, de comissão de armamento, muito pelo contrário.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Quer dizer, o senhor nunca recebeu... Era o frete o que o senhor recebia, não essa questão de recebimento de comissão.

O SR. ALESSANDRO SITON - O meu trabalho é fazer frete, receber o dinheiro, pagar a despesa e guardar o dinheiro para pagar a prestação do caminhão.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Olha, aqui há uma informação que é gravíssima, e aí é claro que a Policia Federal já tinha essa informação, de que moradores do Morro da Pedreira dizem que o Sr. Alessandro Siton, no mês de fevereiro do ano em curso, já havia feito uma entrega de armamentos naquele mesmo morro. O senhor disse que nunca esteve no Morro da Pedreira. Agora, há pessoas que dizem que o senhor esteve lá e que não era a primeira vez, porque o senhor já teria estado uma outra vez lá, no mês de fevereiro, e entregue uma carga também para os traficantes daquele morro. O que o senhor diz dessa acusação?

O SR. ALESSANDRO SITON - Excelência, com todo o respeito, essa informação não procede.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não procede.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Me diz uma coisa: o caminhão era teu?

O SR. ALESSANDRO SITON - É do meu pai.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Do teu pai?

O SR. ALESSANDRO SITON - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ele comprou? O que o teu pai fazia?

O SR. ALESSANDRO SITON - Meu pai é agricultor, era agricultor. Agora... Eu perdi meu pai.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É, eu soube, durante a sua prisão, né? Me diz outra coisa: enquanto o Deputado está pensando. Tu foste condenado a 6 anos e 8 meses de reclusão, não é isso?

O SR. ALESSANDRO SITON - Correto.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Recorreste da sentença?

O SR. ALESSANDRO SITON - Recorri sim, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E já tem algum resultado?

O SR. ALESSANDRO SITON - A minha cadeia veio para 5 anos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Cinco anos no recurso.

O SR. ALESSANDRO SITON - Correto.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E agora transitou em julgado já.

O SR. ALESSANDRO SITON - Isso.



O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - E tu não recorreste do recurso.

O SR. ALESSANDRO SITON - Não, eu já venci. Eu tinha que puxar um terço, né, para conseguir meu livramento condicional.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Deputado Moroni, só uma informação que eu gostaria de ter do Alessandro. Onde ficava o fundo falso da carreta? Era um baú ou uma carreta que transportava?

O SR. ALESSANDRO SITON - Não, é uma carroceria carga seca, normal.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Carga comum. E onde ficava esse fundo falso?

O SR. ALESSANDRO SITON - Os policiais acharam dentro da caixa de ferramenta.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Você utilizou a caixa de ferramentas em algum trecho do trajeto?

O SR. ALESSANDRO SITON - Utilizei. Troquei pneu na estrada, não vi nada...

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Não tinha nada?

O SR. ALESSANDRO SITON - Tem uma caixa de ferramenta de ferramenta e uma caixa de cozinha, que eu fazia comida no meu caminhão, para diminuir custo.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Do lado ali...

O SR. ALESSANDRO SITON - Uma do lado da outra.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Isso...

O SR. ALESSANDRO SITON - Foi achado dentro das duas.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - E você abriu a caixa de ferramentas e não...

O SR. ALESSANDRO SITON - Abri diversas vezes.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Furou muito pneu no trajeto?

O SR. ALESSANDRO SITON - Furou uma vez.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Furou uma vez.

O SR. ALESSANDRO SITON - Furou uma vez.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Mas você abriu outras vezes para poder retirar material.



O SR. ALESSANDRO SITON - Não, é que ali dentro você guarda uma corda, guarda uma chave. Você quer arrumar um Rodoar, quer arrumar alguma coisinha, você vai lá dentro e pega a chave.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - No trecho São Paulo—Rio você parou quantas vezes para... Essa carga você pegou em São Paulo, não é isso?

O SR. ALESSANDRO SITON - São Paulo, sim, senhor.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - De São Paulo ao Rio você parou quantas vezes?

O SR. ALESSANDRO SITON - Eu parei uma vez só.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Uma vez só.

O SR. ALESSANDRO SITON - Isso, para dormir.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Para dormir.

O SR. ALESSANDRO SITON - Para dormir, porque eu não queria chegar à noite em Rio de Janeiro.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - E o pneu furou...

O SR. ALESSANDRO SITON - Meu pneu furou no Paraná.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Mas então... Eu entendi que você tem dificuldade de entender que a carga pode ter sido... Esse fundo falso pode ter sido feito nessa transportadora do Paraná ou de São Paulo.

O SR. ALESSANDRO SITON - Olha, as duas são coligadas, as duas transportadoras.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - As duas são coligadas.

O SR. ALESSANDRO SITON - Certo.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - A do Paraná, qual é o nome da transportadora?

O SR. ALESSANDRO SITON - Era um ferro-velho, chamava-se Ferro-Velho Boa Esperança, se não me engano.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Você sabe o endereço, ou tem idéia? Se você for lá você não localiza?

O SR. ALESSANDRO SITON - Não, não lembro, Excelênciá. Não lembro.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - No caso do de São Paulo, o nome você não sabe, mas a localização você também não sabe?

O SR. ALESSANDRO SITON - Ficava ali num lugar chamado Cumbica.



O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - A rua você não...

O SR. ALESSANDRO SITON - Não, não lembro, Excelência.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Não lembra.

O SR. ALESSANDRO SITON - Não me lembro.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Quanto custa uma carreta dessa?

O SR. ALESSANDRO SITON - O senhor diz assim o valor do caminhão?

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O valor, o valor do caminhão.

O SR. ALESSANDRO SITON - Uns 70 mil reais.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Setenta mil. E você não sabe onde deixou esse valor de 70 mil reais? Esqueceu? Eu tenho uma preocupação enorme quando eu deixo uma coisa de valor até menor.

O SR. ALESSANDRO SITON - Não, isso daí é um trabalho normal, Excelência, com todo o respeito, de você, tipo assim, encostar o seu caminhão na transportadora...

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Eu acho que é normal. Agora, você esquecer a rua, esquecer o local e até o nome, eu acho...

O SR. ALESSANDRO SITON - Isso faz 2 anos e meio. Era a primeira vez que eu tinha carregado lá. Eu não lembro.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Você não se lembra.

O SR. ALESSANDRO SITON - Eu não lembro, Excelência.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - E no Rio? você ia fazer entregas em...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Complementando a pergunta, Deputado, no processo o senhor disse o nome da transportadora, tudo direitinho, né?

O SR. ALESSANDRO SITON - Excelência, eu não estou lembrado. Eu não me lembro do nome certo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não está lembrado se no processo...

O SR. ALESSANDRO SITON - O nome da transportadora eu não estou lembrado. Estou lembrado que era o Ferro-Velho Boa Esperança.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Mas diz lá...

O SR. ALESSANDRO SITON - E a fábrica de...



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Lá no Paraná.

O SR. ALESSANDRO SITON - Isso. E a fábrica...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Lá em São Paulo, qual era a transportadora?

O SR. ALESSANDRO SITON - A transportadora... Eu só me lembro do nome da fábrica que eu carreguei, da fábrica de plástico, que eles me deram o endereço e: "Você vai lá em tal lugar e carrega". Aí eu cheguei em Guarulhos. Demorei até mais de uma hora para achar. E fui pedindo informação, pedindo informação, achei a fábrica de plástico. Eu me lembro o nome da fábrica de plástico.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Mas no processo tu não acusaste eles?

O SR. ALESSANDRO SITON - Eu dei o meu depoimento. O que eu estou falando para o senhor aqui eu falei em juízo. Agora, dali para a frente, ninguém tomou iniciativa...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tu disseste que as armas... as munições, as granadas... Poxa, botaram 50 granadas no teu caminhão. Imagina, se tu bates esse caminhão, o que acontece? A explosão que dá e os pedacinhos em que tu viras. Botaram 50 granadas no teu caminhão, e tu não te interessaste em saber quem é que queria te matar?!

O SR. ALESSANDRO SITON - Mas, se eu tivesse conhecimento dessa granada, dessas coisas, eu não tinha nem andado com isso em cima do meu caminhão.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Mas o que eu estou dizendo é que tu tiveste conhecimento, então tu tinhas que saber tudo sobre quem botou essas granadas lá.

O SR. ALESSANDRO SITON - Pois é. Mas o que eu...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tu não tiveste interesse de saber isso?

O SR. ALESSANDRO SITON - Eu só tive interesse em pegar o meu frete e fazer...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não, não. Mas e depois?

O SR. LUIZ EMANOEL DE CARVALHO - Excelência, pela ordem. Eu sou advogado dele. Ele foi solto tem 1 mês.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Advogado não se manifesta.

O SR. LUIZ EMANOEL DE CARVALHO - Eu sei, Excelência, mas ele foi solto há 1 mês e não teve nem tempo de fazer essa investigação.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - V.Sa. não pode se manifestar, se não vou ter que retirá-lo da sala, tá bom? Então, o que eu estou pensando é o seguinte... E foi bom, agora o advogado ainda disse outra informação. Tu foste solto há 1 mês, né? Conseqüentemente, esse mês eu passaria vendo quem é que armou para mim, sem dúvida nenhuma. A partir do momento em que eu fui condenado por alguma coisa que foi injusta, eu passaria o resto dos meus dias vendo quem é que enfiou 50 granadas e 20 mil munições de 762. De 762! E 762 é fuzil para arrebentar blindagem. Não é brincadeirinha, não. Nós não estamos falando de brincadeirinha, não. É 762 um fuzil para arrebentar blindagem. E isso... Tinha 20 mil — segundo tu mesmo falaste —, tinha 20 mil munições no teu caminhão, e 50 granadas, para matar não sei quem e onde, mas possivelmente para matar policiais, matar gente de bem, coisa assim que os traficantes fazem no Rio de Janeiro. E tu não tiveste a mínima curiosidade de saber quem é que botou isso dentro do teu caminhão?! Aí tu vens aqui e diz que não sabe, e pronto?! Tá bom. Aí vão botar mais 10 vezes no teu caminhão essas coisas, porque tu não te preocupas com isso, puxas cadeia e não te preocupas com isso. Olha, é a coisa mais inverossímil que eu já vi nesta Comissão.

O SR. ALESSANDRO SITON - Posso falar, Excelência, com todo o respeito? O senhor sabe que eu tenho o meu irmão preso no Rio de Janeiro ainda. Eu estou respondendo pelo Rio de Janeiro. Eu não posso sair do Rio de Janeiro, ainda. Estou assinando a minha condicional no Rio de Janeiro. Estou com endereço fixo no Rio de Janeiro até o meu irmão sair de lá. Não quer dizer que eu não vá atrás de quem me fez essa covardia, agora tudo tem o seu tempo. Primeiro eu quero tirar o meu irmão do sofrimento. Eu preciso auxiliar o meu irmão.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Mas tu não entendas...

O SR. ALESSANDRO SITON - Não, eu estou entendendo o que o senhor está dizendo.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É diferente. A tua peça de defesa principal qual era? É dizer “*eu não tenho nada a ver com isso, vamos descobrir quem tem*”.

O SR. ALESSANDRO SITON - Exato.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eu colocaria toda a minha família para descobrir quem tem e quem armou. Não é 1 mês depois de cumprir pena não. Aliás, o teu recurso que transitou em julgado agora foi o recurso até o Tribunal de Justiça? O que foi?

O SR. ALESSANDRO SITON - Foi no Tribunal do Rio de Janeiro. Apelação.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E aí terminou lá.

O SR. ALESSANDRO SITON - Terminou lá.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Terminou. Tu não recorreste ao STJ, coisa assim?

O SR. ALESSANDRO SITON - Não, não recorri.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não recorreu?

O SR. ALESSANDRO SITON - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Por quê?

O SR. ALESSANDRO SITON - Porque eu quero tirar o meu irmão primeiro. O que a gente quer... entendeu? Eu não recorri, eu não tive... Saí ontem da cadeia. Eu estou com a minha cabeça...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não dá para entender. Eu recorreria até a última instância. Se eu sou inocente, por que eu não vou recorrer? Se eu sou inocente, por que eu vou aceitar uma condenação? Aliás, tu já respondeste outro, por 334 também, em Umuarama, né?

O SR. ALESSANDRO SITON - Em Umuarama porque eu estava passando herbicida na lavoura do meu pai e eu fui pego com um produto sem nota, um produto que a gente usa na lavoura da gente. Eu estava aplicando o produto na lavoura. O produto estava em cima da minha caminhota. O pessoal chegou, pediu a nota e eu não tinha. E me colocaram um 334. Na lavoura do meu pai.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Era produto importado.

O SR. ALESSANDRO SITON - Produto importado. Produto sem nota.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sem nota e importado, aí é contrabando. Não tem para onde correr.



O SR. ALESSANDRO SITON - Porque você, agricultor, procura diminuir custos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Se for aceito, é descaminho; se não for, é contrabando. Mas veja como é interessante, Alessandro. A convicção que passa para esta CPI é muita estranha. É muita estranha a convicção que tu estas passando. Primeiro, tu és condenado e não buscou... Tu tens uma família. Essa família ia saber tudo da transportadora, quem é que trabalhou no teu caminhão, quem é que carregou o teu caminhão, quais são os nomes das pessoas que carregaram. Poxa, se botaram 50 granadas e 20 mil munições de 762 no meu caminhão, eu tinha que saber tudo o que aconteceu. Eu acho estranhíssimo ser condenado e não querer saber o que aconteceu lá. A não ser que lá não tenha acontecido nada, e tu sabes que lá não aconteceu nada. Outra coisa: como é que se bota um fundo falso num caminhão?

O SR. ALESSANDRO SITON - Eu não tenho conhecimento de como se bota um fundo falso. Isso é trabalho de gente que sabe fazer isso. Meu trabalho é dirigir caminhão, não é fazer fundo falso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Como é que no meu caminhão eu pego o fundo falso? Era teu caminhão! Como é que tem um fundo falso dos 2 lados do teu caminhão, e tu não sabes nada disso?

O SR. ALESSANDRO SITON - Mas, se eu abri a caixa diversas vezes e não vi...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Mas aí é que está. Se é meu o caminhão, qualquer pessoa estranha abrindo aquela caixa não vai perceber fundo falso, agora, se é meu o caminhão, eu percebo. Eu percebo. O fundo é lá no fundo é? Como é que era? Ou era em baixo?

O SR. ALESSANDRO SITON - Do lado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Do lado. Então dá para perceber tranquilamente que houve um acréscimo, houve uma adição, houve alguma coisa nesse sentido, sem dúvida nenhuma. Se é meu caminhão...

O SR. ALESSANDRO SITON - Eu não tive essa percepção de perceber fundo falso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Pois é. É outra coisa difícil de entender, nesse sentido. Pois não, Couto. Continue.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor falou que tinha duas caixas, uma que era de ferramentas e a outra que era de material de cozinha, que o senhor cozinhava também durante as suas viagens. Certo?

O SR. ALESSANDRO SITON - Correto.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor abriu por diversas vezes as duas caixas.

O SR. ALESSANDRO SITON - Correto.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor não viu nada estranho lá dentro da...

O SR. ALESSANDRO SITON - Não transpareceu nada, Excelência. Não transparecia nada, nada.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Essas caixas que foram presas estavam empacotadas? Essas armas. Não dava para ver que tinha algo estranho além das ferramentas e do material que o senhor usa para fazer a sua refeição?

O SR. ALESSANDRO SITON - Não deu para perceber. Não percebi, Excelência, porque...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Veja. No depoimento do senhor aqui, da própria Polícia que está lá, diz o seguinte: que o senhor negou que tivesse carregando isso aqui, que o senhor estava carregando eram embalagens para o Carrefour. O senhor manteve a negativa, mas disse que, após a equipe da perícia haver descoberto o armamento no caminhão, em um fundo falso, o senhor assumiu que estava a transportar tal carregamento, e que já o fizera em momento anterior.

O SR. ALESSANDRO SITON - Essa informação não procede.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Está no processo.

O SR. ALESSANDRO SITON - Eu nunca assumi nada.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Está no depoimento do senhor.

O SR. ALESSANDRO SITON - Eu nunca assumi nada, mesmo porque o meu depoimento foi feito em juízo. Eu não disse nada em delegacia. Eu me reservei o direito de me permanecer calado.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor disse que já fizera em momento anterior, sem informar quando se deu e quem seria o destinatário. “(...) que Alessandro, confirmado as informações já obtidas pela Polícia Federal, afirmou que era Nelson Siton Júnior quem recepcionava a entrega do armamento; que



Alessandro apenas informou o que a equipe policial já sabia com relação ao papel de Nelson Siton; que Alessandro informou ao depoente que iria receber pelo carregamento (...)" Nesse frete o senhor ia receber quanto? Dessas embalagens? Qual era o valor do frete?

O SR. ALESSANDRO SITON - O valor das embalagens?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim.

O SR. ALESSANDRO SITON - De São Paulo ao Rio?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim.

O SR. ALESSANDRO SITON - Setecentos reais.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Aqui, o senhor informou que ia receber a quantia de 16 mil.

O SR. ALESSANDRO SITON - Essa informação não procede, V.Exa.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - “(...) que o aludido caminhão sempre era dirigido pelo acusado”. Então, ninguém mais dirigia aquele caminhão. Só o senhor?

O SR. ALESSANDRO SITON - Só eu.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Aí, o senhor não acha estranho o senhor, por exemplo, chegar no local de uma transportadora e aí o senhor entregar chave, documento, tudo... E o senhor, é claro, sempre que abria as caixas, o senhor verificava lá o material, se estava em ordem. Todo motorista faz isso, é a ferramenta. Aí, quer dizer... chega... Quando a Polícia apreende, lá dentro tem carregamento de munição e de granada, de granada. É muito estranho isso. Há um depoimento de uma testemunha que coloca que a quantia que o senhor iria receber era 16 mil. O que o senhor diz dessa acusação?

O SR. ALESSANDRO SITON - Essa acusação não procede, Excelência. Desconheço.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - “Levaram o caminhão até a Superintendência da Polícia Federal onde procederam a uma busca minuciosa e encontraram nas caixas laterais que ficam presas à carroceria do caminhão (...). Foi o senhor que mandou colocar essas caixas?

O SR. ALESSANDRO SITON - Todos os caminhões têm essas caixas, já vêm equipados com isso.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sei, já vêm equipados. E o senhor sempre tinha a... Eram fechadas? Tinha cadeado? O senhor tinha a chave disso daqui?



O SR. ALESSANDRO SITON - Sim, tinha um cadeadinho em cada...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Também entregou lá na transportadora o cadeado também? dessas caixas?

O SR. ALESSANDRO SITON - O molho de chaves fica dentro do caminhão, penduradinho dentro do caminhão.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo.

O SR. ALESSANDRO SITON - O que eu deixei foi o documento do caminhão e a chave do caminhão, porque eu precisava do documento para preencher a nota fiscal das embalagens.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - “(...) encontraram nas caixas laterais, que ficam presas à carroceria do (...)”.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Agora, só para perguntar: o senhor deixa na transportadora ou deixa na firma?

O SR. ALESSANDRO SITON - Transportadora e firma é tudo junto, Excelência. Simplesmente... Nessa transportadora de Cascavel é tudo junto. Nessa de São Paulo, o depósito fica num lugar e a transportadora em outro. O escritório da transportadora fica em outro local.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Daí, como é o nome dessa transportadora lá de São Paulo?

O SR. ALESSANDRO SITON - Chamava-se Fino Plástico.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Fino Plástico?

O SR. ALESSANDRO SITON - Fino Plástico, que foi a fábrica que eu... que é tudo junto, né?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor não tinha conhecimento de que na caixa lateral, numa das caixas, tinha fundo falso de madeira.

O SR. ALESSANDRO SITON - Não tinha conhecimento, Excelência.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Alguém fez lá, nessa transportadora, quer dizer, produziu um fundo falso específico, ou... Quer dizer, é meio estranho. Quer dizer, em 2 dias produziram um fundo falso de madeira lá, numa dessas caixas. E do outro lado, na outra caixa lateral, que também tinha um fundo falso. Olha, duas caixas que o senhor usava de forma permanente — porque o senhor disse que várias vezes o senhor abria, ou para fazer as suas refeições ou então para tirar



ferramentas para ajeitar o pneu que furou ou alguma coisa — o senhor nunca percebeu que nessas caixas tinha um fundo falso?

O SR. ALESSANDRO SITON - Não, Excelência.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Como o senhor vinha carregando sacola, disse que a munição de fuzil calibre 762... Foram encontradas várias sacolas. Eram sacolas. Quer dizer, essas armas, essa munição estava dentro de sacola.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eu tenho uma curiosidade: o que aconteceu com o caminhão?

O SR. ALESSANDRO SITON - O que aconteceu com o caminhão? O caminhão ficou preso na Polícia Federal.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sim. E agora está preso ainda?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Está preso ainda. Está sendo usado pelas Forças Armadas, pelo Exército.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Está sendo usado lá.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor disse, na pergunta feita pelo Deputado Moroni, que o senhor não indicou onde é que estava o seu irmão Nelson e onde é que estava o Oswaldo. Mas o depoimento diz que o senhor disse onde é que... Falou que o irmão Nelson estava na casa de Oswaldo. O que o senhor diz dessa informação?

O SR. ALESSANDRO SITON - Essa informação não procede, pela seguinte forma: eu nem sequer sabia onde é que o Oswaldo morava. E nem sabia que o meu irmão estava no Rio de Janeiro. Como que eu poderia indicar o ambiente, a casa, o local em que estava, sendo que eu nem sabia que ele estava e nem sabia onde o Oswaldo morava?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - No exame feito do material coligido, a informação é de que *“Alessandro, livre e consciente, laborou ativamente na importação do material de uso restrito, violando o estatuto (...)”*. Ou seja, já nas informações onde se pediam as penas para o senhor... quer dizer, há informação de que o senhor tinha conhecimento, e livremente o senhor sabia que naquelas caixas tinha o fundo falso e que ali tinha sacolas com munição. O senhor diz que não procedem essas informações. Essa é a informação que o senhor sempre diz aí. Mas veja: num dos depoimentos, que está no processo, diz o seguinte: que a função de



Nelson era viabilizar a aquisição dos armamentos; que Oswaldo era o intermediário que arrecadava o dinheiro lá dos traficantes, da Pedreira; “que viajava por Foz do Iguaçu, onde verificava a amostra do possível carregamento de armas, para efeito de aprovação” — ou seja, não era qualquer arma; as armas tinham que ter... o Oswaldo passava se aquelas armas eram de boa qualidade —, “bem como para efetuar parte do pagamento do armamento adquirido; que Vavá entregava o pagamento a Nelson” — seu irmão — “sendo que o depoente não tem conhecimento de para quem Nelson repassava a quantia; que eram Vavá e Bravo quem tomavam as decisões acerca da aquisição e pagamento do armamento; que o papel de Alessandro Siton era o de transportar o armamento mediante recebimento de comissão”. O senhor disse que nunca recebeu comissão, e o que o senhor recebia eram fretes, pelo seu trabalho como carregador de cargas para empresas, e que o senhor fazia isso de forma permanente. É isso mesmo?

O SR. ALESSANDRO SITON - Exato.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O senhor tinha um celular na época?

O SR. ALESSANDRO SITON - Tinha.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Lembra do número dele?

O SR. ALESSANDRO SITON - Não lembro mesmo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Foi apreendido junto com tudo lá?

O SR. ALESSANDRO SITON - Foi. Sumiu aquele telefone. Mas não constou em autos, em nada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Era um pré-pago, pós-pago... Era no teu nome o celular?

O SR. ALESSANDRO SITON - Era em nome do meu pai, que o meu pai deixou ele para mim, para eu usar ele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Era em nome do teu pai o celular?

O SR. ALESSANDRO SITON - Era.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tem mais alguma pergunta? Eu acho que não. Infelizmente, o que o juiz colocou na sentença é o que esta Comissão também chega à conclusão: é inverossímil a versão apresentada. As



circunstâncias e todas as provas são totalmente contrárias à tua versão, compreendeu? E o que é mais contrário ainda na tua versão são duas coisas: tu não tentaste saber quem botou isso. Quer dizer, 2 anos preso, eu passaria, no primeiro mês preso, eu passaria pensando todos os detalhes para ver quem é que me botou injustamente na cadeia. No primeiro mês... Eu não tenho outra coisa para fazer lá dentro, eu ia fazer isso, ia pensar em todos os detalhes e pedir para os meus familiares que fossem atrás de todos os detalhes. Eu contaria todos esses detalhes para a Polícia para dizer: “*Olha, fui preso injustamente*”. Tu não te preocupaste com isso. Dois anos na cadeia e não te preocupastes com isso. Não tem nada a ver com teu irmão preso? Agora, quero saber o seguinte: o que o teu irmão faz?

O SR. ALESSANDRO SITON - Meu irmão é representante autônomo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Representante autônomo.

Ele representa o quê?

O SR. ALESSANDRO SITON - Ele representa... vende herbicidas, vende adubos foliares, ele ajuda na fazenda, entendeu? Mas ele vende adubo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não foi ele que arrumou aquele de contrabando?

O SR. ALESSANDRO SITON - Não, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Aquele de contrabando não foi dele? E ele vive onde? Ele vive lá em Guaíra mais tempo?

O SR. ALESSANDRO SITON - A gente vive lá em Guaíra. Ele vive em Guaíra.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ele vai muito a Foz?

O SR. ALESSANDRO SITON - Ele morava em Foz. Ele mudou de Foz para Guaíra.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ele morava em Foz?

O SR. ALESSANDRO SITON - Morava em Foz.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O que ele fazia em Foz?

O SR. ALESSANDRO SITON - Ele trabalhava na fazenda, na fazenda do meu tio. Tem um tio meu que tem uma fazenda lá também.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tu tens um tio que tem fazenda em Foz?

O SR. ALESSANDRO SITON - Isso.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E vocês têm fazenda em Guaíra?

O SR. ALESSANDRO SITON - Isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ali do lado. E é muito fácil o contrabando na fronteira?

O SR. ALESSANDRO SITON - Olha, Excelência, se é muito fácil, para quem mexe com isso, deve ser; porque para a gente que trabalha na agricultura a gente não se preocupa com isso. Fronteira o senhor sabe como é.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quem é o seu tio? Lá ele trabalhava para ele?

O SR. ALESSANDRO SITON - Sim, agricultor também.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É? Como é o nome do seu tio?

O SR. ALESSANDRO SITON - Silvino.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tu tens algum outro parente que tenha ali, naquelas cidades de fronteira, fazenda ou coisa assim?

O SR. ALESSANDRO SITON - Não, nossa família toda é de lá.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É toda da fronteira?

O SR. ALESSANDRO SITON - Ali perto, tipo assim, 150 quilômetros...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O Oswaldo conheceu vocês como?

O SR. ALESSANDRO SITON - Não, o Oswaldo conheceu meu irmão quando meu irmão morava em Foz, porque o Oswaldo era representante de relógios Orient. Ele morava em Foz também.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Era representante do Orient?

O SR. ALESSANDRO SITON - Isso, ele vendia Orient.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ele vendia em Foz?

O SR. ALESSANDRO SITON - Ele vendia em Foz. Era relógio para exportação. Ele trabalhava no Paraguai, e a Orient mandava para ele, ele vendia dentro do Paraguai, na realidade. Era relógio para exportação que ele vendia.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ele vendia dentro do Paraguai?



O SR. ALESSANDRO SITON - Isso, eles tinham um representante da Orient dentro do Paraguai, que a Orient brasileira mandava e eles entregavam lá dentro do Paraguai. Ele era representante do Paraguai inteiro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Da Orient?

O SR. ALESSANDRO SITON - Da Oriento.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ele era o representante chefe dessa empresa?

O SR. ALESSANDRO SITON - Exato.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ele trabalhava no Paraguai inteiro?

O SR. ALESSANDRO SITON - Ele vendia para o Paraguai inteiro relógios Oriento.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Relógios Oriento?

O SR. ALESSANDRO SITON - Exato.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ele ficou muitos anos nisso?

O SR. ALESSANDRO SITON - Não sei, Excelência. Só sei que morou em Foz do Iguaçu, pelo que... Eu vim conhecer o Oswaldo, assim, de a gente conversar, eu o conheci dentro da prisão, mas pelo que ele me falou ele ficou uns 5 ou 6 anos lá.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Cinco, seis anos?

O SR. ALESSANDRO SITON - Isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E trabalhando nesse negócio.

O SR. ALESSANDRO SITON - Trabalhando com representação...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O que o Oswaldo dizia sobre essa ida dele no morro, o que ele dizia que era?

O SR. ALESSANDRO SITON - Olha...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ele tinha algum parente, alguma coisa no morro que...

O SR. ALESSANDRO SITON - A família dele é toda do Rio de Janeiro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não, mas digo no morro, especificamente...



O SR. ALESSANDRO SITON - Não, não sei se ele tinha parente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - ... porque nesse Morro...

O SR. ALESSANDRO SITON - Não sei se ele tinha parente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - ... do Bravo, se não me engano o nome era Bravo, disse que ele foi visto várias vezes subindo esse morro, Morro da Pedreira. O que ele falava? Isso era porque ele tinha parente lá?

O SR. ALESSANDRO SITON - O Oswaldo em termos de... Muitas coisas a gente não falava, não tinha o que... Eu já estava transtornado com aquilo ali, passando mal ali dentro. Aquilo ali é um ambiente em que você, queira ou não queira, você fica, sabe... Então, a gente, muitas vezes... Até uma vez a gente discutiu forte, porque eu falei: *"Poxa, cara..."*. Ele falou: *"Cara, mas se você não tem nada a ver, eu também não tenho nada a ver com isso, cara"*. A gente até discutiu e tal, mas foi uma coisa que passou e tal. Entendeu? Mas eu não tenho conhecimento se ele ia em Pedreira, se ele falar com...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ele não comentava isso contigo?

O SR. ALESSANDRO SITON - Não, comigo não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não?

O SR. ALESSANDRO SITON - Oswaldo sempre foi uma pessoa muito reservada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E teu irmão, o que falou?

O SR. ALESSANDRO SITON - Não, meu irmão fez mesma coisa que eu. Ele veio para ir ao casamento da filha do Oswaldo, porque a filha do Oswaldo ia casar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Mas ia casar dali a um mês.

O SR. ALESSANDRO SITON - Não, acho que uma semana depois.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O Oswaldo que disse.

O SR. ALESSANDRO SITON - Uma semana, 15 dias...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O Oswaldo disse que ia levá-la. Ele já veio com antecedência de 1 mês para esse casamento?

O SR. ALESSANDRO SITON - Não, pelo que eu sabia não era 1 mês. V.Exa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É, o Oswaldo disse que estava guardando dinheiro e tal.



O SR. ALESSANDRO SITON - Tanto é que ouvi o Oswaldo falando na Superintendência que a filha dele ia casar dali a uma semana. Eu ouvi o Oswaldo falar, na Polícia Federal, isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Que no fim não teve casamento nenhum.

O SR. ALESSANDRO SITON - No fim não teve casamento nenhum.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Foi só... Aliás teve, acho que uns 2 anos depois.

O SR. ALESSANDRO SITON - Não, não sei. Porque o Oswaldo foi transferido de presídio, e a gente já não tinha muito contato. Aí ficou um troço mais longe ainda.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E o Oswaldo foi para um presídio do Terceiro Comando, sabia?

O SR. ALESSANDRO SITON - Dizem que esse Bangu II é Terceiro Comando.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Coincidência, né? Ele era acusado de...

O SR. ALESSANDRO SITON - Se a pessoa no Rio de Janeiro...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - ... colocar arma na Pedreira para o Bravo, que era do Terceiro Comando...

O SR. ALESSANDRO SITON - Excelência, veja bem: essa transferência que veio para ele foi uma transferência que o Diretor mandou. Então, por exemplo, se você vai para um presídio no Rio de Janeiro, cada presídio tem sua facção. Cada presídio tem sua facção.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tu ficastes com qual?

O SR. ALESSANDRO SITON - Eu fiquei neutro, escolhi pelo neutro. Eu não tenho facção.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E por que o Oswaldo não escolheu a mesma coisa?

O SR. ALESSANDRO SITON - Porque não deram oportunidade a ele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Fica... Se tu escolheste neutro, porque ele foi escolher logo o Terceiro Comando?



O SR. ALESSANDRO SITON - Eu fui trabalhar no presídio.... Não, porque veio aquela transferência inesperada para ele, e ele teve de optar, deduzo eu, por essa facção, porque o presídio que ele estava era o Terceiro Comando. Então, se ele chegasse lá e falasse que não era ou que era de outra coisa...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Alessandro, veja: quando falamos a verdade, o negócio encaixa que é uma beleza. Por exemplo: o Oswaldo, a acusação contra ele é que ele abastecia de arma e munição esse tal de Bravo, do Morro da Pedreira, que é do Terceiro Comando. Quando o Oswaldo vai puxar a cadeia, ele vai para um presídio do Terceiro Comando. Quer dizer, tu vês que não encaixa tudo? Se ele não fosse de coisa nenhuma, ele iria brigar para ir para ficar contigo. Tu disseste que não ficou com ninguém...

O SR. ALESSANDRO SITON - Já começa por aí, Excelência, se eu e meu irmão tivéssemos ligação com traficante, com facção, nós iríamos para uma facção. Mas pelo contrário, desde o começo fomos chamados pelo Diretor do presídio: “*Vocês querem trabalhar comigo aqui? Vamos trabalhar certinho. Vocês vão ficar neutros*”. Não tem...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então, isso quer dizer que o Oswaldo era da facção?

O SR. ALESSANDRO SITON - Se ele foi transferido para lá e optou, eu não tenho conhecimento disso. Mas só sei que eu nunca optei.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Está bom, porque a tua declaração mostra que vocês... vocês estavam no mesmo barco, todo mundo sendo acusado no mesmo barco. A partir do momento em que tu dizes que vocês tiveram essa opção, essa opção deve ter sido dada ao Oswaldo também.

O SR. ALESSANDRO SITON - Pois é, mas...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então, o Oswaldo era do Terceiro Comando, e vocês não eram.

O SR. ALESSANDRO SITON - Mas acontece que essa transferência do Oswaldo não foi um pedido dele, Excelência, foi um desagrado que ele teve com alguém lá dentro do presídio, acima do preso, e a pessoa falou assim: “*Vou mandar você para lá*”. Aí chegou uma transferência sem ele saber, e ele teve de ir.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não teve que ir.



O SR. ALESSANDRO SITON - Teve que ir. A princípio ele não queria ir, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então ele recorreu da decisão?

O SR. ALESSANDRO SITON - Ele recorreu, mas não teve êxito.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ele recorreu para o juiz, pediu para não ir para Bangu II?

O SR. ALESSANDRO SITON - Não, ele pediu... não deu tempo de falar com o juiz, ele recorreu ao diretor do presídio e falou: *“Não quero ir, não posso ir, estou sentindo bem aqui”*. *“Não, você vai”*.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tu viste o diretor fazendo isso?

O SR. ALESSANDRO SITON - Não, ele chegou e falou assim: *“Tenho de ir embora”*. Porque eu estava trabalhando, batendo à máquina e ouvi isso: *“Tenho de ir embora”*. O que aconteceu? Deu 20 minutos depois, só vi ele passando com a mochila dele, e foi embora.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Por que essa tua preocupação em defender o Oswaldo?

O SR. ALESSANDRO SITON - Não, eu não defendi o Oswaldo de forma alguma. Só estou falando para o senhor o que aconteceu. Nunca defendi o Oswaldo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Está fazendo agora, está tentando arrumar uma desculpa, porque...

O SR. ALESSANDRO SITON - Não, estou falando o fato verdadeiro que aconteceu. Ele não queria ir, o diretor falou: *“Não, você vai”*. Ele pegou e foi. Simplesmente passou e falou: *“Estou indo embora”*. E me cumprimentou.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tu estás acusando o diretor de ter exposto o Oswaldo ao Terceiro Comando? é isso?

O SR. ALESSANDRO SITON - Foi uma decisão dele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Dele quem?

O SR. ALESSANDRO SITON - Do diretor, de mandá-lo para outro presídio.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sim, e por que ele tomou essa decisão?



O SR. ALESSANDRO SITON - Não sei qual foi o desagrado que teve entre eles.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Alessandro, é terrível. Só espero que tu coloques um pouco a mão na consciência e pare de fazer esse tipo de coisa, compreendeu? O teu depoimento aqui, para dizer a verdade, foi um desastre, porque tudo que tu falaste os fatos falam o contrário, não corroboram.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Inclusive, Presidente, no depoimento de Oswaldo Ferreira de Oliveira, quando perguntado pela Deputada Perpétua Almeida qual era a relação, ele diz: “É de amigos”. Ou seja, havia uma relação de amizade muito grande com a família toda, a família Siton. Aqui está o depoimento do Oswaldo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O próprio Oswaldo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Oswaldo diz aqui que foi para esse local...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Mas penso que..

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Que foi para esse outro presídio porque ali ele não seria eliminado, teria proteção.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - A dificuldade é normal nesse nosso trabalho. Veja que ele não se preocupa com a defesa, mas se preocupa em dizer que não sabe. E por quê? Porque aí não precisa identificar quem vendeu, onde vendeu, de que forma vendeu e tudo o mais. Quer dizer, então não bate o depoimento. Vou checar tudo o que tu falaste, se ficar comprovada a mentira no que tu falaste, vai ficar qualificado que mentiste para a CPI. E, se mentiste para a CPI, vamos fazer na CPI um documento à Justiça, e o benefício legal vai te ser tirado, porque infelizmente não vieste com a vontade de colaborar coisa nenhuma com a CPI. Tu estás dizendo coisas sem nexo. Quer dizer, num caminhão teu coloca um fundo falso, tu recebes o fundo falso. Há todo um trabalho — são quase 20 mil munições de grosso calibre, 50 granadas — para colocar dentro do teu caminhão, mas tu não estás nem aí para quem colocou ou não, não procurou. Ficou dois anos preso e não se preocupou em fazer uma apuração. Aqui nos autos, a maior preocupação tua, se fosse inocente, era saber quem é quem fez isso para ti.

O SR. ALESSANDRO SITON - Não, não, estou colaborando...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E nos autos tu não demonstras essa preocupação. Outro fato que chama a atenção: o teu recurso deu



uma pena de 5 anos, diminuiu 1 ano a tua pena. Sendo inocente, eu não quero ter pena nenhuma. E tu não te preocupaste com isso, não continuaste recorrendo. Isso é uma coisa que chama a atenção, comprehendeu? Então, fica difícil de ter... porque o que acontece aqui na CPI? A CPI é um lugar em que a pessoa vem para mostrar boa-fé ou má-fé. Muitos pensam que na CPI é que vamos descobrir a verdade de todos os fatos com depoimento. Não, em depoimento, a pessoa pode dizer qualquer coisa; pode dizer que é rei, que é imperador, qualquer coisa, porque não vai fazer muita diferença. A diferença do depoimento é para sabermos se vamos fazer uma investigação mais criteriosa naquelas pessoas, pela má-fé que elas demonstraram, ou se vamos simplesmente chegar a uma conclusão de que ali existe boa-fé e vamos para outra linha que seja mais produtiva. Infelizmente, o que tu passas para a CPI é o de não colaborar. Você tem a palavra para suas declarações finais.

O SR. ALESSANDRO SITON - Excelência, entendo o que o senhor quer me dizer, comprehendo, mas o que quero deixar bem claro é que o depoimento que dei em juízo é o que estou falando aqui. Não vim aqui com intenção de mentir, muito menos de falar coisas que não sei. Estou aqui falando o que aconteceu comigo, certo? Não corri atrás de quem me fez isso ainda, porque tenho uma mãe doente, acabei de perder meu pai e meu irmão ainda está preso. Mas nada está esquecido, porque eu vou correr atrás da minha inocência. Sempre trabalhei, tenho residência fixa, sou filho de família tradicional, nunca tive problema com Justiça, entende? E de uma hora para outra me acontece uma barbaridade dessa. Não vim aqui para aumentar coisa, não vim aqui para inventar coisa e muito menos criar coisas que não existem. Isso me pegou como uma saia justa... Poxa, de uma hora para outra acham munição escondida no meu caminhão, eu sou condenado, passo por mil e uma dificuldades, estou lá com a minha mãe doente, tenho filho para tratar. Entende? Vim aqui falar o que falei em juízo, Excelência, não vim distorcer fato, falar que é isso e não é, mesmo porque fiz um juramento e vim com a intenção de falar o que falei em juízo. Não posso chegar aqui e falar: é isso e aquilo, sem saber da verdade.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Terminou? Só gostaria de dizer o seguinte: o que tu falaste em juízo não convenceu o juiz, e o que tu falaste aqui também, pelo que vi, não convenceu os Parlamentares. Mas por enquanto está dispensado. Pode ir, por favor. (Pausa.) Solicito a vinda do Sr. Nelson Siton Júnior.



(Pausa.) Eu vou perguntar ao Nelson se ele gostaria de falar com o advogado. Querendo, antes do depoimento, pode conversar um pouco. Pode sentar ali atrás.

(Pausa.) Vamos retomar. Já foi dado o tempo para o Nelson poder conversar com o advogado. Então, o Sr. Nelson Siton Júnior está aqui conosco para prestar depoimento acerca dos fatos envolvendo a pessoa dele e acerca de outros fatos que possam colaborar com a CPI do Tráfico de Armas. Eu pergunto ao Sr. Nelson se ele gostaria de prestar juramento de dizer a verdade.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Sim.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Então, peço que o texto seja colocado para que ele possa ler. (Pausa.) Tem que ler em voz alta.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - *“Faço, sob a palavra de honra, a promessa de dizer a verdade do que souber e me for perguntado”.*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Obrigado. De conformidade com o art. 210 do Código de Processo Penal, advirto o depoente das penas cominadas ao crime de falso testemunho, assim descrito no Código Penal: *“Art. 342. Fazer afirmação falsa, ou negar ou calar a verdade como testemunha, perito, tradutor ou intérprete em processo judicial, ou administrativo, inquérito policial, ou em juízo arbitral”*. Então, isso é uma referência que o senhor, a partir deste momento, tem o compromisso de dizer a verdade. O senhor tem um tempo para poder relatar a sua versão dos fatos que o envolveram nessa apreensão, segundo seu irmão disse, de algo em torno de 20 mil cartuchos de 762 e 50 granadas. E o senhor está inclusive até hoje respondendo em razão disso. Tem V.Sa. a palavra.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Sim, o que acontece é que isso daí eu fiquei sabendo depois que foi, no caso, autuado o meu irmão. Até então não sabia o que procedia. Assim que eu estava no Rio de Janeiro, eu estava na casa de um amigo meu que eu vim a conhecer desde 97, na época em que eu morava em Foz do Iguaçu, que o nome dele é Oswaldo. E então eu fui convidado, na época, para o casamento da filha dele. Até então, quando cheguei no Rio de Janeiro, fiquei um dia na casa dele, no outro dia seguinte a Polícia Federal entrou com o pedido para revistar a casa dele, era, como se diz, uma busca e apreensão. Até então, não estou sabendo de nada. Fizeram uma revista na residência dele, na minha mala, e tudo normal. Daí levaram a gente pra delegacia da Polícia Federal. Aí foi onde que eu vim tomar o conhecimento de que já estava lá meu irmão, que tinha sido autuado no Rio



de Janeiro, estava lá e tal. Foi onde eu tomei conhecimento das munições e das granadas. E até aí, no entanto, a gente ficou lá o dia todo, umas 5 ou 6 horas. Saí de lá eram 11h, e de lá a gente foi encaminhado para o Presídio Ary Franco. E depois aí ocorreu a primeira audiência que a gente foi e, enfim, aí o juiz... Até a gente, devido a uma pessoa quando compra um caminhão, por exemplo, que nem o meu irmão tinha um caminhão financiado, enfim, seria o caso de trabalhar para pagar o seu caminhão. Ou seja, a gente analisando o que houve, os acontecimentos, a gente tem muito a respeitar a Polícia Federal, tem admirado muito o trabalho da Polícia Federal, mas só que, enfim, houve um equívoco, porque, da maneira que foi agido isso daí, eu acredito que teria que ter um procedimento tanto no começo e no final desse processo. Ou seja, quem que é dono disso, não é? E não só meu irmão, que foi usado por isso, como lá no presídio tem mais 1, 2, 3 caminhoneiros, que, enfim, nós que moramos no interior, a pessoa que chega para pegar um frete ou tocar a sua vida pela frente, para pagar tuas contas, tem muitos lugares que você deixa o seu caminhão e vai pegar no outro dia, ou vai... Ou seja, não é que nem nas capitais em que você chega e carrega seu caminhão e em poucos minutos e vai em frente. Ali não. Ali você tem que deixar um dia ou mesmo dois ou três dias para completar qual é o procedimento da sua carga. E existe mais gente lá que está dessa forma. Infelizmente, a gente, até inclusive no juiz, por mais que a gente tenha sofrido, por esse tempo todo, eu simplesmente ainda agradeço a Deus porque poderia estar morto ou assaltado, alguma coisa, por mais que meu irmão, ou apesar que a gente está aí já pagando por isso também, pelas acusações.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O senhor está preso em qual presídio?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Presídio Ary Franco.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Ary Franco. O senhor tem idéia porque o Oswaldo foi para outro presídio?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não. Inclusive, na época, quando a gente foi condenado, vieram fazer uma opção do que se a gente tivesse na tal de facção, e nós não temos isso, não tenho conhecimento desse tipo de coisa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E o Oswaldo optou ir para outro presídio?



O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não. Nenhum de nós 3, porque na realidade, eu e meu irmão, a gente e o Oswaldo também optamos por trabalhar na unidade que até hoje eu trabalho, já vai fazer 16 meses, já passei por 4 setores, por indicação...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quer dizer que, quando a gente entra no presídio, eles mandam escolher a facção?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Sim, senhor. Vai um documento que tem lá, se é de tal facção. Aí a pessoa, o preso coloca a facção que é. E como a gente não tem, é nós colocamos outro, porque não tem por que ficar se envolvendo jamais com isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Colocou neutro, aí eles têm o lugar para o neutro.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Sim, tem o lugar para o neutro. E a opção que a gente teve, como se diz — graças a Deus! —, na época conversei com o chefe de segurança, a gente queria pedir uma opção de trabalhar no presídio até que a gente fosse transferido para o Paraná, porque na época meu pai começou, infelizmente, a ficar doente e veio a falecer. E a gente queria ficar em casa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Queria ficar perto.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Ficar perto. Não conseguimos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O senhor recorreu da sentença, também?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Sim, fiz a minha apelação.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E aí, baixou a sua?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, senhor, confirmou.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - A sua confirmou. Baixou só a do seu irmão.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Baixou só a do meu irmão.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E aí o senhor recorreu de novo?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não recorreu?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, porque eu já estou inclusive... eu trabalhei 16 meses...



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Está aí uma coisa difícil de entender: por que a do seu irmão baixou para 5 anos e a sua não, se a carga estava era com ele?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não sei dizer isso ao senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Porque é interessante: teoricamente a dele é que era para ser confirmada e a sua... porque, afinal, o caminhão estava com ele, a carga foi pega no caminhão e tal. E o senhor que não estava no caminhão...

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não sei dizer isso ao senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O senhor tinha telefone à época?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não sei dizer ao senhor esse fato.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O senhor tinha telefone à época?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Tinha telefone na época.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Telefone celular?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Lembra o número dele?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não lembro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Estava no seu nome ou era aqueles pré-pago?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, esse era... se não me engano, acho que era até de linha, porque a gente mora no interior, não tinha isso aí.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sim, mas o senhor tinha celular, não tinha?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Era celular, mas não assim pré-pago, como o senhor falou.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não era pré-pago. Era seu mesmo. Estava no seu nome, ou nome do seu pai?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Estava no nome do meu pai.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Estava no nome do seu pai. Interessante, seu irmão também tinha um telefone, estava no nome do seu pai também. Era comum isso?



O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não isso daí é comum, porque não tem nada...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Fale-me do Oswaldo. O senhor conhece ele há muito tempo, não é? O que ele falou? Essa ida dele para o morro era do quê? Ele tinha parente no morro, o que era?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Ele tem a mãe dele, que ele me falou — não é morro, eu não sei, não conheço o Rio de Janeiro e não sei especificar para o senhor — que a mãe dele, o irmão dele mora num lugar lá, não sei dizer o nome exatamente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quando ele foi lhe pegar no aeroporto, ele parou num lugar. O senhor lembra onde é que era?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, ele me pegou no aeroporto, e a gente foi direto para a casa dele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Segundo a descrição, vocês pararam em algum canto.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O Oswaldo fazia o quê? Trabalhava com quê?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Ele é aposentado. Na época que eu conheci ele em Foz do Iguaçu ele tinha uma representante de relógios Orient, na época.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ele era representante.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Era.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Mas ele trabalhava em Foz ou do outro lado?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Ele trabalhava... eu conheci ele em Foz de Iguaçu, mas ele tinha um comércio no Paraguai.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ele tinha um comércio no Paraguai.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - É. Ele era representante desses relógios Orient na época.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Mas como era esse trabalho? Ele tinha escritório em Foz e tinha escritório também em Passo de Los Libres...

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, o conhecimento que eu tinha com ele...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O que é do outro lado da fronteira de Foz, lá no Paraguai?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - É o Paraguai.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sim, mas qual é o nome da cidade?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Hoje é Ciudad Del Este.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ciudad Del Este. Ele tinha firma lá?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - É, ele tinha uma representante lá em Ciudad Del Este.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E tinha escritório também em Foz?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, isso eu não me lembro também não, se ele tinha escritório em Foz.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ele morava em Foz?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Morava em Foz.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ele viajava muito na época?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Olha, ele é um comerciante, então o trâmite dele era trabalhar ali mesmo em Foz do Iguaçu e Ciudad Del Este.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tinha muita venda de arma e munição ali em Ciudad Del Este?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Isso daí desconheço. O que sei disso daí é o que passa na televisão.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sim, mas você morava lá, nunca olhou lá?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, mas eu nunca tomei conhecimento disso.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, nunca tomei conhecimento disso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Gozado, até hoje quem andar na rua em Ciudad Del Este vê venda de arma, vê venda de munição...

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Sim, mas isso passa na televisão.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sim, estou dizendo que tu moravas lá... Vocês são interessantes: o Oswaldo também...

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, eu morava nessa época em Foz do Iguaçu — 97 —, e hoje eu moro em Guaíra.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Veja que o Oswaldo já mentiu para a CPI, se vocês estiverem dizendo a verdade, porque ele dizia que era funcionário de uma firma ali em Ciudad Del Este e que ele só ia lá trabalhar dentro da firma, saía e tudo mais. Você já disse que a representação era dele.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Dentro do meu conhecimento, se ele disse isso... Ele especificou o que ele fazia?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ele disse que trabalhava com relógio, que era firma que vendia relógio.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Então, representante acho que é um funcionário.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É, mas é muito diferente você ser funcionário de uma firma e ser dono da representante lá.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Eu não estou dizendo que ele é dono. Estou dizendo que ele é um representante. Se o senhor falar isso, eu não estou falando.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É o representante da firma de relógio.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Antigamente ele era.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Pode ficar tranquilo, seu irmão também disse que ele vendia para o Paraguai todo o relógio nesse sentido. Então, isso não é problema. Vou passar a palavra para o Deputado.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Nelson, você disse que morou em Foz do Iguaçu. Por quanto tempo?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Eu morei 3 anos.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E você fazia o que em Foz do Iguaçu?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Eu trabalhava numa firma ali, que era inclusive do falecido pai, que era de máquinas pesadas.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Máquinas pesadas. Era firma do seu pai?
Como era o nome da firma?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Antigamente era Caterfoz.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E você era o gerente da firma?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, gerente não. Eu trabalhava como vendedor de peças de máquinas pesadas.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E você vendia só lá ou era vendedor que andava para outros locais também?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, senhor, eu não fazia campo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pronto. E depois que você saiu de Foz do Iguaçu, você foi morar onde?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Guaíra.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Guaíra. E vocês tinham uma fazenda no Paraguai, não tinham?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Antigamente meu pai tinha uma área lá.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E já venderam essa fazenda ou essa fazenda ainda pertence à família?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Essa fazenda ainda... meio a meio, porque meu pai faleceu...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, mas a fazenda ainda está no nome da tua família?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Exatamente.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Quer dizer, pode ser espólio e depois, na distribuição, vocês podem ter parte.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - É.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Essa fazenda produzia o que em Ciudad Del Este?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, não era Ciudad Del Este.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Era onde?



O SR. NELSON SITON JÚNIOR - A fazenda era em Salto del Guaíra. Fica perto. Então, era agropecuária e um pouquinho de lavoura, só.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - De lavoura?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Um pouquinho.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Vocês produziam soja?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Pouco, pouco.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Só por curiosidade: de que tamanho era essa fazenda?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Aproximadamente daria uns 725 hectares.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Há facilidade de comprar terras no Paraguai?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Sim. O senhor pergunta se há facilidade para um brasileiro comprar terra?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Sim. Facilidade há, sim, senhor.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E seu pai comprou essa fazenda por quanto, de 700 e tantos hectares? Qual era o valor lá?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Na época era baseado..., porque era uma fazenda que estava em formação, então, era baseado mais ou menos em mil reais o alqueire, na época.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E trabalhava nessa fazenda o teu pai...

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Eu já disse alqueire, né, porque o alqueire, no caso, é 2 mil e 400 metros quadrados. Então, seriam 2 hectares por 1 alqueire.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Então, quem morava lá, além do teu pai e tua mãe? Tinha você, Alessandro e mais um outro irmão que morava lá?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - É sim, senhor.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E vocês todos trabalhavam nessa fazenda ou vocês tinham outras atividades?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, porque a gente teve que vir para Guaíra para ter uma residência fixa em Guaíra...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E em Guaíra vocês tinham uma atividade econômica ou não?



O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Eu tenho um comércio. Eu trabalho com compra e venda de carros usados. Sempre faço um...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Você foi a um...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sua atividade é comércio de compra e venda de carro?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - No momento, é o que dá. Por exemplo: posso comprar um terreno, vendo o terreno, compro um imóvel...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Essa é a sua atividade?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Antes de vir preso, seria minha atividade essa. Um carro que eu compro de menos valor e tal...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Quer dizer, você vendia máquinas e peças lá em Foz do Iguaçu, que eram máquinas para o campo, e você depois vendeu lá, comprava e vendia carros?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Sim.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Alguma atividade que você vendia também produtos para o campo, produtos agrícolas, como venenos e outras coisas mais?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Sim, eu comecei... eu tinha iniciado e até ia pegar uma representante para eu fazer alguns trabalhos também, porque a gente mora no interior e não tem por que não fazer algum negócio assim.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Você, parece, responde a um processo por venda de veneno contrabandeado, não foi?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não responde a um processo?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Quer dizer, o único processo a que você responde é esse que você está preso agora?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Sim.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não respondeu a mais nenhum outro processo?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, eu respondo a esse processo que eu já estou há 26 meses preso.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo, mas não teve nenhum outro processo contra você?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Era comum você ir para o Rio de Janeiro?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E por que...

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, não era comum. A respeito de que eu tinha ido ao Rio de Janeiro, eu fui para o casamento da filha do Oswaldo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas você já tinha ido antes ao Rio de Janeiro?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Ao Rio de Janeiro eu tinha ido antes já.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E ficava sempre na casa do Oswaldo?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, eu fiz... Oswaldo é um amigo, tanto que ele sempre, de vez em quando, conversava comigo por telefone, mas nunca foi assim...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas o Oswaldo conheceu vocês como?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Em 97.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Onde?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Em Foz do Iguaçu eu conheci ele.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Foz do Iguaçu. Ele disse que conheceu vocês em Ciudad Del Este...

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, Foz do Iguaçu.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Então há uma contradição, porque no depoimento dele ele diz Ciudad Del Este...

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Ciudad Del Este ele tem a representante...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - ... e que inclusive esteve na fazenda de vocês. Ele esteve lá?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Sim, ele deu uma passeada junto com a gente lá.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Bem, aí o senhor estava no Rio de Janeiro, esperando o casamento da filha de Oswaldo, eis que a Polícia entra lá na casa de Oswaldo e prende Oswaldo e prende o senhor...



O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Entrou com uma busca e apreensão no apartamento do seu Oswaldo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E aí, quando a Polícia entra, além de pegar uma quantia que estava em casa, com Oswaldo, também levou celulares. Desses celulares, tinha algum do senhor, que o senhor estava com ele?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - É, estavam as minhas roupas na mala.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E levaram do senhor o quê?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Levaram meu celular, meu documento e eu.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. E esse celular depois foi devolvido ao senhor ou ficou com a Polícia Federal, no processo?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Eu não me lembro. Acho que foi devolvido. O advogado... foi devolvido.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Foi, né? Quer dizer, esse celular, ele tinha lá... era o senhor que pagava a conta dele?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - É

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas o senhor disse que estava no nome do seu pai, ou estava no nome do senhor esse aí?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, no nome do meu pai.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Esse caminhão de placa AGC 8549, Scania, pertence a quem?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Ao meu irmão junto com o meu pai.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Quer dizer, Alessandro?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - É.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Então, você não tinha nada a ver com esse caminhão?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não... É da família, mas a minha parte seria mais o comércio de compra e venda...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, mas o caminhão estava no nome de quem?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Em nome do meu pai, porque estava financiado.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Financiado. E quem era o responsável para dirigir esse caminhão?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Meu irmão.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Você nunca pegou nesse caminhão?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, eu nem sei dirigir caminhão.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não sabe dirigir. Era sempre o seu irmão que fazia a direção. Então, como você tomou conhecimento da prisão do seu irmão? Ou seja, como é que o senhor tomou conhecimento da prisão no dia 10 de abril de 2003, que prendeu esse caminhão, na Avenida Brasil, por volta das 9 horas da manhã, na saída do Trevo das Margaridas? Como é que o senhor tomou conhecimento dessa prisão?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - É como eu disse antes. Eu tomei conhecimento quando eles entraram com a busca e apreensão no apartamento do Oswaldo, fizeram uma revista, e a gente foi para a delegacia, lá estava o meu irmão com o caminhão lá.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. Veja, o senhor está respondendo, está preso por que motivo? Quais foram as acusações que foram feitas contra o senhor?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - É o contrabando e o art. 10, só.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Contrabando e art. 10. Formação de quadrilha?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, não senhor.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Tráfico internacional de armas?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não tem isso aí, não?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas o seguinte: Esse caminhão, que era dirigido por Alessandro, tinha duas caixas, uma caixa em que, segundo Alessandro, ele carregava ferramentas, e outra caixa, que ele diz que já vem com o caminhão, que era para carregar material que ele usava para produzir o alimento, para que fosse mais barato. O senhor, alguma vez, veio numa dessas caminhadas de Alessandro? Também o senhor andou nesse caminhão, alguma vez, com alguma carga?



O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Nunca. Mas é o seguinte: dizem que essa carga, esse caminhão transportava sem autorização munições e granadas adquiridas do Paraguai e dizem que o senhor era a pessoa que, juntamente com o Oswaldo, fazia intermediação dessas munições e granadas. O que o senhor diz dessa acusação?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Essa acusação não procede.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - A Polícia Federal fez uma investigação, monitorou suas atividades, Nelson, e também as atividades de Oswaldo, porque disse que vocês estavam sendo investigados em outros inquéritos policiais. Você diz que não respondeu nenhum outro inquérito policial. Não respondeu nenhum outro inquérito policial?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Nem por venda de veneno contrabandeado?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Herbicida, veneno. Não, senhor.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Vocês eram suspeitos de fornecerem armas, munições e artefatos de guerra que vinham da Argentina. Onde você morava ficava na tríplice fronteira, no caso?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Onde eu moro — que nem o senhor acabou de falar —, para ficar perto das 3 fronteiras, seriam 290 quilômetros.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim. Mas fica próximo. Tem Paraguai, tem Argentina e Brasil. Não é isso?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Da minha residência não fica tão próximo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Guaíra?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Duzentos e noventa quilômetros.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo, mas dizem que essas armas eram vindas, provenientes, da Argentina e do Paraguai e que vocês pegavam essas armas e que outras vez você teria ido para o Rio de Janeiro, não para o casamento da filha do Oswaldo, mas que era para levar armas para traficantes do Rio de Janeiro e também tráfico de ilícito de entorpecentes. O senhor nunca....

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não procede isso daí.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor conheceu... o senhor já esteve alguma vez no Morro da Pedreira, no Rio de Janeiro?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não conheço. Nunca estive nesse lugar.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não. Pois é. Dizem que o senhor e o Oswaldo freqüentemente se encontravam com o gerente do tráfico do Morro da Pedreira, Rio de Janeiro — pode ser que não fosse lá —, o Bravo. O senhor conhece alguém por nome de Bravo?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Nunca teve nenhum relacionamento comercial com esse Bravo?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, senhor, nunca tive vínculo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E vocês faziam isso para negociar o fornecimento de mercadorias contrabandeadas. Bravo era o chefe da quadrilha, não, ele integrava a quadrilha do traficante conhecido por Linho. O senhor conhece pessoa com esse nome?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não conheço também.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor fala que, quando entrou na cadeia, quando o senhor foi condenado ou foi preso, o senhor chegou na cadeia e lá entregaram-lhe um papel para que senhor dissesse onde que o senhor queria ficar, qual seria a organização...

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não. Primeiro, quando a Polícia Federal leva a gente para o Ary Franco... é porque lá tem uma custódia.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Então, no final do processo, que no caso vem a condenação, eles trazem uma opção.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Quem é que traz?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Geralmente é a parte jurídica do presídio, porque nesse presídio tem a parte jurídica, tem a classificação, tem a disciplina.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, mas quem é que levou para o senhor dizer: "Olha aqui..."

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Normalmente...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - ... "o senhor tem que agora assinar aqui. Qual é a proteção que o senhor quer ter aqui no presídio?"



O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Exato. Qual a facção que eu seria... é isso que o senhor quer saber?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - É isso mesmo.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Normalmente, é da parte jurídica.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas a parte jurídica já diz para o senhor: "Aqui tem o Comando Vermelho, aqui tem o Terceiro Comando"?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Exato. E nesse...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - É a parte jurídica que informava para o senhor.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Esse Ary Franco comporta as 3 facções lá, senhor.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo, mas quem informava isso era alguém do setor jurídico do presídio?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Exatamente, que vem pegar a opção de todos os presos da Polícia Federal.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. Quem era a pessoa responsável? O senhor não sabe o nome da pessoa que indicou para o senhor?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não me lembro agora para dizer bem específico para o senhor aqui quem veio pegar essa opção minha. Não me lembro mesmo. No Ary Franco, nos setores disciplina, segurança, no caso a jurídica, ambulatório, subsistência, a maioria são presos que trabalham nesses setores. Então, não posso dizer exatamente o nome dessa pessoa que veio, eu não me lembro se foi um preso que veio pegar a opção minha ou foi realmente... por que os presos que trabalham nessas seções é que normalmente...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Na cela onde o senhor ficou, o senhor disse que não era ligado a nenhuma facção e que o senhor era neutro. Foi isso mesmo?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Sim, senhor.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E o senhor ficou com quem na cela?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Normalmente, a gente fica com os presos só na custódia da Federal, que eles prendem e levam lá. Ali tem gringos, tem vários...



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Que dizer que vocês ficavam na custódia que era ligada à Federal que tem uma cela que é exclusiva para...

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não uma cela, são 6 celas.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pois é. Quem estava com o senhor na sua cela? Quantos presos estavam?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Quando nós chegamos tinha 22.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Vinte e dois.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Mas a cela comporta 16.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Dezesseis. Pois é. O Oswaldo estava com você no início também?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Estava no início também.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Além de Oswaldo, quem mais o senhor conhecia?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não conhecia ninguém.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Só conhecia o Oswaldo?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, só conhecia a gente mesmo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas o senhor sabe de alguém mais que estava nessa cela, algum nome ou apelido de alguém?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, esse lugar é o lugar que a gente ficava simplesmente cuidando... eu mesmo não tomava conhecimento de ninguém.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, eu sei. O senhor, por exemplo, fica lá numa cela que tem 23 pessoas, que era para 16, mas o senhor fica lá, é lá que o senhor almoça, é lá que o senhor dorme, é lá que o senhor toma banho, faz as suas necessidades fisiológicas, etc. E é claro que com o tempo o senhor vai conversando com os outros que estão lá. Esses que estão lá são acusados de quê? De tráfico de armas? De tráfico de drogas? Como é que é?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, isso daí são... vamos falar do processo: art. 157, art. 12, enfim, tem vários presos ...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor falou que estava com presos que eram presos que foram, ou seja, que a prisão foi feita pela Polícia Federal. A Polícia Federal prende quando existe tráfico de drogas, quando existe tráfico internacional, quando existe tráfico de armas, quando existe contrabando, enfim, as pessoas lá não estão porque roubaram ou mataram.



O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Normalmente, os presos que estavam lá comigo seriam, no caso, Excelência, de operações da Polícia Federal.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Então, eram pessoas que tinham crimes, ou seja, não eram crimes comuns, assim, que matou alguém, atirou...

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, isso...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Podem até ter matado, mas eles mataram em consequência do tráfico internacional de armas, de drogas e de outros crimes que são... Mas aí é o seguinte: além de Oswaldo o senhor não sabe o nome de mais de ninguém que esta nessa cela?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não tive conhecimento ou interesse nenhum de conhecer.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E durante o banho de Sol, o senhor não foi procurado por alguém, para dizer: “*Olha você está aqui e agora se você disse que estava neutro, mas agora se você não ficar no Terceiro Comando, se não ficar no Comando Vermelho, no PCC, no amigo dos amigos, você vai ter problema*”. Nunca foi procurado?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, senhor. Nunca fui ameaçado por isso. E, segundo, porque devido a gente não ter o conhecimento por essas pessoas que o senhor acabou de me perguntar, essas pessoas anteriores.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Então, eu não tenho o porquê de temer.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas o senhor disse na sua fala: “*Eu agradeço a Deus, porque eu poderia está morto e poderia até ter sido assaltado*”.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Eu não... sim, eu agradeço, por mais que eu esteja sofrendo nesses 26 meses.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. Mas por quê? Porque se o senhor teria alguma, que o senhor estaria sendo ameaçado de morte...

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, eu não. Mas o meu irmão poderia ser assaltado ou até poderiam ter matado ele.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, mas por quê?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Eu não teria conhecimento desse artefato no caminhão.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas por que isso aqui? A pessoa está fazendo... por que havia essa ameaça de assalto ou de morte a alguém de sua família?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, isso eu concluí a mim mesmo, Excelência.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Ah, o senhor concluiu. O senhor não tinha nenhum indício de que ele estava...

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, eu concluí da minha pessoa mesmo, agradecendo. Porque, veja bem, da maneira que ele também não tinha conhecimento disso, seria da mesma forma. Poxa, chegando no Rio de Janeiro, vamos concluir agora um... vamos nos supor no lugar dessa pessoa que está chegando, dali a pouco ele encosta, chega alguém desses marginais que era dono disso e...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. Alguma vez o senhor...

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - ... aconteceria algum episódio mais triste.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O Oswaldo tinha moradia em Foz do Iguaçu, não era?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Antigamente ele tinha.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E que tinha uma empresa também.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, ele era representante, não sei se era dono.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Representante. Um local. Mas depois ele foi para o Rio de Janeiro. E do Rio de Janeiro, de vez em quando, ele ia lá para Foz do Iguaçu. Alguma vez o senhor recebeu, ou seja, Oswaldo no Aeroporto de Foz do Iguaçu?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, nunca. Nunca recepcionei Oswaldo em aeroporto nenhum.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Há informação, e monitorada, de que o senhor, uma vez...

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - A informação foi, mas isso daí não procede.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - ... monitorado inclusive, que o senhor foi lá e levou o Oswaldo, inclusive, para um hotel lá de Foz do Iguaçu.



O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Eu ia a Foz do Iguaçu porque eu tenho uma filha com a primeira esposa minha lá.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Então, diariamente eu ia a Foz do Iguaçu.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas alguma vez o senhor...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E parava em algum hotel?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Qual hotel?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Eu não parava mais na casa dela.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E era no hotel... Qual era o nome do hotel?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Normalmente, eu parava em vários hotéis. Parava no Bourbon, parava no Plaza, no Mabu.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mabu. Então, nesse Hotel Mabu que o monitoramento foi feito e que o senhor pegou o Oswaldo e levou para esse Hotel Mabu. O senhor nunca levou?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Desconheço.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas veja o seguinte: o senhor diz que o já havia feito uma entrega de um carregamento ao Oswaldo no dia 17 de março de 2003, e que esse carregamento era também direcionado para o Morro da Pedreira. O senhor continua negando de que tenha... que seja responsável pelo carregamento de armas, munições, granadas para atividades criminosas do Rio de Janeiro. É isso?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor continua negando?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Negando.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas o senhor...

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Só um aparte.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Só para terminar aqui. No dia 26 de março de 2003 — e isso está com dados mesmo —, Oswaldo embarcou num avião da VASP com destino a Foz do Iguaçu. Lá chegando, aproximadamente às 13h30min, estavam lá os agentes, sabe, olhando o senhor esperando o Sr. Oswaldo, e que o acusado foi recepcionado no aeroporto daquela cidade por seu comparsa Nelson,



sendo toda atividade monitorada pela Polícia Federal. Ou seja, não foi por ouvir dizer, eles filmaram, eles pegaram o senhor lá.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Eles filmaram eu pegando o Oswaldo?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - É, o senhor pegando o Oswaldo.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Isso não procede, Excelência. Isso eu nego.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor nega?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não existe isso.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pois é. E que o senhor ficou no Hotel Mabu Resort e que a ida de Oswaldo àquela cidade teve como principal objetivo entregar para o senhor — e o senhor estava lá, segundo a polícia, para receber a quantia de 50 mil dólares norte-americanos que o Bravo tinha encaminhado como resultado dos armamentos e munições que o senhor teria vendido para ele.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Eles pegaram comigo esse dinheiro? Nunca vi um dinheiro desse na minha frente.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Nunca?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Uma quantia dessa.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor se encontrou alguma vez com o Sr. Oswaldo no Hotel Mabu?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Nunca?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Nunca.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor foi vigiado pela Polícia Federal...

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Excelência...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Eu vou terminar para passar para você. Com atividades na Argentina e no Paraguai, enquanto outros fizeram o mesmo em relação a Oswaldo no Rio de Janeiro. E aí é que verificaram que Oswaldo pegava o dinheiro dos traficantes de Bravo, que era o intermediário de Linho. Por sua vez, o senhor é que fazia a intermediação de armas da Argentina e do Paraguai. E Oswaldo ia lá não apenas para pagar por isso, mas também para ver se as armas que o senhor conseguia eram de boa qualidade. Isso está nos autos lá do processo. O que o senhor diz disso?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Nego. Não procede isso.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Eu passo a palavra e depois retorno para...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Deixa eu só dizer uma coisa que eu achei interessante aqui. Eu estava lendo o depoimento do Oswaldo a esta CPI. Por que o Oswaldo joga tudo no colo do Alessandro? Qual é a sua opinião sobre isso?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - No colo do Alessandro?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - O quê?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Olha, quem falou foi o Siton, o Alessandro: *“Que estava trazendo aquela carga, que era para entregar para o rapaz, não sei em que lugar; o lugar que ele eu não me recordo; para associar Oswaldo ao Nelson em termos dessa carga, a Polícia Federal alega que encontrou na minha casa 50 granadas e 20 mil tiros”*. Então, ele disse que essa carga de 50 granadas e 20 mil tiros... o Alessandro teria dito para ele que ia entregar para um rapaz. Está aqui na transcrição do depoimento dele.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Então, ele mentiu para o senhor, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Porque meu irmão não teria conhecimento disso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então, ele mentiu aqui?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Então, ele mentiu para o senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Mentir para a CPI... a possibilidade de progressão de regime dele vai pro brejo.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Pois então tem que ir. Se é uma coisa verdadeira, tem que...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Está aqui. Eu deixo você ler.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não. Eu estou dizendo que se está aqui a pessoa para dizer a verdade, tem que dizer a verdade.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É a transcrição do depoimento. Quem falou foi o Siton, o Alessandro: *“Que estava trazendo aquela*



carga para entregar para um rapaz, não sei o lugar. O lugar que ele falou eu não me recordo. Agora, associar o Oswaldo ao Nelson Siton em termos dessa carga, a Polícia Federal alega que encontrou 50 granadas e...". Quer dizer, ele estava falando sobre a carga de 50 granadas e 20 mil tiros. E ele joga tudo no colo do seu irmão.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Então, ele mentiu para o senhor, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Que o seu irmão é que saberia.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Então, ele mentiu para o senhor, e eu torno a falar para o senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É mentira dele. Pode continuar.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados. Nelson, qual a sua formação escolar?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Eu tenho o 1º Grau.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Primeiro Grau? Você estudou o seu 1º Grau em qual Estado?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - No Paraná.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Você é nascido, então, no Paraná e passou lá a sua... Qual foi seu primeiro emprego?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Meu primeiro emprego?

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - É.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - A gente sempre trabalhou, sempre junto com o pai, na época, na lavoura, nas terras.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - O seu pai tem propriedade?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Na propriedade.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Quantos alqueires de terra o seu pai tem?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Setecentos e vinte e cinco hectares, aproximadamente.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Setecentos e vinte e cinco hectares. Então, você e seu irmão trabalhavam com seu pai na lavoura?



O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Sempre iniciamos trabalho, sempre junto com o pai.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Deixa eu só entender uma coisa nessa... Vocês têm uma propriedade no Paraguai e outra no lado brasileiro, é isso?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, no Brasil, a gente tem propriedade, que é uma casa, um terreno.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - A fazenda mesmo fica no Paraguai.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Umas terrinhas lá.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Setecentos e cinqüenta hectares, que ficam...

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - É. Não, 725 hectares.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Setecentos e vinte e cinco hectares, que ficam localizados no Paraguai.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Isso.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Em Guaíra, no Paraguai.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - É.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Esse caminhão foi comprado no Brasil ou no Paraguai?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - No Brasil.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - No Brasil? É de sua propriedade o caminhão ou de seu irmão?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Foi comprado financiado no nome do meu pai.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Do seu pai?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - É.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Qual agência?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não me lembro porque isso daí quem... eu não sei qual o estacionamento que foi comprado esse...

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - E era um caminhão Scania?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Era um caminhão Scania.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Baú ou carroceria?



O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Era carroceria.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - E foi comprado com qual objetivo?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Por meu irmão gostar de caminhão e querer trabalhar com caminhão.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - É... você lembra o ano do caminhão? Foi zero?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não lembro.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Foi comprado zerado?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, não. Caminhão usado.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Não. E seu irmão tem quantos anos de idade?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Está com 26 anos o Alessandro. Vinte e seis anos.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Vinte e seis. Você é mais velho do que ele, então?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Eu sou mais velho do que ele.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Você não sabe dirigir?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Caminhão, não.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Não, né? E que tipo de frete o seu irmão fazia?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Geralmente, quando uma pessoa compra um caminhão financiado, ele trabalha....Que nem o senhor acabou de perguntar, se é baú, câmara fria ou carroceria, geralmente, é só carga seca, né?

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Certo. E que tipo de frete ele fazia?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Isso...

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Ele era agregado a alguma empresa ou ele trabalhava só como autônomo?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, esse é um procedimento que, quando um caminhão trabalha com frete, ele chega numa cidade, descarrega, vai num...

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Sim, mas vocês moravam no Paraguai.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, ninguém morava no Paraguai. Tinha nossa propriedade...



O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Só tinha propriedade no Paraguai?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Tinha residência, nós moramos em Guaíra, Paraná.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Em Guaíra, Paraná?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Sim, senhor.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Então, ele fazia, ele não era agregado a nenhuma empresa, ele fazia frete autônomo.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Fazia frete autônomo na época de safra, porque lá tem muita... tem a colheita de soja.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Qual é a época de safra lá?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Agora começa... agora, vai vir o trigo, vai vir o inverno. É... são 3: o inverno, o trigo; depois, vem a entressafra, que é o milho; e final de ano que é a soja.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Soja é final de ano e início do ano?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - É que são 3 colheitas, né?

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Na região de vocês, é mais soja, é mais milho ou mais trigo?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Nas estações, é plantado o milho, plantada a soja e plantado...

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Vocês nunca deixam de plantar?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, a nossa região é sempre isso daí.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Mas...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Só como curiosidade...

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Desculpe-me.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - ... a soja vai à colheita até quando mais ou menos? Março, abril, por aí?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - A colheita de soja...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - A safra.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Como?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - A safra de soja vai até março e abril, por aí?



O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Março, abril... Não, a colheita é rápida, são pequenas áreas, isso daí é rápido.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sim, mas eu digo, a safra. As entressafras são em que meses, mais ou menos?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - A entressafra seria... agora vem... seria julho para setembro, por aí.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Julho para setembro é entressafra.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Junho, julho.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Junho, julho, até setembro.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Por aí.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Aí é que dá a entressafra?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Dá a entressafra.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Está bom.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Só uma pergunta sobre a questão ainda do caminhão. Então, ele não era agregado a nenhuma empresa o seu irmão. Ele fazia frete autônomo, correto?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Autônomo.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Ele chegava a fazer frete do Paraguai ao Brasil também? Algumas mercadorias levava e trazia para o Paraguai, ou só para o Paraná?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, não, é só no Brasil. O caminhão dele, para o caminhão, hoje, para entrar no Paraguai tem que ter um documento, que é registrado, não sei dizer exatamente, aqui de Brasília, para entrar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Como é que fazia para pegar a safra da fazenda dele?

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Pois é, isso que eu...

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, nós não temos safra.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - E a fazenda era improdutiva?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - É agropecuária.

(Intervenção inaudível.)

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Isso é produzido e vendido lá mesmo.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Só agropecuária?



O SR. NELSON SITON JÚNIOR - É.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas veja bem: o caminhão utilizado nessa carga que veio para o Rio de Janeiro, a Polícia Federal monitorou, esteve lá em Salto de Guaíra e localizou esse caminhão que, depois, foi preso no Rio de Janeiro. Eles já tinham, é claro que eles não iam prender lá, porque eles queriam saber toda a cadeia. E foi lá na fronteira com Guaíra, Paraná, onde o senhor também mora, contendo o carregamento contrabandeado, camuflado na carroceria do veículo. E, a partir daí, a Polícia Federal começou a monitorar o percurso feito pelo veículo, tendo sido feita a apreensão. Ou seja, o caminhão foi visto lá em Salto de Guaíra. Como é que é isso aí?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não procede, Excelência.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não procede?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Deputado...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pois não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Deixe-me continuar.

Depois eu passo a palavra a V.Exa.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não, é porque eu estava, eu repassei para você e depois...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Eu aguardei um período. Só para eu continuar meu raciocínio. Então, Nelson, nesse período de março é um período de colheita também na sua região, de milho, não é isso?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Não deve faltar frete na região porque a gente percebe aí que a demanda por caminhões nessa região do Paraná, nesse período, é muito grande. Até há congestionamento nos portos...

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Eu não posso, eu não posso te responder exatamente, Excelência, em cima de frete de caminhão, isso é aquilo, porque não era minha área.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - A sua área era qual?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Minha área era comprar carro usado, vender.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você comprava carro usado? Você comprava normalmente onde?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Na região mesmo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Que tipo de carro você comprava?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Qualquer tipo, com valor de 20 mil reais abaixo. Eu trabalhava com esse tipo de carro popular.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Comprava e vendia carro, então?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você já comprou carro no Rio de Janeiro?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Nunca?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E nunca vendeu?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Nunca vendi.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você sabe quantos carros, mais ou menos, depois que você conseguiu fazer a operação, quantos carros você comprou e vendeu nesse período, antes de ser preso?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não faço idéia.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Muitos?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você esteve no mês de janeiro lá no Rio de Janeiro, não foi isso?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não. Eu estive no mês de abril, que foi quando eu vim preso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você não esteve lá no mês de janeiro?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Nem em fevereiro? O Presidente Moroni Torgan já deve ter feito você, pedido para você fazer o juramento,



porque mentir para esta Comissão também é crime. Negar os fatos e deixar de falar a verdade também é crime.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Agora, os...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Então, a gente quer, sim, queremos ouvi-lo. Acho que você tem direito à defesa, não sei nem se você já teve, um dia, o direito de fazer uma defesa tão ampla perante, quem sabe, até seus pais que estão assistindo à TV Câmara ou a sua cidade... Você é casado?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Sou juntado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Tem filhos?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Tenho, sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Até, quem sabe, para os seus filhos ouvirem sua defesa. E seria importante que você dissesse a verdade nesta Comissão. É importante para nós e essencial para você.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Sim, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Porque eu quero que você saiba o seguinte: em todo esse processo tem muitas informações. E tem informações que você não teve acesso ainda, que a Polícia tem e que nós temos. Portanto, a gente quer, sim, que você fale a verdade conosco. Você não esteve no Rio no mês de fevereiro?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Eu estive no mês de abril no Rio de Janeiro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Em janeiro, você não esteve?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Em fevereiro, também o senhor não esteve?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Também não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você afirma isso?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Eu afirmo. Eu estive...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E em março?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Em março, eu já estava preso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Calma aí.

(O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Eu fui, em abril, preso.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você esteve, em março, no Rio de Janeiro ou não esteve?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, eu estive em abril.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Em março, você não esteve?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não estive. Eu estive dia 9 de abril e, em 10 de abril, eu fui preso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você não esteve, então, no mês de março. Você está afirmando aqui à CPI.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Pense um pouquinho. Lembre se você não esteve lá no mês de janeiro.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, senhor. Eu não tenho por que mentir para o senhor. Se eu já vim aqui é para dizer a verdade e o que for. Agora, tem situações também que o senhor também não pode impor as palavras na minha boca. Aí também não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Claro, e não vou impor. Então, você não esteve no mês de março?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, senhor. Eu estive no mês de abril...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - No mês de abril você esteve?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - ... que eu vim preso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você foi fazer o que no Rio?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Vim no casamento da filha do Oswaldo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Qual é o seu grau de amizade com Oswaldo?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Normal.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Normal. Que tipo de... Onde você conheceu Oswaldo?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Em Foz do Iguaçu, em 97.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - O que ele fazia em Foz do Iguaçu nessa época?



O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Eu já falei para Excelênci, eu já...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Não, eu estou perguntando, eu quero que você responda pra mim. Você já falou para ele, mas eu não estava aqui.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Ele era representante da Orient, do relógio Orient, na época.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E você vendia e comprava relógio também?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, senhor. Eu trabalhava com comércio de peças na loja da Caterfoz, em Foz do Iguaçu, que é de um irmão falecido do meu pai.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você disse que comprava e vendia carro.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Isso daí foi o início. Agora, o final, o meu trabalho antes de vim preso seria esse daí.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - De quê?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - De compra e venda de carros.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Compra e venda de carros?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quando você conheceu o Oswaldo você vendia peças?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Sim, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Peças de carro?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Peças de carro.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, peças de máquina pesada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E o Oswaldo morava no Rio de Janeiro?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, ele morava em Foz nessa época.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Morava em Foz e depois veio para o Rio de Janeiro?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - É, depois aí... cada um...



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ele continua vendendo relógio da Orient?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Aí, eu não sei dizer ao senhor. É procedimento daí pra frente da vida dele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quando que Oswaldo mudou para o Rio de Janeiro?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Como?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quando que o Oswaldo mudou pro Rio? Qual o ano?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não sei, não me lembro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você não era amigo dele?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Sou, mas não me recordo do ano em que ele veio morar no Rio de Janeiro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas você sabe quantos: mais de 2, mais de 3, mais de 5? Você conheceu ele em 97, você falou.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não... É, em 97, eu conheci ele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E, durante quanto tempo ele ficou no Paraná, então, que vocês mantiveram contato?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Eu fiquei 3 anos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Então, até 2000, ele ficou no Paraná?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Três anos. Após 97, 98... é, 99.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Então, é provável que ele tenha vindo para o Rio do ano 2000 em diante.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - É, eu não posso responder por isso, porque daí eu já também vim pra Guaíra.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Tá, mas quando ele veio para o Rio, qual o primeiro contato que ele fez: *"Estou morando no Rio. Meu telefone é esse. Quando você quiser me ligar..."*

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Isso daí eu não me lembro. É que faz tempo já, não me recordo disso aí. Não me lembro da época em que foi isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Então, você veio para o casamento da filha dele?



O SR. NELSON SITON JÚNIOR - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você sabe o nome da filha dele?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Fabiana.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Fabiana?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - É. O sobrenome eu acho que é...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ia casar, então, no dia...

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Ia casar. Quer ver? Eram 3... uns 5 dias depois daquilo ali.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Então, você veio 5 dias antes para o casamento?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - É, mais ou menos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - É comum passar tanto tempo assim na casa de um amigo?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Eu não teria por que eu... Eu não poderia vir antes?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E os seus negócios no Paraná?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Tudo atualizado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Tudo atualizado?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Claro. Eu trabalho autônomo...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você é casado?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - ... compro e vendo carro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você é casado?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Sou casado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - A família do Oswaldo tinha uma ligação muito grande com a sua família também?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não. Muito pouco.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você conhecia a esposa do Oswaldo?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Conhecia.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - O Oswaldo conhecia a sua esposa?



O SR. NELSON SITON JÚNIOR - A minha esposa? A atual?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Não, a que...

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - A atual, não; a primeira esposa, sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - A primeira esposa, sim.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quando você foi ao casamento, você foi sozinho ou levou a sua esposa junto?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, onde...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quando você foi convidado para ir a um casamento... geralmente, convida-se a família, não é?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, mas eu fui... eu preferi... fui eu sozinho.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Foi sozinho.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Fui sozinho.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Então, você chegou ao Rio de Janeiro em que dia?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Dia 9 de abril.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Dia 9 de abril.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E você foi recebido por quem no aeroporto?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Por Oswaldo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Oswaldo e mais quem?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Só o Oswaldo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Só o Oswaldo?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Só o Oswaldo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Tem certeza?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Absoluta.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - De lá, vocês foram para onde?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Para a residência dele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Qual o bairro em que ele morava no Rio?



O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Se não me engano, era a Vila Isabel. Vila Isabel. Acho que é.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Então, você afirma que foi recebido no aeroporto só pelo Oswaldo?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Sim, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E, de lá, vocês foram para a Vila...

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - É, para a residência dele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - O Oswaldo tinha algum carro quando te pegou no aeroporto?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Sim, ele foi no carro dele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Qual o carro que ele tinha?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Era, se não me engano, um Pálio.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Pálio?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - De propriedade dele?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - É, propriedade... Era para ser de propriedade dele. Estava com ele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Então, era de propriedade dele o carro?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Vocês não mudaram o trajeto do aeroporto até a Vila Isabel para nenhum outro lugar?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Nenhum?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Nenhum.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Seu irmão também conhecia o Oswaldo, o Alessandro?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Muito pouco. Ele não teria nenhum vínculo, que nem eu conhecia o Oswaldo. Praticamente, nem conhecia.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Então, o Oswaldo... “Praticamente não”? Ele conhecia ou não conhecia?



O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não conhecia porque...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ele já foi apresentado ao Oswaldo alguma vez, o seu irmão, por você? Também têm as festas de família no Paraná.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Eu não me lembro disso, mas era comentado, que eu tinha um irmão chamado Alessandro, por ele. Mas não assim, que era apresentado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Então, ele nunca esteve com o Oswaldo...

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Nunca, nunca.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - ... o seu irmão?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Nunca.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ele não sabia onde o Oswaldo morava no Rio?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Eu não me lembro. Pode ser que eu tenha falado com ele, mas não sobre... que ele morava especificamente...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Então, no dia em que você chegou no Rio de Janeiro, no dia 9, você disse que saiu do aeroporto e foi direto para onde?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Para a residência do Oswaldo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Que era na...

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Vila Isabel.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Na Vila Isabel.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ficou lá, passou a noite lá?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Passei a noite e, no outro dia, eu fui preso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - No outro dia, na casa do Oswaldo, você foi preso?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Vocês não fizeram nenhuma saída à noite, a um barzinho?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, nada.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Para um hotel?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Nada?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, nada. Nada disso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você conhece bem a região do Rio de Janeiro, lá, Vila Isabel?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, não conheço. Não conheço, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Não conhece?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não conheço.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você teve contato com alguma outra pessoa...

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - ...sem ser o Oswaldo no Rio de Janeiro?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Tem certeza?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Absoluta. (*Pausa.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Tem quanto tempo que você está preso já?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Vinte e seis meses.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você acha que você está preso injustamente?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Estou injustamente, porque é uma coisa que a gente não deve. Se a investigação na Polícia é tão forte assim, respeito muito, na Polícia... Por que não pegaram o começo e o final, ou seja, disso daí, Excelência, me diz?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Nós vamos saber.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Então.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - A CPI vai saber por quê.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Por quê?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Por que você acha que não pegou?



O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não sei. Por quê? Por que pegou eu, pegou meu irmão, pegou Oswaldo? Você acha que finalizou por aí?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você acha que a Polícia Federal tem algum motivo para te perseguir?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Excelência, se eu tivesse...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você já depôs, prestou depoimento contra algum policial federal alguma vez? Já denunciou algum policial federal?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Então, você acha por que, então, que ela estava te perseguindo?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Eu não sabia...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Por que a Polícia... Não estou falando...

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Eu não sabia que ele estava perseguindo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quando você diz que você está preso injustamente, e quando a Polícia diz que você estava sendo monitorado por difamações...

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Pois é.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - ... então, alguém está mentindo. Ou você, ou a Polícia.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você acredita na Polícia Federal brasileira? Você, como cidadão, como homem de negócio, como proprietário de terra...

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Eu acabei de falar, eu respeito muito a Polícia Federal ou qualquer... o que seja, essa investigação, por que, eu me refiro, por que não pegaram, exatamente, vamos supor, o final disso, Excelência? Por que chegou em nós e parou? Por que não finalizou isso? Quer dizer, chegou em nós...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Tinha como avançar mais, você acha, na investigação?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Mas... qualquer um veja isso, gente. Qualquer um veja.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você acha que tinha mais gente envolvida, então?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Mas, analisa bem, se eles têm um início, eles acusaram uma coisa, que o caminhão do meu irmão entrou no Paraguai. Isso nunca aconteceu. O senhor pode levantar em documentação quais são os caminhões que entram na Argentina ou no Paraguai, o que seja. Isso daí, o meu irmão estava me dizendo, isso daí é uma coisa que tem que ter um documento daqui de Brasília, Excelência. Começando por aí. Agora, veja bem, coloca um caminhão para carregar; chega antes de finalizar essa operação, supostamente... é uma operação...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Correto.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - ... muito séria. Chega antes, e autuam da maneira que querem. Por que não finaliza isso daí? Se fazem um levantamento tão forte do começo, por que não finalizou? Eu acho que não tem um porquê de estar aqui, de estar mentindo alguma coisa em respeito de falar que eu conheço isso e conheço aquilo lá. É mentira.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Só para pegar a questão da...

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Né? Vamos... Excelência...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - ... Salto de Guaíra. Vocês tinham fazenda lá. Dessa fazenda, vocês vendiam a soja.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Excelência, veja bem...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Então...

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - O que é produzido ali, dentro do país...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - ... é distribuído dentro do país...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, mas vocês têm transporte para isso.

Qual é o transporte que vocês usavam?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, veja bem: o transporte que vai escoar essa soja, o gado, que seja para o abate, para exportação...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Isso daí é uma coisa que é toda documentada. É outro departamento.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, mas o caminhão podia então também estar lá, em Salto de Guaíra. Esse caminhão podia também...

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, não entra em fronteira nenhuma caminhão nenhum, Excelência. O caminhão que não tem documentação, não entra daqui de Brasília, que é cadastrado.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, mas esse caminhão não estava cadastrado, não, o caminhão Scania?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Esse caminhão do Alessandro, não senhor. Essa acusação não procede.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Olha, foi feito o monitoramento, ou seja, e aí você...

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Sim, mas...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - ... a pergunta que você faz...

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - ...monitoraram. Não procede o começo desse monitoramento, Jesus!

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Então, você diz que os policiais estão mentindo?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Vê: o começo disso daí não existe. E o final, por que não terminou certo?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas, o final já tinha, porque eles tinham o monitoramento também do Morro da Pedreira.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Mas e por que não prenderam esses homens? Por que, quando não prenderam Alessandro, vieram buscar Oswaldo e não pegaram essa turma?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, porque o importante era a conexão, porque, na conexão, era o senhor e o Oswaldo. O senhor e o Oswaldo foram presos.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Mas, não procede, Excelência. Isso aí é uma coisa inexplicável.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Como também o Alessandro...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Eu te pergunto: por que você acha que eles não prenderam o resto?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não sei. Não sei te dizer. Não sei dizer.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você acha que era gente muito graúda, que não podia aparecer?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não sei.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você acha que a Polícia...

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não sei dizer.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Então, você acha que tinha mais gente envolvida?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Se da maneira... Isso daí foi usado. Está faltando o pé a cabeça disso daí, na realidade, da operação.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - O meio está certo?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, não é que o meio está certo. O meio somos aqui... as pessoas que pegam alguém, têm que condenar, né? Vai fazer o quê?

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - O problema de vocês é a materialidade do delito. Como é que se prova a materialidade do delito? A partir do momento que tem a mercadoria proibida no caminhão, tem ali a materialidade e a pessoa que está ali. Alguém tinha que comprar isso. Como é que se prova a materialidade? O contato de vocês, lá em Foz do Iguaçu; o fato de o Oswaldo te pegar no aeroporto...

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Isso não procede, Excelência.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - ...e o fato, e o fato... Não, tudo isso procede: que ele te pegou no aeroporto. Isso aí ele mesmo disse aqui. Então, não tem esse negócio de não proceder. E o fato de que lá ele ia ter o resto da quantia do pagamento, que ele estava já com os 20 mil ali arrecadados. Isso é a materialidade do delito.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Onde que tinha 20 mil?

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Lá no apartamento em que vocês 2 estavam.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não. Isso daí, esse dinheiro, ele falou que era acusação...

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Compreendeu? A partir do momento..

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, esse dinheiro que ele tinha...



O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - ... a partir do momento em que fosse entregue o negócio, comprehendeu?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Isso daí não... não era...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Esse dinheiro é proveniente de quê? O Oswaldo falou? Qual a justificativa dele?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Esse dinheiro, que prenderam lá no apartamento dele?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - É.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Isso daí eram as economias dele, que era para fazer o casamento da filha dele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas Rio de Janeiro é uma cidade muito perigosa, concorda?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Sim, desses 2 anos para cá, que eu estou preso, assisto a muito coisa feia lá no Rio de Janeiro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Então. E lá já é famosa pela violência há muito tempo. Você deve acompanhar.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, não, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você, quando foi ao Rio de Janeiro, não sabia que era violento lá?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não... sim, a gente assiste à televisão...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você acha comum o cara guardar 20 mil reais, no Rio de Janeiro, assim, dentro de casa, lá na Vila Isabel?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Vila Isabel, acho que deve ser quase centro, lá?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você acha como, então?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, não é morro, não é nada; é uma vila, lá, não é...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Então, mas o pessoal não assalta no morro, mesmo, eles assaltam é embaixo mesmo. É o pessoal geralmente que desce para assaltar embaixo. Ninguém sobe para assaltar no morro, para a roubar residência do morro. É o contrário, mesmo.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - É, isso eu não sei dizer ao senhor.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Então, você acredita que está sendo injustiçado, que eles não fizeram o trabalho completo, o meio, o início da história e o final não estão bem contados...

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Isso daí é.. se é da maneira que eu... foi encontrado isso daí... acho que tinha que...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você também guardava dinheiro em casa?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Eu sempre fui uma pessoa que nunca, meu dinheirinho sempre foi...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quanto você ganhava por mês, com compra e venda de carro?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Ah, eu fazia 1 ou 2 negocinhos, dava para ganhar 3 mil, 4 mil reais. Aí...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você tem conta bancária?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Tinha na época?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Na época tinha.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Qual o banco?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Eu tinha no Banco SICRED.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - SICRED, lá de Guaíra.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - É um banco-cooperativa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E qual seu patrimônio? O que você tem registrado no seu nome?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, o que tem está no nome do falecido meu pai.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Seu pai morreu depois da prisão, não?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Eu estava preso já.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E você acha que sua prisão chegou a favorecer, a acelerar a morte do seu pai? Ele morreu de quê?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Morreu de câncer.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você não... você acha que a prisão dos 2 irmãos... Qualquer pai, qualquer família, não é...



O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Isso é um valor muito...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - ...que vê 2 filhos, jovens, presos, com certeza, isso abala qualquer família. Qualquer pai estaria sofrendo muito com essa prisão.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Muito. Muito mesmo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Qualquer pai sofreria muito com a prisão.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Muito.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E como você se sentiu quando você viu seu pai morrendo? Não sei se você pôde ir lá dar o último adeus ao seu pai. Não sei se você teve essa oportunidade.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não... Não queria nem comentar isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mas, com sua prisão, do seu irmão, seu pai vendeu a propriedade do Paraguai?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Eu nem sei. Agora, a gente vai chegar em casa e vamos ver o que vamos fazer.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você vai sair da prisão? Você está fora da prisão já, não é?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, senhor; o meu advogado entrou com meu pedido de livramento condicional. Eu já estou trabalhando no presídio... logo após da condenação. Vai fazer 16 meses. Então, eu remi um pouco de pena e já concedi a condicional.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quando você foi preso, o que você falou para sua família?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - A família, a gente ficou até um pouco... pouco não, bem mobilizado, porque nunca esperavam uma situação tão grave.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você tem mais irmãos?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Tenho um irmão mais velho.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ele trabalha em quê?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Trabalha cuidando as coisas da gente lá.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Na fazenda?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - É, do que tem lá.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E você tem renda dessa fazenda?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - A gente sempre, de vez em quando, tira lá, cada 2 anos, tira uma vaquejada lá e faz um dinheirinho e tal.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Como é a fazenda? Ela tem o quê?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Agropecuária, né? Então...

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Tem uma casa...

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - É uma... simples, não é nada de...

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - E tem o quê? depósitos?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Benfeitoria, é uma benfeitoria. Tem a mangueira, para trabalhar com o gado; tem uma casa do empregado, do peão que trabalha; tem um peão lá e tal.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Tem depósitos, coisa assim? Um celeiro, uma coisa assim?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, depósito, não. Não existe depósito grande, não.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Não tem celeiro para tirar leite de vaca...?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, não. Muito pequenininho. É uma coisa só para o custo mesmo ali da fazenda.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - E trabalha com quê a fazenda?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Agropecuária. Um pouquinho só de plantação.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Quantas cabeças de gado tem lá?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não tem muito, não. Um pouquinho lá; uma média de umas 300, 500 cabeças.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Trezentas, quinhentas cabeças. E vocês só vendem o gado?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - A cada 2 anos, né, porque o gado...

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - O seu pai trabalhava com o quê?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Mexia com essa área, sempre vivendo dessa área aí.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Com agropecuária?



O SR. NELSON SITON JÚNIOR - É.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - E como é que conseguiram... Antes da fazenda, tinham o quê?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Meu pai, ele... o pai dele é de Corbélia, né? Então, tinha já umas terrinhas ali também e tal.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Corbélia é onde? Eu não conheço.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - É no Paraná.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - No Paraná?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - É, no Paraná.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Aí, tinha umas terras ali?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - É, tinha umas terrinhas. Eles mexiam com lavoura ali também. Tinha açougue. Também trabalhava com farmácia, né? Os irmãos deles são farmacêuticos e tal.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Até que comprou... E tem um irmão? Tem parente teu que tem fazenda ali em Foz também?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Não tem parente teu com fazenda em Foz?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, não; ele tinha um comércio só.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Tinha só comércio. Estranho.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quando se falou o nome do seu pai, eu vi que você se emocionou. Qualquer filho também se emocionaria em falar da morte do pai, por não ter tido oportunidade, talvez, de dar o último abraço, dar o último adeus. Quem sabe, gostaria de estar perto da sua mãe, para confortá-la, com os netos, né? A gente sabe que isso realmente toca na gente.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E isso é muito difícil, né? O pai que pega o filho, que cuidou do filho, que deu estudo, que deu roupa, remédio. Quando o filho está na melhor idade, que é a idade de — quem sabe? — administrar a fazenda dele, cuidar do gado... Quem sabe o sonho do seu pai era ver você cuidando da fazenda, cuidando dos negócios. Aí, o seu pai, com 750 alqueires de terra...

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, é hectare.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Setecentos e vinte e cinco hectares. E ver um filho que tem toda a terra, todo o campo ali pronto para viver do fruto da terra, aí, o filho larga a terra e vai para cidade comercializar carro, comprar e vender, fazer 2 negocinhos de 3 mil reais por mês, né?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Quatro mil.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Pois é. E uma terra com 725 hectares poderia dar muito mais renda do que isso. Seu pai não tinha tristeza em saber que você poderia render muito mais na fazenda e preferiu comprar carro, vender carro? Porque, às vezes, você compra, o cara dá um cheque sem fundos, o carro está com o emplacamento enrolado, né? Muito constrangimento. Seu pai não sofria também com isso?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - O que acontece, Excelência, uma propriedade, uma propriedade de agropecuária, o retorno dela não é assim mensalmente. O senhor veja bem: o senhor coloca uma vaquejada lá...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quando você fala uma vaquejada, são quantas vacas?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Vaquejada é um termo de dizer, mas são 100, 200 vacas criando.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Porque 725 hectares de terra são cerca hoje de 180 alqueires de terra, não é isso?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, dá bem mais.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Quatro hectares dá um alqueire...

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Dá 300 alqueires.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Trezentos alqueires?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - É. Porque aqui...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ah, lá é o alqueirão!

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, lá é o alqueirezinho.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Lá é 200 mil?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, lá é 2,4.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ah! Lá é 2,4?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - É 2,4.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Porque aqui é 50, né? Em algumas regiões, é 200 mil; em algumas, 48. Então, lá é metade?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Lá é 24.200 metros um alqueire.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Vinte e quatro mil e duzentos.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Seriam mais ou menos 300 alqueires. Então, a produção dessa área, essa vaquejada que o senhor pediu para mim, que o diga assim 200 vacas criando, são 9 meses para criar, mais 2 anos, quase 2 anos para tirar, já no caso o boi.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Agora, pensando o seguinte: pensando que seu pai sofreu com a prisão sua, do seu filho... Qualquer pai, vendo 2 filhos jovens desses presos... e ainda mais sabendo que é injustamente, sofreria muito mais.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Entendeu? Muito mais. Sabendo que seu pai sofreu. Quem sabe, vocês não assumam todo esse rolo, mas vacilaram em alguma coisa na vida lá; quem sabe se, quando o seu pai descobriu, você já estava preso; quem sabe se tivesse percebido antes, tinha orientado você, orientado seu filho, porque é comum a gente ser influenciado, fazer alguns negócios, às vezes, alguma viagem, né? Pensando em todo o sofrimento que seu pai teve, que esse tempo você ficou... Seu pai morreu depois de quanto tempo que você estava preso?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Um ano.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Então, seu pai sofreu quase um ano?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mais de um ano. Pensando nisso tudo...

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Ele, com 7 meses, já começou a ir para o hospital.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Ele tinha câncer, né?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Câncer.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Foi identificado antes ou depois da prisão?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Depois da prisão, depois de 7 meses.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Que foi identificado o câncer nele. Com certeza...

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - E talvez até um pouquinho mais, porque isso daí foi tão rápido; aconteceu em 40 dias isso aí.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Pois é. Eu estou falando porque é comum. A Medicina mostra aí, já tem instrumentos que mostram que o estado de espírito da pessoa ali pode acelerar as enfermidades. Então, pensando no sofrimento do seu pai, da sua mãe, do seu irmão, dos seus filhos, em tudo o que passou, você faria tudo de novo? Você teria — quem sabe? — repensado sua vida em outro estilo de vida.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Depende o que o senhor está dizendo, o que eu faria de novo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Sua vida. Tudo o que você fez na vida. *“Não, poxa vida, eu poderia ter ficado perto do meu pai na propriedade lá, mais perto dele, eu perdi muito tempo”*.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Mas eu sempre estive perto do meu pai, Excelência. A gente sempre morou na mesma cidade.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Seu pai chegou a visitá-lo na prisão?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - O meu pai não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você acha por que ele não foi visitá-lo na prisão?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Uma... No começo, 4 meses, eu tive... que a família da gente ficou... a gente ficou ali no Rio ali. Depois, a família foi para lá. Aí, por parte um pouco de parte financeira e tal, a gente ficou um ano sem ver a família. E daí veio...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você acha comum pai ter 2 filhos presos e não visitar o filho na prisão?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Mas o meu pai, ele, antes disso, Excelência, ele tinha sofrido já 2 derrames. Então, ele já estava doente.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Qual a idade dele?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Cinquenta e sete anos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Novo.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Pai novo.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Ele já tinha sofrido 2 derrames.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você disse para a CPI que só veio uma vez ao Rio de Janeiro.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - No ano de 2003.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - É

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Nos anos anteriores, você já tinha vindo ao Rio de Janeiro algumas vezes?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não me recordo, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Você só foi uma vez ao Rio até hoje, então? A primeira vez foi a que foi preso?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Sim, que ainda fui preso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Só uma vez?!

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - É.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Nelson, você, quando foi para o casamento da filha do Oswaldo, você saiu de onde? Você pegou avião de onde?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Cascavel.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Cascavel. E por que não de Foz de Iguaçu?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Porque Cascavel fica perto de Guaíra.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Ah, sim.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Guaíra é onde eu moro.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E você foi de Cascavel. Tem algum negócio em Cascavel?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não. Em Cascavel, eu tenho os familiares da parte do pai que moram lá também.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mais tem algum negócio familiar lá?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, não.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E, de Cascavel, você foi para onde? Foi para...

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - De Cascavel, eu vim para o Rio.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas não passou por São Paulo?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Acho que teve conexão em São Paulo. Eu não me recordo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Qual foi a empresa que você saiu de Cascavel?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - É um avião pequeno, que sai de Cascavel, se não me engano é a ... Rio Sul.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Rio Sul?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Acho que é. Deve ser a Rio Sul.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pela informação, o senhor saiu na empresa aérea Trip.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - É Trip. É isso daí. Mas, antes era Rio Sul, não sei, eu não me lembro.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Aí, o senhor disse que, nesse mesmo dia, o senhor de lá foi para Curitiba e, depois, o senhor foi para... De Curitiba, o senhor embarcou em outra empresa. Qual foi a empresa que o senhor chegou ao Rio de Janeiro?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Eu não me lembro, Excelência. Sério mesmo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Foi a Gol?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Acho que foi a Gol.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Gol. Que fez conexão em São Paulo e o vôo era 1630 para o Rio de Janeiro. Então, veja como a Polícia fez todo o monitoramento, sabia de tudo. Quando você diz que muita coisa foi inventada, ou seja, esse inquérito passou depois pelo Promotor, que fez a denúncia. A Justiça analisou, e analisa com as provas materiais e as provas testemunhais, usando testemunhas, então, não é possível que toda essa conexão tenha sido, ou seja, enganada por informações que você disse que não procedem. Então, eu queria ver o seguinte: é também de Cascavel que esse caminhão, que foi preso no Rio de Janeiro, passou alguns dias na cidade de Cascavel, antes de seguir sua viagem.



O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Sim, mas aí foi onde o Alessandro, se não me engano, deixou o caminhão para carregar.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas ficou alguns dias em Cascavel.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - É, mas aquilo que eu disse, hoje, em certos setores, o proprietário do caminhão deixa o caminhão para carregar. Era um final de semana, pega na segunda-feira...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Veja que interessante: o senhor saiu de Cascavel e o seu irmão com a carga saiu de Cascavel também. Quer dizer, então...

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - É, mas eu tinha que sair de Cascavel porque o avião era de Cascavel.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Permita-me um pouquinho, Deputado?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pois não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O senhor viajava muito, é?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, senhor. Pouco, na região.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Por que o Oswaldo diz: "*Ele vivia na minha casa, ele viajava muito*".

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não. Isso daí é mentira dele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É mentira do Oswaldo também?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - De vez em quando, eu falava com ele por telefone.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Rapaz, esse Oswaldo é mentiroso pra caramba viu, porque... O senhor vinha muito a Goiás?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ele diz aqui: "(...) que *ele ia muito para Goiás*". E diz até que o senhor aparecia aqui em Brasília na casa dele. "Geralmente, quando ele vinha para Brasília ele fazia baldeação, passava um dia na minha casa, depois ia embora".

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Em Brasília?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Ele tem casa em Brasília?



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Está aqui: “(...)*quando ele estava em Brasília*”.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Nunca vi isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Disse que o senhor andava muito em Goiás, que tinha casa... que andava na casa dele em Brasília. Está aqui na declaração dele. Quervê? Que ele ia muito para Goiás.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Mas eu nunca passei em casa dele em Brasília.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - “*Geralmente quando ele vinha para Brasília (...)*”. É mentira dele também?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Isso aí é mentira.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Rapaz, esse teu amigo é mentiroso então, segundo a tua...

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Acho até que essa data do casamento devia estar errada também.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eu acho que é mentira também, porque a filha acabou casando mais de 1 ano depois. (*risos.*) Então, esse negócio estava esquisito. Ele diz aqui: “*Passava um dia inteiro na minha casa*”. É verdade isso?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, senhor. Eu cheguei à casa dele no Rio de Janeiro, e no outro dia fui...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Mas ele diz que tu visitavas muito ele, não era...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Olha, Nelson...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E esse fato de ele dizer que tu visitavas muito ele? como é que é isso?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, senhor. A gente falava de vez em quando por telefone, alguma coisa assim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Por telefone. Tu não visitavas ele constantemente, não?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, não.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então, é mentira dele também esse negócio de que tu visitavas ele todas as vezes? Ele ia direto lá para Foz? Vocês se encontravam lá depois?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - De vez em quando, porque eu ia lá visitar minha filha, né? Ele também ia para lá.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Aí vocês se encontravam?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - De vez em quando nos encontrávamos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - De vez em quando se encontravam. Agora, quem é o Silvino?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Esse é meu tio; é irmão do meu pai.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E ele tem uma fazenda, tem?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Ela é de sociedade junto com o meu pai.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Mas onde?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - É essa mesma propriedade.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Essa aí, não. Lá em Foz do Iguaçu ele tem fazenda?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não. Lá ele tinha um representante de peças de máquinas pesadas. Ele era dono de uma firma lá.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Teu irmão disse que tu trabalhavas numa fazenda do tio Silvino.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Sim, mas isso daí era na época em que ele tinha uma propriedadezinha pequena. Da maneira que eu trabalhava com ele em Foz do Iguaçu, ele tinha também uma propriedadezinha de 30 alqueires ali na região mesmo de Foz do Iguaçu.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E, nesse trabalho em Foz aí, tu tinhas carteira assinada, tudo direitinho?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, eu não tinha carteira assinada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tu não tinhas carteira assinada na Caterfoz, em Foz?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, eu não.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E me diz uma coisa: e esse negócio de inseticida? Que negócio é esse? Tu trabalhaste, vendeste muito inseticida para Goiás e tal?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, senhor. Eu sempre... que nem eu acabei de falar no começo: eu ia pegar uma representante de adubos Folhar. Fiz uns negócios de herbicida, mas muito pouco, na região mesmo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Porque olha o que ele dizia: *“Geralmente, quando ele vinha para Brasília para vender inseticida aparecia em minha casa”*.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, mas isso daí não é... eu não sabia que ele tinha casa...

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Você nunca veio a Brasília, então? Você está dizendo isso também, não?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - A Goiás. Nunca andou aqui em Goiás?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Nunca vim para Brasília.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Nem Brasília, nem Goiás. Tu nunca andaste?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Estou vindo aqui agora.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E por que ele inventou esse negócio?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Pois eu queria...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Coisa esquisita.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - O cara é amigo dele, né?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Pois é.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Convidou até para o casamento da filha.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quer dizer, inseticida mesmo tu não vendias. Tu vendias era carro?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - É. O meu comércio seria compra e venda de carros.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É, porque parece que até teu irmão estás enganado, porque ele também diz que tu vendias inseticida aqui.



O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Também. Acabei de falar: fazia uns negocinhos de herbicida também.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Rapaz, quando a gente não combina e não é a verdade, o negócio é complicado, é muito complicado, porque um diz uma coisa, o outro diz outra. Por exemplo: seu irmão disse que na entressafra ele precisava ficar 2 meses com o caminhão viajando. Tu acabaste de me dizer que a entressafra é entre junho a setembro; a prisão foi em abril. Quer dizer, veja, quando a gente não diz a verdade, o negócio vai desmoronando assim. Se a entressafra é de junho a setembro, é sinal de que até junho ainda se está na safra. Ele podia estar trabalhando para a safra. No entanto, ele disse que ficou 2 meses... porque estava na entressafra. Olha a prisão que dia foi aqui, 9, 10 de abril, em plena safra, quer dizer, não tinha razão de estar com o caminhão viajando fora, porque estava em plena safra, podia estar fazendo o carro da safra.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - A pessoa não tem o compromisso fixo de ficar fazendo safra, ela pode achar...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não. É como são ditas as coisas, compreendeu? Começamos a perceber. Tu dizes: "*Olha, na entressafra eu tenho que viajar para outros cantos porque aí a safra não dá cobertura*". Aí, eu descubro que ele viajou em plena safra. Quer dizer, então, aí é complicado. É difícil de a gente conseguir chegar... Eu não sei, acho que vocês estão com medo de falar alguma coisa, porque tu estás preso, e isso o Terceiro Comando deve estar pressionando, deve estar mandando recado para vocês, se falarem qualquer coisa sofre algum tipo de represália, eu acredito nisso.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Pode até morrer na prisão, né?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É. Então, eu não vejo muito mais vantagem, porque eles vão tentar inventar todo tipo de história. Infelizmente, não está convencendo ninguém. A história não convence ninguém. Para começar, seu irmão foi processado uma vez por crime de contrabando, mas o produto era para usar na fazenda. Só que o crime de contrabando não foi no Paraguai, foi no Brasil e a fazenda é no Paraguai. Quer dizer, então, por que trouxe para o Brasil inseticida se a fazenda é no Paraguai? Quer dizer, era muito mais fácil manter no Paraguai.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Só uma pergunta, Presidente.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então, quando as coisas não são corretas, é complicado. Quando a gente não fala a verdade não encaixa uma declaração na outra e aquilo vai se desmoronando. E é o que está acontecendo com vocês. Todas as afirmações de vocês estão se desmoronando.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Um aparte, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Pois não.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Qual o nome do seu advogado? O nome dele?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Sr. Emanoel.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Emanoel de quê?

O SR. NELSON SITON JUNIOR - Não tenho. José...

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Não, estou perguntando a você.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não me lembro, não estou...

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Não? Por quê? Estou perguntando...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Aqui advogado não fala, meu amigo, nem faz juízo de Deputado que está dando declaração.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Quero saber o nome do seu advogado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ele perguntou uma pergunta simples. Não tem... É só para saber o nome.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - É para você responder. O nome completo do seu advogado.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Poxa, eu me esqueci.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - A ferramenta que você mais precisa neste momento que você está preso. A pessoa que você mais precisa é um advogado, e você não sabe o nome completo dele? Para um cara que está preso, a pessoa mais importante para ele, é mais importante que um médico, que o professor, que a mãe, é o advogado. Aí, você não sabe o nome completo do seu advogado?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Completo não.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Qual o nome dele? Primeiro nome?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - O seu segundo é Emanoel.



O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Só sabe que é Emanoel?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E quem é que faz o pagamento de seu advogado?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Senhor?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Quem é que faz o pagamento pelo serviço que ele presta ao senhor?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Somos nós mesmos, a família.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E não tem recibo, não? É pago assim sem recibo?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - É feito um documento, né?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pois é. No recibo, você tem lá o nome, pagamento e tal.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Seu advogado é de qual Estado?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Estado de São Paulo.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - De São Paulo? O senhor conheceu ele onde?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Conheci ele por indicação.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Indicação de quem?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Dele mesmo.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Não. Você conheceu ele por indicação dele mesmo?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - É lá do presídio. Que ele mesmo...

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Você está preso onde?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - No Ary Franco.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Onde que é Ary Franco?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - No Rio de Janeiro.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - E o advogado é de São Paulo?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - É.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - E o senhor conheceu ele lá no Ari Franco?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Mas ele pode ter cliente lá também.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Claro que pode, pode ter até no Paraná, entendeu?



O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Então, pronto.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Quero saber o seguinte: ele é de São Paulo o seu advogado? E você está preso no Rio de Janeiro? Ele se apresentou lá como advogado para você? Ele mesmo se auto-indicou? A sua família não procurou advogado para você?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Foi através do cliente dele que foi indicado ele.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Como é que é? Qual cliente?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Através de um cliente dele lá da...

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Que você conhecia?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não. Lá do presídio que me indicou...

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Qual o nome do cliente?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não me recordo.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - A sua família não contratou advogado pra você quando você foi preso, não? Seu pai é fazendeiro, rapaz! Seu tio é fazendeiro!

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - O senhor que está falando.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Seu irmão tinha carreta. Qualquer cidadão que ganha um salário mínimo, se tiver um filho preso, a família vai arrumar um advogado para ele, qualquer cidadão. A mãe vai vender, vai fazer faxina, o pai vai vender o táxi, ele vai pedir emprestado, mas vai arrumar um advogado. Seu pai é fazendeiro, com 725 hectares de terra. Você foi representante, seu irmão tinha carreta, seu tio tinha fazenda, e eles não contrataram advogado para vocês?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, os advogados quem arrumou...

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Você conhecia algum advogado no Paraná?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Impossível. Você já respondia processo, seu irmão já respondia.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Sim, mas...

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Vocês tinham outros advogados no Paraná.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Peguei um advogado mesmo do Rio.



O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Qualquer cidadão que é preso num Estado ou num outro, no mínimo, ele vai acionar o advogado dele lá no seu Estado, que vai até indicar um colega dele lá no outro Estado: *“Olha, fica difícil eu acompanhar o processo daqui, ter de deslocar de um Estado para o outro, mas eu vou indicar um amigo meu lá do Estado que você está preso que ele vai te acompanhar”*. É o procedimento normal. Imaginem vocês que uma família que aparentemente tem posse, tem uma renda financeira, tem boi, tem vaquejada, ninguém se preocupa em contratar um advogado, ninguém manda um advogado do Paraná pra lá. Aí, você vai aceitar um advogado que vai aparecer lá no presídio, que é advogado de um cliente que você não conhece. Cliente de advogado, meu irmão, é infrator e criminoso ou supostamente esteja respondendo um processo por algum tipo de crime. Aí, você aceitou uma indicação, sem conhecer o advogado, não sabe o nome, tem 2 anos e meio que está preso, praticamente, não é isso?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Vinte e seis meses.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Vinte e seis meses que está preso. E é advogado seu há quanto tempo?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Já tem, esse Dr. Emanuel, já faz o quê? Quatro meses já.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - E quem era o advogado anterior?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Dr. José Ciro Sagrili.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - De onde?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Do Rio de Janeiro.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Quem te indicou o Ciro?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Esse lá no, lá no, lá no presídio mesmo.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - O mesmo cliente? Por que você trocou de advogado?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Troquei porque ele não fez o processo que ele tinha que fazer.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - E qual o processo que tinha que fazer?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Fazer minha apelação e fazer os...

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Por quê que você acha que ele não fez?



O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não sei, pegou 50% do meu dinheiro, do dinheiro que...

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Quanto que você deu para ele?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Foi 9 mil e 500 reais.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Cinquenta por cento seu em dinheiro, por quê? Você tinha 18?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Era o combinado com ele.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Dezoito mil.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - É.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Ele pegou a metade e não fez o processo?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Está o.k.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sr. Nelson, o senhor foi preso em abril, abril de 2003, não foi?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Foi.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Em março de 2003, o Seu Oswaldo disse que foi para Foz do Iguaçu, dia 26 de março de 2003, quer dizer, um mês antes. Quando é que ele lhe convidou para o senhor ir para o casamento da filha dele? Foi nessa época?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não me recordo a época, mas foi mais ou menos essa época.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Foi março, um mês, um mês antes?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Mais ou menos.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Um mês antes. Então, lá chegando, o senhor, mesmo negando, mas o senhor foi monitorado e todos os seus passos foram seguidos por dois agentes da Polícia Federal; acompanharam. O senhor não via, mas eles acompanhavam. Estava lá, aonde o senhor ia, iam atrás para ver o que o senhor fazia. O senhor nega, mas o Seu Oswaldo, chegando em Foz do Iguaçu, às 13:30... E é claro que, ou seja, assim como ele foi recebê-lo no aeroporto do Rio de Janeiro e vocês eram muito amigos...Como é que era o apelido, como é que era o apelido do Seu Oswaldo? Ele é conhecido como, intimamente?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Ele é conhecido como Vavá.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Vavá. E o senhor o conhecia como Vavá, Seu Vavá, né? Quer dizer, era uma coisa muito de amizade mesmo. Seu Vavá. Pois o Seu Vavá... Segundo o monitoramento feito por dois agentes da Polícia Federal que acompanhavam todos os passos, o senhor foi ao aeroporto e recebeu o Seu Vavá e que o senhor o levou para o Hotel Mabu. E o senhor, e não apenas, também ficou hospedado nesse hotel, juntamente com o Seu Oswaldo. E o que era a atividade do Seu Oswaldo? O Oswaldo iria entregar a quantia que o Seu Bravo — que é lá do Morro da Pedreira —, que era para entregar ao senhor pelas armas, parte das armas que o senhor teria conseguido no Paraguai e na Argentina. E até é dito sobre as armas, que são fusíveis M-16, Sig-Sauer e Fal, e munições também na Argentina, e também granadas. As armas seriam do Paraguai e as munições e granadas viriam da Argentina. O senhor, ou seja, continua negando, porque o senhor não vai ser mais condenado outra vez por isso aqui; o senhor vai contribuir com a CPI.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Excelência, eu não tenho por que mentir para o senhor.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas é o seguinte.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Sim, mas não procede, Excelência.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Monitorado por dois...

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Continuo negando isso.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Olha, os agentes, também, quando eles dão depoimento, eles também dizem sobre a questão de dizer a verdade, eles podem também ser acusados por falso testemunho. Se o senhor diz que eles estão mentindo, por que o senhor, que tem um advogado, não fez um processo contra eles por falso testemunho?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Pois é, mas isso daí eu peguei advogado na época, foi feita a minha defesa e tal, e infelizmente...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Defesa, mas são 2 agentes que não tinham nada com o senhor, estavam lá fazendo o serviço porque foram designados pela Superintendência para acompanhar todos os seus passos.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Como é que eu vou processar uma pessoa que está me acusando sendo que...



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pronto. Mas é o seguinte: o senhor, que saiu de Cascavel... Interessante, Deputado Moroni Torgan, o seguinte, olha aí, prova de que pode ter outro motorista no meio, porque o caminhão ficou escondido alguns dias em Cascavel e seguiu posteriormente para São Paulo. Naquela ocasião, o veículo já estava sendo conduzido por Alessandro, então significa que alguém, outra pessoa, pode ter conduzido aquele caminhão até Cascavel. O Alessandro mora em Cascavel ou mora também em Guaíra?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Mora em Guaíra.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Em Guaíra. Pois é. Esse caminhão não pode ter saído de Guaíra ou de Foz de Iguaçu para Cascavel sem ter alguém que estava dirigindo, porque diz o monitoramento que aí já era conduzido por Alessandro, irmão de Nelson. De São Paulo o veículo deslocou-se ao Rio de Janeiro, momento em que foi abordado pela Polícia. Aí o senhor diz: *"Mas por que a Polícia Federal fez tudo isso aqui e não continuou investigando para pegar a outra ponta?"* Ou seja, é porque tinha uma ponta no Paraguai, em Foz do Iguaçu, outra no Rio de Janeiro, e ele, segundo o senhor, a Polícia só teria feito a prisão do senhor, do Alessandro e do Vavá...

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Do Oswaldo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Do Oswaldo? Teria outras pessoas no esquema para serem presas?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - É uma situação que eu sei que...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas o senhor já falou: *"Por que eles não fizeram?"* O senhor perguntou.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Pois é, mas eu perguntei mesmo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - E por que não fizeram isso?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Porque, devia ter alguma, o senhor devia saber mais alguma coisa.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não senhor, não é questão agora, por isso, eu tenho que conhecer, Excelência.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo, então o senhor imagina.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Então, isso eu que induzi, imagino, a minha pessoa.



O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Só um aparte, Deputado Luiz Couto.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pois não.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Você disse que saiu de Cascavel no dia...

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Dia 9 de abril.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Dia 9 de abril. Seu irmão, saiu que dia de Cascavel, o caminhão?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não me lembro.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Não lembra. Você sabia que o seu irmão vinha trazer uma carga para o Rio de Janeiro?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, primeira carga foi para Curitiba, a que ele tinha pegado no frete era para Curitiba.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Em Curitiba. Então, a primeira carga ele fez de Cascavel para Curitiba.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Curitiba.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Depois de Curitiba, São Paulo. Veio direto para o Rio de Janeiro, não é isso?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Aí veio... Era para ter uma... Eu não sei o trâmite do caminhoneiro.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Mas você sabe que dia que ele saiu de Cascavel?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, isso daí não, não me recordo.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Você não acha estranho você fazer o mesmo trajeto de avião que o seu irmão fez de carro?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não tenho... Por que? Vocês estranham isso?

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Não tem?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não tem.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - É claro que não tem. Mas eu queria saber o seguinte. Você tinha prazo, seu casamento ia ser 5 dias depois ainda e depois acabou sendo um ano depois, não é, no depoimento prestado?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Sim, mas daí veja bem...



O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Você podia ter vindo com seu irmão, batendo papo com ele de caminhão, dois jovens, qualquer irmão, não é?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Independente disso.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Não é Deputado Moroni Torgan? "Vou para o Rio de Janeiro". "Estou indo para lá também. Vamos juntos, vamos batendo papo". Até para acompanhar seu irmão na viagem.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ainda mais que chegou dia 9 no Rio e, segundo eles, o casamento era dia 17, quer dizer, tinha muito tempo.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Tinha muito tempo.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, mas também não...

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Seu irmão, ele foi convidado para o casamento também?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Mas, você não podia falar: "Você está no Rio, vamos no casamento lá, juntos. Você vai estar no Rio de Janeiro".

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, caminhoneiro tem que trabalhar para pagar a prestação do caminhão, não é questão que tem que ficar junto comigo por ser irmão.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Obrigado, Deputado.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. O senhor foi recepcionado no Aeroporto Santos Dumont no dia que o senhor chegou ao Rio de Janeiro. Quem recebeu o senhor, quem foi?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - O Seu Oswaldo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O Seu Oswaldo, Seu Vavá. A hora que o senhor chegou ao Rio de Janeiro, mais ou menos que hora?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Foi à noite, eu não me recordo o horário não, Excelência.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Depois de 9h da noite, mais ou menos?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Acho que foi de 8 e meia a 9h. Não me recordo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. Aí o senhor... Quando o senhor chegou ao aeroporto, o senhor pensava que só tinha o Sr. Oswaldo. Mas lá tinham também 2, 3. Lá só eram 3 agentes da Polícia Federal.



O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Aonde?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - No aeroporto, quando o senhor chegou.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - No aeroporto?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - É. Monitorando o senhor, porque eles já vinham de lá, porque eles já sabiam que o senhor tinha comprado a passagem, tinha embarcado no avião da Trip para Curitiba, que o senhor teria vindo no avião da Gol. Quando eles chegaram lá, já sabiam de tudo. Então, estavam lá para... Mas disseram: *“Não é a hora de prender, porque a gente quer pegar o esquema maior...”*

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Então, o senhor chega e foi recebido pelo Sr. Oswaldo Vavá. Quando o senhor saiu, disse que o senhor, juntamente com o Sr. Oswaldo, os senhores estiveram na favela Vila do João, no Conjunto Esperança, no Complexo da Maré. E eles viram que o veículo Palio... o senhor veio nesse veículo do aeroporto?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - É. Ele foi com um Palio.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pois é, e disse que o senhor esteve juntamente com o Sr. Oswaldo nesse local. O senhor, quando saiu do aeroporto, disse que não parou em nenhum lugar, que foi direto para a casa do Sr. Oswaldo, na Vila Isabel.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - É.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não teve nenhuma parada?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, senhor. Fui direto para o apartamento do Oswaldo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pois é. Tanto eles sabiam, que, no dia 10 de abril de 2003, um agente telefonou dizendo: *“Olha, Nelson e Oswaldo estão na residência de Vavá, em Vila Isabel”*. Aí, eles foram buscar, tinha um mandato de busca e apreensão. E foi nesse dia que outros agentes prenderam vocês no apartamento de Oswaldo. O senhor já tinha ido nesse apartamento outras vezes, não já?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não. A primeira vez.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Primeira vez?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - É.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas já tinha ido ao Rio de Janeiro, porque o senhor disse para mim que já havia ido outras vezes no Rio de Janeiro.



O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não. Foi no dia 9 de abril que fui para lá.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas outras vezes o senhor não esteve no Rio de Janeiro?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não. Não me recordo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Veja, o senhor disse... Ou seja, é normal o senhor ter uma quantia grande na residência? O senhor mantém também esse estilo do Sr. Oswaldo, de 20 mil e 260 reais?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não. É estranho uma pessoa ter isso aqui num Estado onde normalmente, se alguém sabe que tem lá, vai lá e assalta a casa de Sr. Oswaldo e vai pegar uma quantia muito grande. Porque no dia 10... O casamento ia ser que dia?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Eu não me recordo a data.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor não recebeu o convite?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, não recebi.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - “*O casamento tal*”. Ou seja, tem algumas coisas estranhas aí. Dizem que sua função, Sr. Nelson, era negociar com os compradores de armas e artefatos e fazer a entrega do produto dos crimes. Ou seja, Nelson e Alessandro, que também é seu irmão, tinham o objetivo também de ocultar e guardar armas e munições, introduzidas de forma ardilosa no território brasileiro. Dizem o seguinte: que vocês tinham lá no Paraguai, vocês escondiam essas armas e depois vocês encontravam um meio de trazer para o Brasil, porque sabia que o caminhão não podia pegá-las lá no Paraguai. O que o senhor diz dessa acusação?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Isso daí eu nego. Não tem como...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Quer dizer que o senhor nega? A Polícia tem informações e monitorou tudo isso aqui. Então, o senhor conhece alguma pessoa conhecida por Lilico?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não. Nunca teve contato com pessoa com esse nome?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas, veja o que diz: “*que o papel de Alessandro Siton era o de transportar o armamento, mediante o recebimento de*



comissão; que as investigações chegaram até Alessandro Siton em face de informações dadas à Polícia Federal por moradores do Morro da Pedreira, entre as quais a de que Alessandro Siton, no mês de fevereiro do ano em curso, já havia feito uma entrega de armamentos naquele mesmo morro". Ou seja, não apenas em abril, mas ele teria vindo já em fevereiro. "Que os integrantes da operação a que se referiu, a partir dessas informações, passaram a monitorar as pessoas apontadas". Quem é que eles monitoravam? O senhor, Nelson Siton Júnior, o Alessandro Siton, que é seu irmão, e o Oswaldo Ferreira Oliveira. "(...) e chegaram até o caminhão utilizado no transporte das armas e artefatos, veículo esse apreendido na diligência realizada no dia 10/04/2003". Conforme relatado na denúncia, "(...) que o depoente participou da diligência realizada no dia 10/04/2003, que culminou com a apreensão do veículo descrito na denúncia dirigido por Alessandro Siton. Que ficou comprovado que os fuzis tinham sua procedência do Paraguai, sendo que nesse carregamento não havia... que as granadas eram da Argentina, bem como as munições; que, quando da apreensão do veículo descrito no item 1 da denúncia, Alessandro Siton, que o dirigia, negou que o estivesse conduzindo armamentos, afirmando que estava a transportar embalagens ao Carrefour; que Alessandro (...)" Só para fazer a pergunta. O senhor diz que nega, que não procede, diz que precisa que a polícia continue para encontrar a outra ponta. A pergunta: por que eles não continuam para investigar as outras coisas? A relação que o senhor tinha com o Sr. Vavá era de amizade profunda, porque ninguém vai para casa de alguém se não tem essa amizade. O senhor diz que não responde a outro processo. Mas há no depoimento que o senhor responderia a outro processo por venda de inseticidas contrabandeados e que seria uma razão também para que o senhor também respondesse a esse processo. Eu digo, Sr. Presidente, que o Sr. Nelson, claro que ele está preso, ele não pode revelar, ou seja, a mesma coisa disse o Alessandro, que não podia falar muita coisa porque o irmão estava preso. E é claro que, preso, ele está no meio de organizações, e é claro que não pode contribuir. Eu perguntaria se ele gostaria, em caráter reservado, em caráter secreto, que só vai, ou seja, somente os Deputados terão acesso, e essas informações não poderão ser repassadas, não poderão ter publicidade. Se ele queria também declarar alguma coisa em caráter secreto para a CPI. É isso que gostaria de perguntar.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ele está lhe fazendo uma pergunta.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - O senhor diz...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor falaria só para os Deputados? Não seria filmado. Ou seja, só para que o senhor dissesse como é que funciona essa relação toda.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, mas...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não quer?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não, por enquanto não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Diga-me uma coisa. O senhor já pagou algum honorário para o seu advogado?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Senhor?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O senhor já pagou algum honorário?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Para o último advogado? Ainda não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não pagou nada?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quero até ressaltar a boa vontade do advogado nesse sentido.

(Intervenção inaudível.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não vou conversar com V.Sa., não. Mas é interessante, é bom. Esse negócio é tranquilo. Eu fico tranquilo. Só quero dizer uma coisa: se o senhor estivesse mais do lado da sociedade, o senhor iria ganhar mais. Se o senhor tivesse com mais vontade de nos ajudar, junto com seu irmão, o senhor iria ganhar mais. Vejo que muitas pessoas ficam convencidas do contrário, e podem perder. Quero dizer que o senhor passou a ser uma linha de investigação desta CPI. O senhor e toda a sua vida daqui para trás, todos os relacionamentos e tudo o mais, porque, infelizmente, vocês vieram com versões desencontradas. E estou falando isso na frente dos dois, são irmãos. Deixei de propósito seu irmão aqui, para ele ver o desencontro de um e de outro. É fácil: quando a gente fala a verdade, não tem desencontro. Quando a gente fala a verdade, é uma tranquilidade. Então, quero dizer que o senhor está dispensado. E



se um dia o senhor quiser conversar conosco, mande um recado, a gente conversa. Tá bom?

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Sr. Presidente, antes de dispensar o depoente, que ele tenha noção do que tipo de trabalho que a CPI vai fazer daqui em diante. Investigação sobre você, sua família, seu tio, sobre as propriedades de vocês, sobre a empresa que você disse que tinha de peças.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Devassa completa.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Sobre a representação do Oswaldo, sobre a empresa que você trabalhou, os carros que você vendeu. Entendeu? Quebra de sigilo telefônico, bancário de vocês todos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Vamos pedir cópia de todos os processos também.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Cópia de todos os processos. Para você ter noção do seguinte, do que o nobre Deputado Moroni Torgan falou: a partir do momento em que você hoje, preso, responde a processo, já perdeu um ente querido da família durante esses processos todos. Não sei quem estaria disposto a continuar te ajudando, entendeu? Tendo em vista que nesse processo vai gastar muito ainda. Corre até risco de vida preso no Rio de Janeiro, preso na boca do lobo. Entendeu? Então, esta Comissão teria condições de te apoiar e receber o apoio seu. Sei que há informações que você tem que você não passou para ninguém, nem para a Polícia, o Ministério Público, a Polícia Federal, mas que seriam importantes para esta Comissão. E a gente poderia, como você diz aí que não responde a nenhum processo anterior, esta Comissão teria condições de te ajudar, te auxiliar, mas bastaria que você tivesse vontade de ajudar. Se você não tiver, não adianta. Você vai continuar preso. Só que você pensa que está perto de sair da cadeia com esse monte de mentira que você contou aqui hoje? Isso vai tudo se revirar contra você novamente. E você tem oportunidade de se retratar e de dizer a verdade para nós. Por que senão, você acha que vai sair, vai ver sua mãe, sua família daqui uns dias, porque o advogado está entrando com recurso? Você fez um juramento no início da reunião, não fez?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Fiz um juramento.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Você sabe que, sob juramento, você já cometeu vários crimes aqui. Já foram até te informar dos crimes que você



cometeu. Negou a verdade, falou mentira para esta Comissão, mentiu em diversas situações, continua mentindo, só não está mentindo para você mesmo, porque você conhece a verdade. Mas quem sabe você poderia contribuir para que nós fizéssemos complementação dessa operação, porque você sabe que está sendo injustiçado. Quem sabe do lado de lá e na reta final, como você diz, por que a polícia não foi atrás? Eu até ia questionar isso, Sr. Presidente. Porque, já que houve um monitoramento do caminhão, da saída lá da divisa do Paraguai para Curitiba, para Cascavel, para São Paulo, acho que — não sei, posso até estar enganado, a polícia tem trabalhado sério no Brasil todo, a Polícia Federal — se tivesse um pouquinho mais de paciência, pegava lá na boca da botija o caminhão descarregando...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Deixa só eu explicar. O chefe das facções criminosas, seja esse aí do morro, o amigo bravo, seja outro, ele não vai estar do lado dessas armas nunca. Ele vai mandar “soldadinho” lá — “soldadinho” entre aspas —, não se confunda com soldado que defende nossa Pátria e soldado da Polícia.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Representantes.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Mas esse são chamados de “soldados do tráfico”; é uma deturpação do termo soldado, mas ele vai mandar esses caras lá para fazer isso. Acho o seguinte: foi dada toda a chance para ele, foi dada toda a chance para o irmão dele, foi a grande chance que tiveram, mas não quiseram...

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Vou fazer a última pergunta: você quer conversar conosco, nós Deputados, só nos três, reservadamente, só conversar? A última chance que vamos dar a você.

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - O que eu tinha a dizer eu já falei.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Você não tem mais nada a acrescentar?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não tenho mais nada.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Não quer falar?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não. Não é que não quero falar. Não tenho nada para falar.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Não tem?

O SR. NELSON SITON JÚNIOR - Não tenho.



O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Então, está bom, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Teria muito o que falar, porque até dentro do presídio a gente ouve tudo. Então, poderia falar quinhentas mil coisas, até fora do caso dele, se quisesse falar, e se quisesse colaborar, e se quisesse ser réu colaborador, se quisesse ter a proteção, se quisesse tudo isso. Mas, muitas vezes a instituição não convence, e o que convence, infelizmente, é o outro lado. Então, paciência. Estão dispensados. Só volto a frisar que o depoente Alessandro deve voltar direto ao Rio de Janeiro, porque ele tem de se apresentar rotineiramente à Justiça do Rio de Janeiro. Como o Nelson está preso, ele vai voltar com a escolta dele ao Rio de Janeiro normalmente. Estão dispensados. Agradeço muito a paciência ao Dr. Fernando Francischini, que estava aqui esse tempo todo analisando. Veja que aquela fronteira do Paraná é terrível, Dr. Fernando. Quero, sem mais delongas, convidá-lo a estar aqui à frente e podermos falar um pouco sobre esse problema de tráfico de armas no Paraná. (Pausa.) Quero dizer que é um prazer grande. O Dr. Fernando já tem colaborado com esta CPI, já tem feito um trabalho muito bom lá no Paraná, com algumas prisões, inclusive com esse tenente-coronel dos Bombeiros agora, o Copetti. Mas eu até enfatizo mais esse problema do tenente-coronel dos Bombeiros. Acho que aí é uma linha investigatória muito interessante que temos também. Aliás, hoje já apareceram outras linhas investigatórias que eu achei bem interessante. Depois, em reunião reservada com a CPI, vamos conversar. As pessoas pensam que estão embromando a CPI, mas muitas vezes estão dando linhas bem importantes para que possamos investigar. Vi uma hoje bem interessante que vamos fazer.

(Intervenção inaudível.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não precisa sair ninguém, é audiência pública. Não tem problema nenhum. Eu gostaria de convidar o Vice-Presidente para presidir, porque antes eu gostaria de votar alguns requerimentos de minha autoria. Há vários requerimentos aqui de minha autoria, então, temos de votar um por um. Antes, porém, eu gostaria de colocar em votação a ata da última reunião.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Solicito dispensa, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - A leitura?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - É.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Muito obrigado. Foi distribuída a ata da 19ª reunião desta Comissão. Coloco em discussão. Em discussão. (*Pausa.*) Não havendo quem queira discutir, em votação. (*Pausa.*) Aqueles que aprovam permaneçam como se acham. (*Pausa.*) Aprovada a ata.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sr. Presidente, eu requeiro que possamos votar em globo os requerimentos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Há alguns que podem. Outros, como são quebra de sigilo, não podem.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Então, vamos fazer em globo aqueles que não forem quebra de sigilo e votaremos individualmente. O que não for quebra de sigilo, votaremos em globo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Conforme decidido então pelo Plenário, vamos colocar em votação os Requerimentos nº 1, 2, 3 e 4. A proposta do nobre Deputado Luiz Couto solicita que seja colocado em votação em bloco os Requerimentos nº 1, 2, 3 e 4. Em discussão a proposta do nobre Parlamentar. (*Pausa.*) Não havendo quem queira discuti-lo, coloco em votação. Os Deputados que aprovam permaneçam como se encontram. (*Pausa.*) Aprovada.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Só uma retificação pequena, Sr. Presidente, é o item 1, 2, 3 e 4.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - O.k.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Os Requerimentos nº 77, 78, 79 e 80.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Em votação. Faremos a leitura dos requerimentos. Item 1. Requerimento nº 77/05, do Sr. Moroni Torgan, que solicita que seja convidado o Sr. Carlos Roberto Pacheco de Melo, oficial responsável pelo Serviço de Fiscalização de Produtos Controlados da 3ª Região Militar do Rio Grande do Sul, para prestar depoimento nesta Comissão Parlamentar de Inquérito. Requerimento nº 78/05, do Deputado Moroni Torgan, que solicita seja convidado o Sr. Edson Garrastazu, Presidente do Tiro 4 Clube Gaúcho de Caça e Pesca, para prestar depoimento a esta Comissão Parlamentar de Inquérito. Requerimento nº 79, do Deputado Moroni Torgan, que solicita que seja convidado o Sr. José Carlos Duarte, Presidente da Federação Gaúcha de Tiro Prático, para prestar depoimento para esta Comissão Parlamentar de Inquérito. Requerimento nº



80, do Sr. Deputado Moroni Torgan, que solicita que seja convidado o Sr. Luciano Fernandes Menezes, Delegado da Polícia Civil de Santa Cruz do Sul, para prestar depoimento a esta Comissão Parlamentar de Inquérito. Em discussão os requerimentos. (Pausa.) Encerrada a discussão. Não havendo quem queira discuti-los, coloco-os em votação. Os Deputados que os aprovam permaneçam como se encontram. (Pausa.) Aprovados. Item 5 da pauta. Requerimento nº 81/05, do Deputado Moroni Torgan, que requer quebra de sigilo bancário, fiscal e telefônico do Sr. Wilson Vasconcellos. Com a palavra o nobre Deputado Moroni Torgan, autor do requerimento.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - O Sr. Wilson Vasconcellos esteve inclusive prestando depoimentos aqui nesta CPI, e a suposição é de envolvimento com essa questão do tráfico de armas. Conseqüentemente, acho que o próprio depoimento dele, as questões feitas, as notícias de jornal que saíram, todos esses são embasamentos suficiente para que haja a continuidade na investigação por quebra de sigilo bancário, telefônico e fiscal.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Em discussão o requerimento. (Pausa.) Não havendo quem queira discuti-lo, coloco-o em votação. Os Deputados que o aprovam permaneçam como se encontram. (Pausa.) Aprovado. Item 6 da pauta. Requerimento nº 82/05, do Deputado Moroni Torgan, que requer quebra de sigilo bancário, fiscal e telefônico do Sr. Leandro Brustolin. Com a palavra o nobre Deputado Moroni Torgan, autor do requerimento.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Leandro Brustolin. Nós vimos aqui as vários contradições que ele caiu, inclusive a acusação do próprio motorista. Até tenho uma ressalva pra fazer: aquele motorista que parecia tão simplório e coitadinho foi com uma caminhonete importada da declaração numa rádio em Feira de Santana. O Deputado Colbert Martins me falou. Vejam, um motorista que parecia tão simplório, tão coitadinho, foi com uma caminhonete importada em Feira de Santana, e ele não soube nem dizer. Diz: "Não, é emprestada". "Mas de quem?" "Ah, não sei. E não sei quê". E está lá em programa de rádio ao vivo. Só pra a gente ter uma idéia do que parece na CPI e o que é na verdade, como acontece. E Brustolin esteve até no embarque daquela munição toda pra Recife.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Em discussão o requerimento. (Pausa.) Não havendo quem queira discuti-lo, coloco em votação. Os



Deputados que aprovam permaneçam como se encontram. (Pausa.) Aprovado. Item 7 da pauta. Requerimento nº 83, do Deputado Moroni Torgan, que requer quebra de sigilo fiscal e telefônico do Sr. Walter dos Santos Paraíso. Com a palavra o nobre Deputado Moroni Torgan, autor do requerimento.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - O Walter dos Santos acho que é o tenente-coronel que foi pego agora com, se não me engano, aproximadamente 6 mil cartuchos de munição de alto poder perfurante, ele virá prestar depoimento, ainda tivemos um contato com um delegado anteriormente, depois ele pode até corroborar isso, dizendo que foi preso em flagrante mesmo, não tinha... em baixo do pneu, do estepe, estavam lá escondidas as munições e tudo. Então, tá comprovado, um tenente-coronel, infelizmente, trabalhando para o tráfico de armas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Em discussão o requerimento. (Pausa.) Não havendo quem queira discuti-lo, coloco em votação. Os Deputados que o aprovam permaneçam como se encontram. (Pausa.) Aprovado. Item 8 da pauta. Requerimento nº 84/05, do Deputado Moroni Torgan, que requer quebra de sigilo bancário, fiscal e telefônico do Sr. Waldir Copetti Neves, tenente-coronel. Com a palavra o nobre Deputado Moroni Torgan, autor do requerimento.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Esse é um tenente-coronel que também prestou depoimento. Não sei até que ponto tem o tráfico para favelas ou coisa, não acredito que tenha, mas está indiciado e está também cumprindo pena no problema de tráfico de armas, inclusive junto com um Cabo que estaria também com esse problema.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Em discussão o requerimento. (Pausa.) Não havendo quem queira discuti-lo, coloco em votação. Os Deputados que o aprovam permaneçam como se encontram. (Pausa.) Aprovado. Item 9. Requerimento nº 85/05, do Deputado Moroni Torgan, que requer quebra de sigilo bancário, fiscal e telefônico do Sr. Paulo Roberto da Silva. Com a palavra o nobre Deputado Moroni Torgan, autor do requerimento.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Esse Dr. Paulo, se não me engano, é aquele que trabalhava lá, foi o intermediário da compra entre o rapaz de Pernambuco e justamente o Brustolin. Trabalha na Rossi, mas, infelizmente, ele fez uma intermediação um tanto quanto delicada. Conseqüentemente, a suspeição é grande, responde a um inquérito, então explica muito bem, inclusive o próprio



motorista dizendo que todos os contatos sempre eram feitos com ele. Então, é algo que robustece a necessidade de buscar uma convicção maior desta CPI.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Em discussão o requerimento. (Pausa.) Não havendo quem queira discuti-lo, coloco em votação. Os Deputados que o aprovam permaneçam como se encontram. (Pausa.) Aprovado. Item 10 da pauta. Requerimento nº 86, do Deputado Moroni Torgan, que requer quebra de sigilo bancário, fiscal e telefônico do Sr. Nelson Siton Júnior. Com a palavra o nobre Deputado Moroni Torgan, autor do requerimento.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - O Nelson acabou de depor aqui e nós vimos que infelizmente as versões são totalmente desencontradas. Quando se descobre, quando se mostra isso, aí muda a versão e tudo o mais. E foi pego... quer dizer, tendo uma fazenda no Paraguai, tendo vários contatos naquela fronteira de Brasil/Paraguai, Brasil/Argentina. Então, acho que nem precisa se falar muito sobre esse requerimento.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Em discussão o requerimento. (Pausa.) Não havendo quem queira discuti-lo, coloco em votação. Os Deputados que o aprovam permaneçam como se encontram. (Pausa.) Aprovado. Item 11 da pauta. Requerimento nº 87/05, do Deputado Moroni Torgan, que requer quebra de sigilo fiscal e telefônico do Sr. Humberto Silva. Com a palavra o nobre Deputado Moroni Torgan, autor do requerimento.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Humberto, se não me engano, era o motorista. E como ele apareceu com um carro importado, eu quero saber como é que é essas amizades, essas relações que faz um motorista que ganhava 500 reais aparecer com um carro importado. Então, eu acho que também tem tudo a ver. E ele reconhece, porque inclusive botou no fundo falso, era pra enganar a fiscalização, era pra enganar todo o mundo. Então, não tem razão de não fazer.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Em discussão o requerimento. (Pausa.) Não havendo quem queira discuti-lo, coloco em votação. Os Deputados que o aprovam permaneçam como se encontram. (Pausa.) Aprovado. Item 12 da pauta. Requerimento nº 88, do Deputado Moroni Torgan, que requer quebra de sigilo bancário, fiscal e telefônico do Sr. Antônio Ferreira de Farias. Com a palavra o nobre Deputado Moroni Torgan, autor do requerimento.



O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Esse é um comerciante de Pernambuco que também chegava até a brincar com a questão do tráfico de armas, porque diz que recebeu mesmo do Zé Luiz espoleta, pólvora e tudo o mais, recebeu cartucho. Então, tem tudo a ver também.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Em discussão o requerimento. (Pausa.) Não havendo quem queira discuti-lo, coloco em votação. Os Deputados que o aprovam permaneçam como se encontram. (Pausa.) Aprovado. Item 13 da pauta. Requerimento nº 89, do Deputado Moroni Torgan, que requer a quebra do sigilo bancário e fiscal e telefônico do Sr. Alessandro Siton. Com a palavra o Deputado autor do requerimento.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - É outro que, infelizmente, os 2 irmãos, hoje, até os colocamos frente a frente para ver o quanto um não diz a verdade e o outro confirma. Quer dizer, confirma que não diz, porque contam versões distorcidas de uma coisa que deveria ser a coisa mais comum do mundo. E, infelizmente, nós vemos essas versões. Ele foi pego com carregamentos, com granadas e munição também.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Em discussão o requerimento. (Pausa.) Não havendo quem queira discuti-lo coloco em votação. Os Deputados que o aprovam permaneçam como se encontram. (Pausa.) Aprovado. Item 14 da pauta. Requerimento nº 90/05, do Deputado Moroni Torgan, que requer a quebra do sigilo bancário e fiscal e telefônico do Sr. Adair João Sbardela, ex-cabo da Polícia Militar. Com a palavra o Deputado autor do requerimento.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Esse foi preso junto com Waldir Copetti. É o cabo que, segundo inclusive informações, faria a intermediação da compra de armas. Então, também é auto-explicativo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Em discussão o requerimento. (Pausa.) Não havendo quem queira discuti-lo, coloco em votação. Os Deputados que aprovam permaneçam como se encontram. (Pausa.) Aprovado. Item 15 da pauta. Requerimento nº 91, do Deputado Moroni Torgan, que requer a quebra do sigilo bancário, fiscal e telefônico do Sr. Marcos Antonio da Silva Tavares. Com a palavra o Deputado autor do requerimento.



O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - O Marcos Antonio é o Marquinho Niterói, conhecido que não bota a mão em arma e que, segundo denúncias do Ministério Público, trafica armas e em torno de uma tonelada de cocaína por mês.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - E que é construtor e reformador de presídio e de delegacia.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - É. É analfabeto, mas sabe fazer toda a parte financeira da construtora e sabe calcular tudo o que é o gasto da construção de um prédio.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - De presídio, que ele reformava presídios.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Só disse bobagem, mas é assim mesmo. Membros de comandos vêm para cá para dizer bobagem e pensam que a gente não espera isso. Agora, eu acho interessante quando vejo presos que não pagam advogados e os advogados são muito dedicados, que vêm assim mesmo acompanhando tudo sem receber um tostão. É interessante isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Em discussão o requerimento. (Pausa.) Não havendo quem queira discuti-lo coloco em votação. Os Deputados que aprovam permaneçam como se encontram. (Pausa.) Aprovado. Item 16 da pauta. Requerimento nº 92, do Deputado Moroni Torgan, que requer a quebra do sigilo bancário, fiscal e telefônico do Sr. Luís Mário Belleza. Com a palavra o Deputado autor do requerimento.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Luís Mário Belleza não nos convenceu. Foi aquele pego com um grande arsenal na casa dele, lá no interior do Rio Grande do Sul. E tudo o que falava sempre era tudo munição, arsenal importado. Isso eu acho até estranho, porque ele deveria colaborar mais com a CPI. Mas, infelizmente, não quis colaborar, ficou falando que aquilo é normal, que clube de tiro é assim mesmo. Então, vamos pedir as quebras para ver que tipo de relacionamento tem com relação aos contatos do Sr. Belleza.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Em discussão o requerimento. (Pausa.) Não havendo quem queira discuti-lo coloco em votação. Os Deputados que aprovam permaneçam como se encontram. (Pausa.) Aprovado. Item 17 da pauta. Requerimento nº 93, do Deputado Moroni Torgan, que requer a quebra do sigilo bancário, fiscal e telefônico do Sr. Oswaldo Ferreira de Oliveira.



O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Esse é o amigo do Nelson e do Alessandro, disse que foram muito amigos, conhecido, se não me engano, como Vavá. Acho que aí também não tem muita explicação pra dar, o próprio depoimento dele... E vejo que o depoimento dele entra em choque, muitas vezes, com a versão dos outros. É interessante isso, porque ele coloca o Nelson como um verdadeiro distribuidor. O Nelson viajando por todos os países de fronteira, o Nelson viajando aqui pelo Brasil. E pelo que insinua parece que o inseticida do Nelson era cartucho 762, era todo vendido em cartucho 762. Então, inseticida que não mata só praga, infelizmente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Não só o mosquito, infelizmente. Em discussão o requerimento. (Pausa.) Não havendo quem queira discuti-lo coloco em votação. Os Deputados que aprovam permaneçam como se encontram. (Pausa.) Aprovado.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Engraçado tudo isso, que um diz que o outro é um grande vendedor de inseticida, e o outro diz que não começou ainda, que ele está pensando em ser representante de uma firma.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Item 18 da pauta. Requerimento nº 94, do Deputado Moroni Torgan, que requer a quebra do sigilo bancário, fiscal e telefônico do Sr. Ricardo Dantas.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Ricardo Dantas foi um depoimento que ele disse que estaria dentro daquela prisão em que foi preso o Wilson também. E o Wilson veio com aquela cara toda de santo também, ele tinha até casa de câmbio no Rio de Janeiro. Só para ter uma idéia. E o Ricardo seria o que facilitaria os embarques e desembarques no aeroporto internacional do Rio de Janeiro. Conseqüentemente, para aprofundar essa investigação e termos uma certeza, é preciso a quebra do sigilo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Em discussão o requerimento. (Pausa.) Não havendo quem queira discuti-lo coloco em votação. Os Deputados que aprovam permaneçam como se encontram. (Pausa.) Aprovado. Devolvo a palavra e a Presidência desta Comissão ao Deputado Moroni Torgan.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Obrigado, Deputado Neucimar Fraga, pode ficar aí mesmo, é o lugar do Vice-Presidente. Quero, Delegado Fernando, hoje sua paciência foi testada aqui, dizer que já conhecemos a



boa vontade de V.Sa., desde o início desta CPI, também como Superintendente da Polícia Federal, lá no Paraná, acredito que teremos um trabalho bem profícuo juntos pela frente durante o tempo desta CPI, fortalecendo o trabalho de V.Sas. depois que a CPI terminar. Tem a palavra V.Sa.

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - Agradecendo as palavras do senhor, dos Deputados aqui presentes e colocar só que a gente está fazendo um trabalho determinado pelo Diretor da Polícia Federal, que reestruturou o órgão há aproximadamente 2 anos, criando uma nova divisão na estrutura da Polícia Federal, que é a Divisão de Combate ao Tráfico de Armas. Então, uma das respostas que estão ocorrendo é essa estruturação das delegacias nos Estados. Então, no Estado do Paraná, o Dr. Jaber, que é o Superintendente, tem organizado uma delegacia, que tem um delegado que está chefiando lá e estamos ajudando a estruturar no Estado. A prisão desse último traficante de armas, entre armas e munições, só fazendo uma pequena correção, foi feita por um policial rodoviário federal, próximo à cidade de Medianeiro, num posto de fiscalização, em que ele desconfiou de uma farda pendurada no cabide do banco de trás e uma arma, e resolveu vistoriar o carro. Abriu o porta-malas, o pneu sobressalente não estava no local, o pneu estepe, estava em cima. Então, ele tirou o pneu estepe e logo que ele abriu o compartimento, tirou aquele carpete, estava a grande quantidade, quase 6 mil cartuchos de Fuzil 762, 556, etc. Então, mais um fato.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tudo de fuzil?

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - Só munição de fuzil. E o auto de prisão em flagrante e a investigação que está em andamento, uma investigação profunda que o Superintendente pediu, estão sendo conduzidos pelo Dr. Geraldo Eustáquio, que é o DELEX de Foz do Iguaçu. Então, só essa pequena introdução. A gente tem tentado mapear a fronteira. A fronteira do Paraná tem pontos de fronteira com o Paraguai e com a Argentina, mas o tráfico de armas ocorre principalmente com o Paraguai. Nós não temos mais observado, igual eu observei nos outros interrogatórios aqui, a preocupação do caminhão passar para buscar munição. O caminhão não passa, nem o caminhão de droga, nem de arma. É ocasional, quando a gente pega. Então, eles têm passado por balsa, é o principal *modus operandi* hoje, tanto da droga quanto da munição e da arma. Então, a balsa atravessa, e o caminhão só é carregado do lado brasileiro já. Então, é difícil a gente pegar, eles



têm acompanhado, o caminhão já fica do lado de cá. Então, esse é mais ou menos o *modus operandi* hoje do tráfico pesado, que é esse que a gente acompanhou, e o outro do próprio Coronel Neves, que distribuía na região o armamento, tanto para o pessoal vinculado a ele como para um fazendeiro identificado na região de Ponta Grossa. E o tráfico de armas e munições, aquele que a gente chama “formiguinha”, nós temos observado nos próprios ônibus dos sacoleiros dos Paraguai. Eu trouxe um CD, até que vou deixar para o senhor de algumas imagens e fotografias que nós fizemos do chamado comboio. Então, hoje, os sacoleiros que cometem o contrabando e o descaminho eles atravessam os postos de fiscalização da Polícia Federal e da Polícia Rodoviária e Receita Federal em comboios. Nós já chegamos a acompanhar 200 ônibus com uma diferença de menos de um metro de diferença de pára-choque com pára-choque, atravessando todos ao mesmo tempo o posto de fiscalização. Então, se você parar o primeiro ônibus é capaz de causar uma acidente terrível e é humanamente impossível se fiscalizar 200 ônibus. Então, parou 1, 2 ou 3 o restante dos 200 passam de uma vez só pelo posto de fiscalização. Então, esse tráfico “formiguinha” é o mesmo *modus operandi* que o tráfico de drogas tem utilizado, visando a minimizar as perdas com o tráfico. Então, se cair 1, passam 10, 20, nós não temos um controle para saber quantos passam, mas também é um fato interessante de se investigar é a utilização dos próprios ônibus de sacoleiros para passagem de munição e de armamento. Eu me coloco à disposição para as perguntas em relação a minha região.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Bom, doutor, primeiro vai ter muito trabalho ali naquela região do Paraná. O que nós vimos é que infelizmente boa parte das facções criminosas do Rio de Janeiro ainda se abastecem naquela região de Foz do Iguaçu, Guaíra, mais até do que na região do Mato Grosso do Sul, que seria Ponta Porã, Pedro Juan... aquele pessoal lá. Hoje, o que o senhor acredita que tenha, Dr. Fernando, lá no Paraná? Por exemplo, o tráfico ou é feito através do “formiga”, mas isso talvez a gente possa constatar, mesmo por amostragem vai pegar um ou outro fazendo com armas e munição, coisa assim. Ou nós temos alguns entrepostos, ou depósitos, vamos chamar assim, no lado brasileiro em que as armas vêm pelo lago, pelo “formiga”, e tudo mais, mas depois são transferidas, como fez esse caminhão, que teoricamente seria muito mais seguro, se não tivesse todo um mapeamento telefônico ia ser difícil de se descobrir, porque em fundo falso



de um caminhão com uma carga imensa fica difícil. O senhor acha que tem alguma coisa nesse sentido?

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - O que a gente tem observado é a mudança de estratégia também tanto do narcotráfico como do tráfico de armas na região. Então, nós estamos num trabalho inicial de inteligência na fronteira, mas já podemos identificar que hoje os depósitos ficam no exterior, não ficam mais no País. Só se atravessa para o lado brasileiro aquilo que já é encomenda certa, que já vai para determinada pessoa. O risco é muito grande para o traficante de armas e de munições, no meu entendimento, de ele deixar estocado no lado brasileiro e a partir daí negociar. Então, os carregamentos que passam para o lado brasileiro poderiam ter. Então, a gente não tem nenhum caso, um entreposto para guardar o carregamento do caminhão, mas ter um entreposto no Brasil grande depósito não vejo na fronteira, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Bom, é verdade, acho que a CPI ainda vai passar lá para dar uma olhada, mas as informações que chegam ao senhor são mais ou menos parecidas com as nossas? Isso que eu quero dizer. Por exemplo que Ciudad Del Este se compra arma do jeito que quiser, a hora que quiser, basta ter o dinheiro para comprar e se compra até aquelas bazucas, sei lá, anticarro, anticarro forte, coisa assim, queria saber se isso é confirmar as informações que chegam a V.Sa.

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - As informações que chegam geralmente chegam da oitiva, de testemunhas, informantes, pessoas em flagrante que resolvem colaborar, mas sempre foi, há muitos anos, Ciudad Del Este um local onde existem muitas lojas de armas de diversos calibres, etc. que você não tem uma regulamentação forte do lado de lá que impeça a compra de qualquer tipo de armamento ou munição.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E isso até hoje acontece?

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - Isso acontece. Nós temos aqui nesse auto de prisão em flagrante do Coronel a prova cabal disso. Essa munição, ele estava em Foz do Iguaçu, ele com certeza comprou do lado paraguaio essa quantidade de munição.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E do que precisar de ... E o senhor ouviu falar desse negócio de lançador de foguete ou coisa assim?



O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - Já, na... Não sei se o senhor acompanhou há um ano, apareceu, até acho que no *Jornal Nacional*, algumas gravações telefônicas de um traficante encomendando até um lança-míssil, um lança-rojão, que seria para assustar até o helicóptero no Rio de Janeiro que sobrevoa os morros. Então, ali é uma região que merece uma fiscalização grande, é o que a Polícia Federal tem feito, como nos outros locais estruturamos o setor forte de inteligência do Estado para tentar segurar na fronteira esse tipo de armamento e munição para não chegar nos grandes centros. Com certeza, ali o acesso é muito fácil na região.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Diz que há uns anos tinha até um supermercado na parte argentina também. Tipo, o supermercado chegava, escolhia quem queria metralhadora, arma, queria granada ou coisa assim. O senhor chegou a receber essa informação?

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - Chegou para nós essa informação. Precisamos confirmar do lado argentino que teria grande depósito em Porto Iguacu, que também seria um supermercado de armamento da Argentina.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Vou deixar os outros Deputados também poderem arguir o doutor... Deputado Neucimar Fraga.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Delegado Francischini, tive oportunidade de passar um período no Estado do Espírito Santo, meu Estado, também tinha o desejo de já conhecê-lo, foi promovido para o Paraná, quem sabe até os crimes do Paraná sejam mais fáceis de serem desvendados do que no Estado do Espírito Santo, parece que no Paraná a coisa não está tão organizada assim. Então, fica mais fácil de ...

(Intervenção inaudível.)

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Mas no Espírito Santo está superorganizado. Delegado, quero parabenizá-lo pelo trabalho e parabenizar a Superintendência da Polícia Federal também, o Diretor, por criar essa divisão para tratar do assunto sobre tráfico de armas. Sabemos que é um assunto importante e esta Comissão e aqueles que acompanham esta Comissão estão acompanhando a gravidade do problema no Brasil. O que estamos percebendo aqui é que não existe — não é Deputado Moroni Torgan? — controle quase que nenhum. É um setor que estava sem nenhum apoio, estava sendo dada muita atenção à questão do tráfico de



armas e não sei se não é levada em consideração a gravidade do problema, mas agradecemos a Deus, porque estão surgindo agora linhas de investigações, delegacias criadas para investigar o assunto, que, acredito, vão ter oportunidade de prestar um grande serviço ao Brasil, principalmente na questão do desarmamento e da violência. Mas, em se tratando do Paraná, já percebemos também que existem várias possibilidades de diversas rotas, a não ser apenas as rotas feitas pelos sacoleiros. Sabemos que os sacoleiros... Nesse dia eu estava fazendo até uma discussão sobre a questão dos sacoleiros, porque muitas pessoas estão utilizando a inocência de muitos sacoleiros, que vão para o Paraguai comprar brinquedos, eletrônicos, inclusive já fui sacoleiro, e tem muitas pessoas que vão para lá inocentemente, compram os brinquedos eletrônicos. Hoje nem precisa mais, porque São Paulo tem tudo, aqui na Feira do Paraguai, em Brasília, o que você compra no Paraguai, aqui é livre, não corre risco nenhum, você compra tudo aqui na feira, bem organizada, tem até policiamento aqui na Feira do Paraguai. Não consegui entender isso ainda, fazem um carnaval com o sacoleiro no Paraná e aqui tem até policiamento, tem os galpões dos sacoleiros do Paraguai, autoridades vão lá, compram produtos. Normalmente, aqui não tem problema. Não entendi muito isso ainda não, queria até entender. Mas, a gente percebe que no Paraná não só o trajeto feito pelos ônibus dos sacoleiros, mas a questão do Porto de Paranaguá. Existe hoje possibilidades dessas mercadorias estarem chegando pelo Porto de Paranaguá, as armas, vindas de outros continentes, de outros países, para abastecer o Paraguai, que, consequentemente, vai abastecer o Brasil e os países vizinhos. Já foi feita alguma investigação na questão do Porto, está faltando algum apoio para a operação no Porto, mesmo com a boa vontade de criar delegacia, ainda são tímidas as ações e, quem sabe, os efetivos, os recursos destinados para essas operações? Qual tem sido a ação dessa delegacia em relação ao Porto de Paranaguá?

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - O primeiro das rotas, que o senhor falou. Temos três rotas principais no Paraná: Guaíra, que é Salto del Guaíra, temos a ponte lá agora e o caminho direto, a arma vem direta por cima; o segundo é Foz do Iguaçu, que todo mundo conhece, e foi dessa última arma, e hoje a que eu entendo que é a mais utilizada, que é uma cidade chamada Santa Helena. Essa cidade é o porto. As balsas encostam num raio de quilômetros em volta desse aí e é o Lago de Itaipu. Então, o Lago de Itaipu funciona como um meio de transporte de



drogas e armas para a chegada. Essa seria a principal rota de grandes quantidades de armas, munição e drogas. Por quê? Porque a fiscalização é um funil. Em cima da ponte para você passar de Ciudad Del Este para Foz e de Salto del Guaíra para Guaíra é um funil. Então, o risco é bem maior de se passar com carregamento. Santa Helena não. Então, ali está tendo um trabalho... A Polícia Federal já identificou, estamos fazendo um trabalho maior nessa região para tentar minimizar.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - São quantos policiais hoje nessa delegacia no Paraná?

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - Nessa delegacia de tráfico de armas?

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - É.

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - Eu não sei, doutor. Estou na parte de... No gabinete do Superintendente, estamos com um grupo que ele estruturou para dar apoio em todas as demais delegacias. Essa delegacia foi criada há alguns meses, temos o Delegado Adriano que está à frente dessa delegacia para receptar.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Existe lá integração entre as Polícias Civil e Militar nessas ações, ou a Federal tem trabalhado...

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - Não, estou até encarregado no Estado e essa operação do Coronel Neves foi fruto dessa integração. Temos um grupo trabalhando em força-tarefa na área de inteligência. O Governador do Estado, Roberto Requião, solicitou a montagem dessa força-tarefa. O Ministro atendeu a solicitação e hoje estamos trabalhando juntos: oficiais da Polícia Militar, alguns delegados da Polícia Civil e alguns delegados da Polícia Federal, o Centro Único de Inteligência e várias operações. Já foram cinco ou seis grandes operações nos últimos dois meses nesse Centro Integrado de Inteligência. Então, acho que é uma experiência nova no País. Já andei em alguns Estados e não vi o Centro de Inteligência realmente funcionando integrado da maneira que esse está funcionando. Há uma semana tivemos um americano com tráfico de crianças preso em Curitiba, fruto do trabalho dessa força-tarefa.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - E o senhor acredita que o Paraná responde a quantos por cento das armas que entram no Brasil ilegalmente? O senhor tem estatística?

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - Não tenho a mínima idéia, doutor. Esse tráfico que estamos identificando é uma grande quantidade, deve estar entrando



pelo Paraná, porque os principais pontos de venda hoje de armas identificados pelo serviço que a gente tem feito é Foz do Iguaçu e Guaíra, as principais entradas.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - E o que poderemos fazer enquanto Comissão, ou enquanto legisladores?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Permite-me um aparte, Sr. Deputado? Nós estaremos, está marcado para as 18h, talvez um pouco antes, hoje uma reunião com o Ministro de Relações Exteriores, estaremos lá visitando o Ministro de Relações Exteriores. Acho que é uma oportunidade para levarmos alguns pleitos e, talvez, o doutor possa até nos ajudar nisso. Como poderemos fazer com as autoridades de outros países para minimizar esse problema que está entrando nessas sugestões?

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - Acho que temos com o Paraguai já alguns convênios de cooperação na área de roubo e furto de veículos e na área de narcotráfico, que temos atuado algumas operações conjuntas com a SENAD-Paraguai. Acho que seria muito útil o trabalho da CPI, no sentido de se elaborar também um convênio de cooperação com o governo paraguaio para fiscalização em Ciudad Del Este e Salto del Guaíra dessas lojas que vendem armamento como se fosse uma loja comum, que vende brinquedo, vendendo armamento, uma do lado da outra, do lado de Salto del Guaíra e Pedro Juan Caballero, Ponta Porã, mesma coisa. Lá nós temos uma situação pior ainda em Ponta Porã. Nós temos uma rua que separa o Brasil do Paraguai: de um lado da rua você vê a loja de arma e do outro lado você vê as casas do lado brasileiro. Então, você compra de um lado da rua e atravessa com a arma... Você atravessou a rua, você cometeu crime de tráfico internacional de armas. Com relação ao porto que o senhor falou, o Dr. Jarbas já solicitou. Estamos implementando uma investigação também no porto para verificar, não um caso específico, mas se realmente há alguma situação. Existem procedimentos autorizados que podem ser feitos pela Receita, que é a travessia de um contêiner, através de uma certa imunidade, pelo país. Então, o Paraguai não tem o porto. Então, ele pode usar o Porto de Paranaguá, o Porto de Santa Catarina e essa mercadoria é lacrada pela Receita, o contêiner, e é deslacrado só quando passaria para o lado paraguaio. Então, a gente vai verificar se algum contêiner desse foi importado oficialmente pelo Paraguai e atravessou o Brasil com armas. Não verificamos ainda.



O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Minha outra sugestão, Presidente, acho que deve ser motivo de preocupação desta Comissão. Esse acordo foi feito com o Paraguai para a chegada dos produtos de outros países, via portos brasileiros, devido o Paraguai não ter portos para receber essas mercadorias que chegam aos portos brasileiros e que saem lacradas para o Paraguai, sem as autoridades brasileiras terem noção de que tipo de mercadoria está chegando, porque nota fiscal fria a gente sabe, e falsificada, nesse meio é comum. Percebemos que nas notas fiscais de fabricantes de armas está sendo feito sabotagem, mercadoria que sai sem nota, quantidade inferior ao que está estabelecido na nota. Acredito que é assunto para conversarmos com o Ministro e, quem sabe, até chamarmos aqui os representantes da Receita Federal para discutirmos os termos desse acordo, porque percebemos aqui na Comissão já várias pessoas especialistas no assunto dizerem que as armas que chegam ao Paraguai é via Brasil, via portos brasileiros. No mínimo tínhamos de ter aquele aparelho de raios x, grande, que inclusive são utilizados agora nos portos, a ISPS CODE. Os Estados Unidos exigiram a instalação em todos os portos brasileiros até com garantia de segurança para a importação das mercadorias brasileiras pela comunidade americana. O Porto de Paranaguá é um porto que temos de saber se já existe e cobrar, porque abrir todos os contêineres vai ser difícil.

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - Se não me engano, Deputado, esse é um acordo internacional que existe em relação ao comércio exterior, que diz que gerou para o Brasil, signatário desse acordo internacional, obrigação de aceitar que o país que não tenha um porto, que não tenha acesso a mar para receber, o Brasil seria só um mero meio de transporte, mas isso dá para verificar junto com a Receita e com a Polícia Federal um meio de se aumentar a fiscalização sobre esses produtos que são declarados.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Ou no mínimo termos aquele aparelho de Raios x e todos os contêineres passarem ali, porque mesmo os que vão sair lacrados...

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - Mas tem o caminhão que é Raios x gigante. O contêiner passa numa esteira, passa por dentro desse Raios x, já é utilizado, já verifiquei, nas fronteiras dos Estados Unidos, principalmente com o



México, onde o caminhão inteiro passa por dentro desse raios x e eles conseguem identificar até o imigrante ilegal num fundo falso de um caminhão baú.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Isso nos Estados Unidos com o México?

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - Isso.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Mas lá, no Paraguai, não teve. Você vê que vivemos esse problema do Brasil com o Paraguai há anos.

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - Existe um projeto para compra de Raios x. A Receita esteve com a gente numa reunião, foi até em Brasília a reunião, e mostrou o projeto todo para adquirir Raios x para Foz do Iguaçu. Então, tem um projeto, pode até ser uma questão de disponibilização orçamentária, uma coisa ...

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Acredito que a CPI, Presidente, tem condição, até acredito que no desenrolar do processo marcarmos reunião com o pessoal da Receita, da polícia, o Ministério da Justiça, Forças Armadas e até o Presidente da República, mostrar para ele a gravidade, a importância ... Termos só no Paraguai não, acho que outros Estados também, em algumas linhas de rotas, e poderíamos ter até nas BRs, porque tem localidade que não tem como passar de um Estado para o outro sem passar numa ponte, tem vários Estados. Acredito que esta CPI poderia até trabalhar nesse sentido de sensibilizar, acho que, aí, a Polícia Federal vai estar, com certeza, colaborando porque ela vai estar reivindicando. É impossível você fiscalizar as fronteiras brasileiras, principalmente nesses países aí, se não tiver, pelo menos nos portos e em algumas rodovias, que são rotas permanentes, aparelhos como esse, porque, senão, vai pegar de mil vai pegar um, como pegou esse caminhão chegando no Rio aí.

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - O senhor comentou uma situação interessante das armas entrarem ou saírem do próprio Brasil para o Paraguai e voltar. Esse caso do Coronel, algumas armas foram desse tipo, munições também fabricadas. Elas são fabricadas para exportação, só que acabam apreendidas irregularmente dentro do próprio País. Acho que se a investigação for profunda ela tem até que verificar se as empresas fabricantes de armas e munições estão realmente entregando no exterior essas armas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Essas munições pegas com qual coronel? da PM ou dos Bombeiros?



O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - Da PM.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tem munições nacionais que vieram de fora, é isso?

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - Isso. Munições nacionais fabricadas para exportação, armas também, até revólveres calibre 38 mais simples, vamos ver que a gente diria que foram fabricadas para exportação, para 1357 também, fabricação brasileira para exportação, mas apreendidos dentro do Brasil. Estou agora rastreando para a gente verificar o quê? Se essa arma realmente foi para o exterior e depois retornou ou se ela nunca saiu.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Isso é interessante saber. Deputado Luiz Couto. Passo a Presidência para o Deputado Neucimar Fraga.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Dr. Fernando, parabenizar pelo trabalho que o senhor vem fazendo, já tivemos oportunidade de tê-lo na CPMI da Terra. Li o depoimento de V.Sa. e pude verificar o trabalho excelente que sido feito lá, no Paraná, que é um dos Estados onde mais lojas de venda de armas existe. Como é que tem sido a fiscalização desse tipo de atividade? Parece que pelas informações do próprio Secretário de Segurança Pública não há muita fiscalização.

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - O comércio caiu muito depois da edição da Lei do Estatuto do Desarmamento, mas a Polícia Federal tem feito controle. A Lei do Estatuto do Desarmamento transferiu para a Polícia Federal, através do SENAD, todo registro, qualquer tipo de registro. E o Superintendente lá no Estado tem sido muito rigoroso. Então, a fiscalização tem sido muito grande. O nível de emissão de porte de armas no Estado caiu drasticamente, se não me engano, dois, três anos, que o Dr. Jader é o Superintendente, ele emitiu quatro ou cinco portes de armas num Estado igual ao Paraná. Então, isso mostra a dedicação da Superintendência na tentativa de minimizar, já que sabemos que o Paraná é um foco de passagem de armas etc. Mas essa fiscalização está sendo implementada com essa nova divisão, estamos nos adaptando com essa nova legislação.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Quanto aqui esteve o coronel Copetti, ele afirmava que era uma armação da polícia, que não tinha elemento nenhum, que as armas que tinham eram para defesa dele. O senhor está convencido, como o delegado, de que tanto o coronel Copetti, como o Walter dos Santos Paraíso, que eles são de um tráfico internacional de armas, estão envolvidos.



O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - Vou fazer só uma ressalva aqui, porque é importante, até porque os dois processos estão em segredo de justiça. Em relação ao Coronel Neves, tenho autorização da juíza, que autorizou o meu depoimento na CPI da Terra, que foi um depoimento público, todo tipo de assunto que não fosse relacionado com a interceptação telefone. Então, posso falar qualquer coisa em relação, porque já falei até publicamente na outra. Em relação ao Coronel Paraíso, o Dr. Eustáquio, que é o delegado que está conduzindo, tive contato com ele, ele se colocou à disposição da CPI do Tráfico de Armas, mas ele vai aprofundar a investigação para identificar a participação do Coronel Paraíso. Com relação ao Coronel Neves, já relatei semana passada o inquérito policial e o relatório foi nesse sentido, de que havia sérios indícios da participação dele nos crimes de tráfico internacional de armas e outros crimes vinculados, o senhor sabe, ao constrangimento ilegal de integrantes do Movimento dos Sem Terra, através de desocupações forçadas sem ordem judicial, crime de porte ilegal de armas de fogo. Então, foi nesse sentido. O nosso relatório foi direcionado ao cometimento de crimes.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O coronel Neves, ele, o tempo todo, usou da argumentação de acusar. Então, ele não se defendia, mas acusava, dizendo que era uma armação e, naquele momento, teve até o apoio de Parlamentares ligados à bancada ruralista, também da região, no sentido de dizer que o que eles estavam fazendo, quer dizer, era defesa da propriedade, que não tinha qualquer vinculação. A Operação Março Branco era que havia uma operação também desse agrupamento para, ou seja, se contrapor ao Abril Vermelho, do MST, era isso mesmo?

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - Não, o nome Março Branco veio no sentido de branco, a cor da paz, e a gente fazer um març, que foram logo no começo de abril as prisões, a gente mostrar a intenção da Polícia Federal em pacificar a área rural, evitando conflito de ambos os lados.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim.

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - Quanto ao coronel Neves...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas que havia uma operação para tentar...



O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - Foi uma operação montada no sentido de evitar um conflito armado que...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Um conflito ... que estava programado.

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - ... estava todo direcionado para acontecer muitas mortes. O próprio Dr. Jader usou a expressão, citou Eldorado de Carajás. A quantidade de armas apreendidas, o potencial dos calibres, munição especial etc., tudo estava direcionado para acontecer um desastre. Então, a operação foi realizada antes de o armamento chegar na área do acampamento.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo.

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - Então, nós fizemos buscas e apreensões, durante a madrugada, na casa de várias pessoas relacionadas da quadrilha, e em todas as residências, inclusive na do Coronel foram apreendidas munições, armas, a maioria delas armas de fabricação estrangeira, munições de fabricação estrangeira. Então, o sentido da operação foi esse: tentar evitar um conflito armado de consequências imprevisíveis.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. Com relação às rotas, quer dizer...

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - O senhor perguntou também da conotação política da operação.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - É.

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - Bom, o senhor sabe, acompanha o trabalho da Polícia Federal, a gente não se envolve na política do Estado etc.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo.

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - Então, um indício claro de que não houve conotação política é que o Coronel já está preso há mais de 45 dias e não tem um livramento condicional, não tem um *habeas corpus* concedido pela Justiça Federal, que também é uma Justiça muito rígida, na parte formal e na parte de conteúdo das ações da Polícia Federal.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. Ele mostrou aqui quando um documento que era considerado, chamado Dossiê Bomba, que era uma bomba que estava aqui, que depois a gente disse que nem um traque parecia. E eles mostraram fotografias do que eles diziam que era um local onde a Polícia Federal estava fazendo escuta telefônica ilegal. Pela informação que tivemos, é que a partir desse momento, no outro dia, teria...



O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - No mesmo dia.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - No mesmo dia um atentado com relação a essa...aqui. Ocorreu mesmo isso?

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - Ocorreu. Logo na seqüência da apresentação das fotos, na CPMI da Terra, o motorista do Delegado-Chefe da Central de Inteligência da Secretaria, que atua nessa base, foi fechado na saída, jogado em cima de um meio-fio, apontaram uma arma para ele, e não sabemos como ele escapou, mas arrebentou o carro, com ameaça séria, utilizando arma de fogo na seqüência. Tem um inquérito já instaurado no Paraná para apurar. Foi identificado até o veículo que bateu essas fotos, e o porteiro, vigilante que faz a primeira vistoria nos veículos, antes de chegar nessa Central de Inteligência, identificou como sendo o mesmo carro que fechou..., que bateu as fotos o mesmo carro que teria fechado o motorista da Secretaria.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E que não tem nada de ilegal, porque é o sistema guardião que faz o trabalho a partir da...

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - Não, o sistema guardião não tem como fazer uma escuta clandestina, ele é receptivo, ele só recebe o que a companhia telefônica manda.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Claro. E nós...

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - E nós já tivemos lá...solicitamos, até o Juiz da Central de Inquéritos do Paraná esteve acompanhando, decretou o segredo de Justiça dentro da Central de Inteligência, que a força tarefa está utilizando, fez uma verificação e viu que são vários casos e vários juízes autorizando.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo.

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - Então, não tinha nada de escuta clandestina, nenhum tipo de procedimento errado lá acontecendo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Dr. Fernando, ajude-me a entender o seguinte, quer dizer: Foz de Iguaçu, Ciudad Del Este, a ação da Polícia Federal é muito forte naquela região e, aí, quer dizer, o crime organizado muda para Guaíra, Salto del Guaíra, Paraguai, Guaíra. E aí aparece em vários processos aqui, inclusive outros que o senhor não acompanhou, que é Guaíra, Cascavel, Curitiba e, aí, vai Rio De Janeiro, Paranaguá etc. No Copetti aparece Cascavel também.

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - Foz do Iguaçu e Cascavel.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pois é. Então, essa rota parece, por exemplo, no caso do anterior, era também o caminhão que trazia as granadas e os...ele ficou guardado diversos dias lá em Cascavel antes de fazer essa rota para chegar no Rio de Janeiro.

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - É, não sei se o senhor notou...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo.

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - Até comentei com o Deputado Moroni Torgan, o caminhão saiu vazio de Curitiba até São Paulo, e lá em São Paulo ele carregou. Isso é um contra-senso, ninguém hoje em São Paulo, com a quantidade da frota de caminhões em São Paulo, vai chamar um caminhão de Curitiba vazio para fazer um frete para o Rio de Janeiro.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - É, e veja que o Nelson, que morava em Guaíra, que trabalhava...

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - Estava em Cascavel.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sai de avião de Cascavel, faz a mesma rota: Curitiba, São Paulo, Rio de Janeiro, a conexão é muito clara.

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - E o senhor bem sabe, esses compartimentos onde se guardam apetrechos de cozinha e a própria caixa de ferramentas do caminhão é uma parede fina de madeira. Para se colocar 17 mil cartuchos de fuzil, colocar 50 granadas teria que ser feito um fundo falso muito grande. E ele comentou, não sei se foi a resposta do senhor que ele fez, que ele abriu várias vezes no caminho esse...e não notou nenhum fundo falso. Se ele era o motorista dono do caminhão, como é que ele não notaria um fundo falso para carregar 17 mil cartuchos, isso é volume muito grande de munição.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E inclusive nas sacolas que ele trazia também.

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - A mesma sacola.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - As sacolas que ele trazia do Carrefour também eram as sacolas que carregavam as munições.

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - As munições, é.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Interessante. Uma informação que, para nós, é importante é aquela parte do Porto de Paranaguá que o Paraguai alugou, e que a informação que tem é que lá há leilões permanentes naquela localidade.



Ontem, tivemos oportunidade de verificar, num depoimento, que armas saem de lá em barcos de Paranaguá e vão para o Rio de Janeiro, lá em Sepetiba e outros e, de lá, são distribuídas. A Polícia Federal já teve alguma operação de inteligência para verificar como é que funciona essa situação lá no Paranaguá?

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - Bom, da minha parte, do grupo que está comigo, a gente não tinha essa informação de que a arma sairia de barco do próprio Porto de Paranaguá, o senhor diz até Sepetiba?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim.

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - A gente não tem. Pode ser que outros grupos estejam já acompanhando. Então, acho que fica meio prejudicado dar uma resposta para o senhor, tanto afirmativa quanto negativa, mas é uma informação interessante até a gente ter cópia do que teria, até para implementar alguma investigação nesse sentido. Mas para nós não...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não, só estou perguntando se o senhor teria... É, ontem, no depoimento dos delegados, tanto o Artur como o outro, quer dizer, até...

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - No Rio de Janeiro?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - No Rio de Janeiro, era essa Paranaguá...

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - Que o Rio de Janeiro teria, via marítima, chegando armamento já tem faz tempo, mas que sabia...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É, e navios chegariam e parariam em Paranaguá, parariam em Santos, no Rio e, principalmente naquela região entre Santo e Rio de Janeiro, pequenos barcos fariam, então, pegariam no alto mar e trariam para a beira da praia.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - É, e navios de bandeira russa, chinesa...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - De bandeira russa, chinesa.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E tem mais uns outros aí.

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - É, esses fatos são novos para mim, pode ser que alguém já tenha, mas com certeza esses fatos o Superintendente tem deixado a gente totalmente à disposição das investigações. Se a gente conseguir qualquer linha de investigação, vai ser feito.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Mas eu tenho uma curiosidade. Nessas apreensões e investigações, geralmente o Paraná é uma rota nesse tráfico de armas. Alguma coisa deve ficar por lá mesmo, como foi o caso desse Coronel, mas quais seriam os principais destinos das armas que passam pelo Paraná?

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - É interessante até isso. O Paraná seria um Estado meio, quer dizer, um meio de transporte, todo o mundo teria que passar por ali ou pelo Mato Grosso do Sul hoje, mas o que a gente tem identificado o destino é Rio e São Paulo do armamento, pouca coisa permanece no Paraná, porque não identificamos uma favela, um morro ou alguma coisa na região do Paraná em que tenhamos conflitos igual a gente vê no Rio de Janeiro, com fuzil etc. Então, por isso esse trabalho forte que o Diretor tem pedido para nós, na região de fronteira, para tentar segurar ali a chegada de armamento do Brasil.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Tem uma rota que o contrabando, quer dizer, o tráfico de armas expõe a fragilidade das nossas fronteiras e que efetivamente nós estamos vendo, inclusive até no tráfico de exploração sexual, onde foi feito o levantamento de 104 pontos, onde também através da exploração se faz tráfico de armas e tráfico de drogas também. Uma é que há 2 rotas, que partem sempre de Puerto Iguaçu, aí vai Foz de Iguaçu, Guaíra, aí vai pegando Mundo Novo, Sete Quedas e vai chegando até Ponta Porã, de um lado e de outro, tanto do Paraguai como do Brasil. Como no Paraguai parece que a fiscalização, o controle e a ação da polícia não é como se faz no Brasil, verificamos que há uma outra rota que também parte de Puerto Iguaçu, Foz do Iguaçu, Guaíra e segue, enfim. A Polícia Federal no Paraná tem feito esse trabalho, só que há também uma rota de armas que vem lá pelo Uruguai e pela Argentina. Há uma ação integrada da Polícia Federal no Paraná também com essas rotas e também investigação que está sendo feita nessas outras localidades?

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - Essas delegacias que a Polícia Federal tem criado, e já era o *modus operandi* da Polícia Federal, foi sempre trabalhar integrados os Estados. Então, qualquer informação que a Polícia Federal no Paraná tenha de qualquer pessoa investigada no Rio Grande do Sul o delegado do Rio Grande do Sul, do tráfico de armas, está sabendo no mesmo momento. Então, todas essas operações são integradas. Acho que o grande *plus* do sucesso da Polícia



Federal é esse trabalho integrado entre os Estados. Então, quando eu tenho alguém no Rio de Janeiro sabendo de um tráfico de armas no Paraná, no mesmo momento o Delegado Adriano, no Paraná, vai estar sabendo. Então, é esse trabalho que tem resultado no sucesso nas apreensões etc.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Para concluir, Sr. Presidente, eu gostaria de perguntar ao Dr. Fernando o seguinte: uma preocupação que traz para nós, da CPI do Tráfico de Armas, são as figuras dos corretores, os chamados intermediadores de exportação, e o desvio que é feito no mercado clandestino de armas e munições, que deveriam ser exportadas e que, na realidade, elas municiam o crime organizado. No Paraná, também vocês têm verificado essa situação?

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - Com certeza. Nesse último caso, que eu já havia comentado agora há pouco, nós identificamos armas fabricadas no Brasil e munições também que deveriam ser vendidas no exterior ou, outro, foram vendidas para exterior e retornaram via fronteira essas rotas, que o senhor falou, ou elas nunca saíram. Então, nosso rastreamento está no sentido de verificar. Vamos solicitar todo procedimento de venda dessas armas, guia de exportação, receita, verificação, nós vamos rastrear inteiro o procedimento. Quero saber se essa arma foi ou não foi para o exterior. Então, é esse que eu acho... às vezes não é a quantidade de armas, mas se a gente conseguir um caso, mostrando que a arma não está saindo, já é o suficiente para a gente implementar uma investigação mais séria numa empresa de... numa fabricante de armas e munições.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - É o caso de armas que foram compradas de forma legal pelo Governo do Sri Lanka, pelo Exército, e que essas armas foram apreendidas no Rio de Janeiro. Ou seja, aí a importância que tem de acompanhar desde o momento da expedição da nota que sai até perceber se essas armas chegaram ao destino ou não, porque há um outro aspecto que o movimento Viva Rio denuncia, que é o chamado efeito bumerangue, ou seja, armas, que são chamadas "importações irresponsáveis", que é para alguns países, e são citados: Paraguai, Angola, as FARC da Colômbia etc., que essa armas, ou seja, o bumerangue joga e ele volta para cá. Além disso, eu pergunto o seguinte: o fato da presença dos intermediários, eles muitas vezes fornecem armas e, quer dizer, são funcionários das empresas de produção de armas aqui no Brasil, mas eles fazem conexão quando as próprias pessoas podiam comprar diretamente na fábrica, mas também



tem a figura desse intermediário. A Polícia Federal tem feito acompanhamento de inteligência com relação a esses intermediários?

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - Com certeza, o senhor sabe, o senhor já disse praticamente, aí que é o elo, às vezes, da indústria que fabrica legalmente as armas e o elo com o crime organizado. É o intermediário que vai nos dizer para quem que as armas realmente e munição estão indo. Então, eu acho que o trabalho sério que a Polícia Federal vem fazendo em cima de tráfico de armas, todos eles partem do pressuposto de verificar quem está mantendo contato com as indústrias fabricantes de armas e munições e quem vai receber realmente essas armas e munições, para não acontecer o bumerangue ou até mesmo aquele outro efeito, nunca foi, não é, o bumerangue nunca foi jogado...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - É como a viúva Porcina, nunca foi viúva, quer dizer, então, as armas nunca...

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - Nunca saíram. O senhor achou a cidade eu falei? Fica bem no Lago de Itaipu.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É, eu estava olhando e vendo que Cascavel passou a ser um ponto importante porque ela fica no meio do caminho entre Guaíra, Foz do Iguaçu e Santa Helena.

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - É, o Superintendente já relatou para nós em reuniões que é a suposta próxima Delegacia no Estado do Paraná seria a cidade de Cascavel, é um entroncamento rodoviário que pega toda a Região Sul do País. Então, para se subir para São Paulo da fronteira de Santa Catarina e Rio Grande do Sul tem que se passar em Cascavel. Por isso que tantas vezes a cidade de Cascavel é citada, porque ou se passa por Curitiba, ou se passa por Cascavel. Então, para passar por Curitiba, quem sai da fronteira com carregamento de armas, tem que fazer um desvio muito grande. Então, Cascavel hoje é um ponto muito importante, é um ponto estratégico.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Cascavel e Toledo, seria mais ou menos também a outra que estou vendo. Mas realmente essa Santa Helena fica bem na beira do lago aqui, uma facilidade grande aqui para...

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - Porto livre.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E ali é um porto é?



O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - Ele tem vários atracadouros clandestinos na região. Já ocorreram várias operações da própria Secretaria de Segurança do Estado e explodiram até os atracadouros. A polícia de choque do Estado ia com seu grupo especial lá e explodiam esses atracadouros clandestinos. Acho até que nos próximos... tem uma operação grande que ocorreu em Foz do Iguaçu há cerca de dois meses atrás e ela vai ser repetida, pelo que... as notícias que nós temos desses atracadouros para... seria uma operação mais preventiva de se evitar que existam esses portos na região.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quer perguntar mais alguma coisa, Deputado? Eu queria... primeiro eu quero informar que às 18h estaremos reunidos com o Ministro de Relações Exteriores. Agora eu queria mais algumas coisas no sentido.... nós temos essa fronteira do Mato Grosso do Sul aqui, passa alguma coisa ou é só até Guaíra e o senhor pensa que vai mais aqui também?

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - Não, a área nossa ali vai até ali mesmo. Mas, com certeza, Ponta Porã é um local importante, e Corumbá, mais para cima, também é outro ponto importante de investigação, são os pontos... Foz, Guaíra, Ponta Porã e Corumbá, que é um pouco mais distante, são os 4 pontos principais...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Me diga uma coisa: nessa fronteira com Argentina e com... vejo até aqui uma fronteira interessante...

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - É o sudoeste do Paraná.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Acontece alguma coisa?

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - Hoje o principal... o que nós temos mais encontrado nessa região sudoeste até a região da Delegacia de Guarapuava, essa região sudoeste, é o tráfico grande de entorpecentes, principalmente de lança-perfume...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Que vem da Argentina

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - Então, a delegacia.. é que vem da Argentina...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Que eu estou vendo aqui que tem uma fronteira seca.

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - Seca.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Que não tem nada a ver aí com o rio...

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - É. A Delegacia de Guarapuava nossa é a recordista no Brasil de apreensão de lança-perfume, todos entrando via Argentina pela região sudoeste, pela fronteira seca.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E lança-perfume e armamento, o que a gente tem disso?

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - Acho que não tem nada substancial ainda de investigação. Acho que agora, com essa estruturação da Delegacia, nós vamos conseguir fazer um raio-x dessa fronteira e...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Para poder saber.

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - Eu já vi que o Delegado Adriano já solicitou cópia de todos os flagrantes e apreensões de armas nos últimos anos na região. Com certeza ele está montando uma estatística e um mapeamento dessa região aí.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Agora me diga uma coisa: Foz do Iguaçu ali, Ciudad Del Este, Puerto Guaíra e tudo mais, arma se compra no meio da rua?

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - Não, é lojas de arma normal. Lojas abertas igual uma loja legalizada...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Arma e munição?

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - Arma e munição.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quer dizer, você compra, basta ter dinheiro.

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - Munição de todo tipo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Basta ter o dinheiro... eles chegam a entregar do lado brasileiro?

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - Já prendeu gente que diz que recebeu do lado brasileiro. Tem um *plus* a mais no pagamento e recebe do lado brasileiro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E já recebem aqui.

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - Todas essas informações são de autos de prisão em flagrante, apreensões. Então, às vezes, o próprio ...não... está fazendo



uma avaliação, não, são pessoas que dizem que se pode receber do lado brasileiro com *plus* financeiro no pagamento da arma ou da munição.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Só para encerrar, o que esse tenente-coronel dos Bombeiros disse quando foi pego?

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - Eu vou... o Delegado Geraldo até passou para Comissão do senhor o nome do Juiz para solicitar cópia, mas a princípio ele se manteve em silêncio, não respondeu nenhuma pergunta. A única coisa que ele respondeu é que ele ia ter um problema danado com a corporação dele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É a única coisa, é?

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - No momento da prisão, isso um policial relatou.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E da onde teria... ele estava vindo de onde?

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - Ele estava em Foz do Iguaçu e estava indo para o Rio de Janeiro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Estava em Foz do Iguaçu?

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - Estava em Foz e estava indo para o Rio de Janeiro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E foi apreendido celular, coisa assim dele?

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - Acho que nos autos o senhor vai conseguir...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Porque é onde vai conseguir ter alguma coisa...

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - A quebra do sigilo...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Eu acho que essa prisão....

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quebra do sigilo já foi feita.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - ... é importante porque temos diversas denuncias também de policiais da Paraíba que vão para Foz do Iguaçu e trazem armas para municiar, ou seja, a ação...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Até na Paraíba, Deputado?



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Na Paraíba. Na Paraíba, ou seja, e acho que acontece em todo o País, ou seja, o policial vai lá e quem é que vai perceber que um policial vai lá fazer tráfico de armas?

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - Nós perdemos um soldado há uns dois meses atrás, estava num ônibus também voltando, munição de fuzil, armamento, então é comum essa relação triste...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Esse soldado ia para onde?

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - Acho que também Rio de Janeiro, também, o destino do ônibus. E essa relação crítica entre policiais fazendo tráfico de drogas e de armas, utilizando às vezes, da facilidade...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Da carteira.

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - ... do uso da carteira pode dar numa fiscalização.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Bom Doutor, eu agradeço a sua presença aqui. V.Sa. tem um tempo final para encerrar, então, o seu depoimento.

O SR. FERNANDO FRANCISCHINI - Eu agradeço novamente o convite que o senhor fez, por orientação até do Diretor, através do Superintendente a gente coloca à disposição da CPI do Tráfico de Armas a Superintendência do Paraná; dizer que a gente está à disposição para receber a CPI, para receber informações e que a Polícia Federal possa cooperar; e, mais uma vez, ressaltar que dessa reestruturação da Polícia Federal que foi feita há um ano atrás, já observando a importância do assunto do tráfico de armas para diminuir a violência em nosso País.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sem dúvida, desde já faço uma solicitação ao Presidente da República, que fortaleça a Polícia Federal para que ela possa fazer essa fiscalização com os meios necessários para tentar minimizar esse problema. Acho que força de vontade todos têm, muitas vezes usando de próprios recursos para conseguir fazer investigações. Vemos aí gente nova na carreira, que está com toda vontade de atuar e, assim, tem mais novos inclusive. Acho que esse incentivo deve ser dado para que possamos peneirar as nossas instituições, deixar aquilo que é bom para sociedade e aquilo que resolveu passar para o outro lado, infelizmente, aí tem que se botar é na cadeira mesmo, não tem outra solução. Dou por encerrada esta sessão, convocando para terça-feira que



vem, às 14h, e informando a todos os Parlamentares da CPI que às 18h estaremos reunidos com S.Exa. o Ministro das Relações Exteriores.